UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

Aluiza Alves de Araújo

AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO FALAR POPULAR DE FORTALEZA:
uma abordagem variacionista

Fortaleza

2007

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Aluiza Alves de Araújo

AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO FALAR POPULAR DE FORTALEZA:
uma abordagem variacionista

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de doutora em lingüística.

Orientadora: Maria do Socorro Silva de Aragão

Fortaleza

2007

DEFESA DE TESE

ARAÚJO, Aluiza Alves de. **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza**: uma abordagem variacionista. Fortaleza: UFC, Faculdade de Letras, 2007. Tese de Doutorado em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão - UFC (Orientadora - Presidente)

_____

Profa. Dra. Ivone Tavares de Lucena - UFPB (1ª Examinadora)

_____

Prof. Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho - UECE (2º Examinador)

_____

Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes - UECE (3º Examinador)

_____

Profa. Dra. Emília Maria Peixoto Farias - UFC (4ª Examinadora)

_____

Profa. Dra. Maria de Fátima Barbosa - UFC (Suplente)

_____

Profa. Dra. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin - UFC (Suplente)

Examinada a tese
Conceito: Aprovada
Em: 05 de dezembro de 2007

Dedico este estudo à minha querida mãe, Francisca Alves de Araújo, pelo exemplo de luta, coragem, paciência, determinação e persistência.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me proteger de todos os males, por possibilitar a realização de mais este sonho e, principalmente, por permitir que eu concluísse este trabalho gozando da mais perfeita sanidade mental.

À minha mãe, Francisca, e ao meu pai, Francisco, pelo apoio e carinho constantes, pelo amor incondicional e, sobretudo, por terem trabalhado dia após dia, incansavelmente, para que eu tivesse acesso ao estudo. Sem vocês, eu jamais teria podido concluir o ensino fundamental, quanto mais um curso de doutorado! Por isso, esta tese não é só minha. É nossa!

Aos meus irmãos, Edmundo e Emídio, pelo afeto, pela amizade, pela simples presença de vocês e também pelo socorro tantas vezes prestado nos momentos em que o computador se rebelava contra mim.

Á Maria do Socorro Silva de Aragão, minha orientadora e professora no Doutorado, pela confiança, incentivo, paciência, atenção, carinho e orientação dispensados durante a realização deste trabalho.

A Hebe Macedo de Carvalho, minha colega de Doutorado e minha amiga, pelas palavras de conforto e ânimo nas horas mais difíceis, pela paciência e atenção em ouvir minhas dúvidas sobre o VARBRUL e pelas nossas conversas quase diárias no *messenger*. Sinceramente, não encontro palavras que possam descrever a minha gratidão por sua amizade!

Aos bolsistas, voluntários, colaboradores e, em especial, a Kilpatrick Müller Campelo que ajudaram na constituição do *corpus* do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - NOPRPORFOR, sem o qual não teria sido possível a realização deste estudo.

A Juliana Gurgel e a Otávio Rios, meus queridos alunos, pela consideração e por trazerem da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) muitas das teses e dissertações citadas neste trabalho.

A Alcides Lima, colega do curso de Doutorado, por ter trazido da Universidade Federal do Pará (UFPA) textos que muito enriqueceram esta investigação.

Aos informantes, pela receptividade e carinho com que receberam os integrantes do Projeto NORPORFOR e, principalmente, pela disponibilidade em participar das entrevistas.

Aos professores Antônio Luciano Pontes e Abdelhak Rasky, pelas construtivas críticas feitas a este trabalho na fase de qualificação do projeto.

Aos meus professores do Doutorado por terem contribuído na minha formação acadêmica, pela atenção e pelo carinho com que sempre me trataram.

A Malena Monteiro e a Ana Cristina Cunha, pela amizade e também por terem feito o *abstract* deste trabalho.

Aos colegas do Doutorado, pela troca de conhecimentos, pela afeição, pelo estímulo e pela paciência em ouvir meus anseios, dúvidas e temores.

Aos colegas do Curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará (UECE) que concordaram com o meu afastamento das atividades docentes, no período de janeiro de 2007 a março de 2008, para que eu pudesse concluir este trabalho.

Aos coordenadores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Lingüística, pela atenção, respeito e carinho que sempre me dedicaram.

Ao meu anjo da guarda, por nunca me esquecer e, principalmente, pelos conselhos dados em sonhos no decorrer desta longa jornada.

A todos que, de uma forma ou de outra, colaboraram para a concretização deste trabalho.

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quiser passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
.....
(Fernando Pessoa)

RESUMO

Sob a perspectiva variacionista, defendida, principalmente, por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972, 1994), este estudo aborda a realização variável das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, em posição interconsonântica, com o propósito de descrever o comportamento variável das vogais médias pré-acentuadas na variedade do português popular dos fortalezenses. A escolha por um aspecto fônico, como matéria de estudo, justifica-se, em primeiro lugar, por ser o nível fonético o que mais, imediatamente, denuncia as diferenças sociais e regionais; e, em segundo, por ser o comportamento das vogais médias pretônicas, um dos fatos lingüísticos que permitem reconhecer as diversas áreas dialetais do português. Os 72 informantes utilizados, nesta pequisa, foram estratificados, igualitariamente, em função do sexo, da faixa etária e da escolaridade. Nesta análise, foram testados os seguintes fatores: vogal tônica, vogal átona seguinte, distância em relação à tônica, tipo de atonicidade, nasalidade, contexto fonológico precedente e seguinte, tipo de sílaba, estrutura morfológica, sexo, faixa etária e escolaridade. A hipótese principal era a de que a pretônica copiava o traço de altura da vogal tônica. Os resultados obtidos revelam que as variantes abertas, tanto as de /e/ quanto as de /o/, predominam, maciçamente, sobre as fechadas e altas. Confirmou-se a suspeita de que o fenômeno em questão é regido, primordialmente, pela harmonização vocálica da pretônica em relação à altura da tônica. No entanto, outros fatores, tanto de natureza lingüística quanto extralingüística, também podem favorecer ou desfavorecer a regra variável, dentre os quais, destacam-se: o contexto consonântico precedente e seguinte, o tipo de atonicidade, a faixa etária e a escolaridade. Pode-se concluir que a variação das pretônicas se apresenta como um fenômeno sistêmico, ou seja, condicionado, basicamente, por fatores estruturais.

PALAVRAS-CHAVE: vogal. pretônica. variação. falar. Fortaleza.

ABSTRACT

Under the variationist perspective, mainly defended by Weinreich, Labov and Herzog (1968) and Labov (1972, 1994), this study approaches the variable realization of the medium pretonic vowels /e/ and /o/, in interconsonantal position, aiming at describing the variable behavior of the pre-stressed medium vowels in the popular variable of the Portuguese language spoken by the people from the city of Fortaleza. The choice of a phonic aspect for this study is mainly justified by the fact that the phonetic level is the one which immediately shows the social and regional differences; besides, the behavior of the medium pretonic vowels is one of the linguistic facts that permits the recognition of the various dialectal areas of the Portuguese language. The 72 participants in this research were equally stratified, according to gender, age and school level. The following factors were tested in this analysis: tonic vowel, following non-tonic vowel, distance in relation to the tonic, kind of non-tonic vowel, nasality, pre and post phonological context, type of syllable, morphological structure, gender, age and school level. The main hypothesis was that the pre-tonic would copy the pitch feature of the tonic vowel. The results reveal that the open variable vowels, the /e/ and the /o/, appear in a greater number than the closed and high ones. We confirmed the idea that this phenomenon is mainly led by the vocalic harmonization of the pre-tonic related to the height of the tonic one. However, there are other factors, either linguistic or extra-linguistic, that can either favor or not the variable rule. Some of these factors are: the pre and post consonant context, the type of unstressed vowels, the age and the school level. Thus, the pre-tonics variation is a systemic phenomenon, that is, it is basically conditioned by structural factors.

KEY-WORDS: vowel. pre-tonic. variation. speak. Fortaleza.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 1 – Distribuição dos informantes por sexo, faixa etária e níveis de escolaridade 53
TABELA 1 – Distribuição das ocorrências pelo tipo de pretônica 75
TABELA 2 – Distribuição das variantes por número de ocorrências e percentuais 75
TABELA 3 – Atuação da natureza da vogal tônica sobre o alteamento de /o/ 77
TABELA 4 – Cruzamento de contigüidade e natureza da vogal tônica 78
TABELA 5 – Atuação da natureza da vogal átona contígua sobre o alteamento de /o/ 80
TABELA 6 – Atuação da consoante precedente sobre o alteamento de /o/ 82
TABELA 7 – Atuação da consoante subseqüente sobre o alteamento de /o/ 83
TABELA 8 – Atuação da atonicidade sobre o alteamento de /o/ 85
TABELA 9 – Atuação da sufixação sobre o alteamento de /o/ 86
TABELA 10 – Atuação da escolaridade sobre o alteamento de /o/ 87
TABELA 11 – Atuação da idade sobre o alteamento de /o/ 88
TABELA 12 – Cruzamento de faixa etária e escolaridade 89
TABELA 13 – Atuação da natureza da vogal tônica sobre o abaixamento de /o/ 91
TABELA 14 – Cruzamento de contigüidade e natureza da vogal tônica 92
TABELA 15 – Atuação da natureza da vogal átona contígua sobre o abaixamento de /o/ 93
TABELA 16 – Atuação da consoante precedente sobre o abaixamento de /o/ 95
TABELA 17 – Atuação da consoante subseqüente sobre o abaixamento de /o/ 96
TABELA 18 – Atuação da atonicidade sobre o abaixamento de /o/ 97
TABELA 19 – Atuação da sufixação sobre o abaixamento de /o/ 98
TABELA 20 – Atuação da estrutura da sílaba sobre o abaixamento de /o/ 99
TABELA 21 – Atuação da natureza da vogal tônica sobre a manutenção de /o/ 101
TABELA 22 – Cruzamento de contigüidade e natureza da vogal tônica 102
TABELA 23 – Atuação da natureza da vogal átona contígua sobre a manutenção de /o/ 103
TABELA 24 – Atuação da consoante precedente sobre a manutenção de /o/ 104
TABELA 25 – Atuação da consoante subseqüente sobre a manutenção de /o/ 105
TABELA 26 – Atuação da atonicidade sobre a manutenção de /o/ 106
TABELA 27 – Atuação da sufixação sobre a manutenção de /o/ 107
TABELA 28 – Atuação da estrutura da sílaba sobre a manutenção de /o/ 107

TABELA 29 – Atuação da idade sobre a manutenção de /o/ 108
TABELA 30 – Atuação da natureza da vogal tônica sobre o alteamento de /e/ 110
TABELA 31 – Cruzamento de contigüidade e natureza da vogal tônica 111
TABELA 32 – Atuação da natureza da vogal átona contígua sobre o alteamento de /e/ 113
TABELA 33 – Atuação da consoante precedente sobre o alteamento de /e/ 114
TABELA 34 – Atuação da consoante subseqüente sobre o alteamento de /e/ 115
TABELA 35 – Atuação da atonicidade sobre o alteamento de /e/ 117
TABELA 36 – Atuação da sufixação sobre o alteamento de /e/ 117
TABELA 37 – Atuação da escolaridade sobre o alteamento de /e/ 118
TABELA 38 – Atuação da idade sobre o alteamento de /e/ 119
TABELA 39 – Cruzamento de faixa etária e escolaridade 120
TABELA 40 – Atuação da natureza da vogal tônica sobre o abaixamento de /e/ 121
TABELA 41 – Cruzamento de contigüidade e natureza da vogal tônica 122
TABELA 42 – Atuação da natureza da vogal átona contígua sobre o abaixamento de /e/ 123
TABELA 43 – Atuação da consoante precedente sobre o abaixamento de /e/ 124
TABELA 44 – Atuação da consoante subseqüente sobre o abaixamento de /e/ 126
TABELA 45 – Atuação da atonicidade sobre o abaixamento de /e/ 127
TABELA 46 – Atuação da sufixação sobre o abaixamento de /e/ 128
TABELA 47 – Atuação da estrutura silábica sobre o abaixamento de /e/ 129
TABELA 48 – Atuação da idade sobre o abaixamento de /e/ 129
TABELA 49 – Atuação da natureza da vogal tônica sobre a manutenção de /e/ 131
TABELA 50 – Cruzamento de contigüidade e natureza da vogal tônica 132
TABELA 51 – Atuação da natureza da vogal átona contígua sobre a manutenção de /e/ 132
TABELA 52 – Atuação da consoante precedente sobre a manutenção de /e/ 133
TABELA 53 – Atuação da consoante subseqüente sobre a manutenção de /e/ 134
TABELA 54 – Atuação da atonicidade sobre a manutenção de /e/ 135
TABELA 55 – Atuação da sufixação sobre a manutenção de /e/ 136
TABELA 56 – Atuação da escolaridade sobre a manutenção de /e/ 137
TABELA 57 – Atuação da idade sobre a manutenção de /e/ 137
TABELA 58 – Cruzamento de faixa etária e escolaridade 138

LISTA DE SÍMBOLOS USADOS

[π] - oclusiva, oral, bilabial, surda (ou desvozeada)

[β] - oclusiva, oral, bilabial, sonora (ou vozeada)

[τ] - oclusiva, oral, alveolar, surda

[τϑ] - oclusiva, oral, alveolar, palatalizada, surda

[δ] - oclusiva, oral, dental, sonora

[δϑ] - oclusiva, oral, alveolar, palatalizada, sonora

[κ] - oclusiva, oral, velar, surda

[γ] - oclusiva, oral, velar, sonora

[ϕ] - ϕricativa, oral, labiodental, surda

[ϖ] - ϕricativa, oral, labiodental, sonora

[σ] - ϕricativa, oral, alveolar, surda

[ζ] - ϕricativa, oral, alveolar, sonora

[Σ] - ϕricativa, oral, palato-alveolar, surda

[Z] - ϕricativa, oral, palato-alveolar, sonora

[η] - ϕricativa, oral, glotal ou laríngea, surda

[ʱ] - ϕricativa, oral, glotal ou laríngea, sonora

[λ] - λateral, oral, alveolar, sonora

[×] - λateral, oral, (médio)-palatal, sonora

[μ] - oclusiva, nasal, bilabial, sonora

[ν] - oclusiva, nasal, alveolar, sonora

[ʲ] - oclusiva, nasal, palatal, sonora

[P] - vibrante simples, oral, alveolar sonora

[ɑ] - vogal oral, central, baixa, aberta

[□)]- vogal nasal ou nasalizada, central, média, aberta

[E] - vogal oral, anterior, média, aberta

[ɛ] - vogal oral, anterior, média, fechada

[ɛ)] - vogal nasal ou nasalizada, anterior, média, fechada

[ɪ] - vogal oral, anterior ou palatal, alta, fechada

[ɪ)] - vogal nasal ou nasalizada, anterior ou palatal, alta, fechada

[ɔ] - vogal oral, posterior ou velar, média, fechada

[ɔ)] - vogal nasal ou nasalizada, posterior ou velar, média, fechada

[□]- vogal oral, posterior ou velar, média, aberta

[ʊ] - vogal oral, posterior ou velar, alta, fechada

[ʊ)] - vogal nasal ou nasalizada, posterior ou velar, fechada

[φ] - semivogal oral, palatal ou anterior, alta

[ω] - semivogal oral, posterior ou velar, alta

[φ)] - semivogal nasal, palatal ou anterior, alta

[ω)] - semivogal nasal, posterior ou velar, alta

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS **14**

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA **17**

1.1 AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS 17
1.1.1 Breve percurso histórico 17
1.1.2 As pretônicas no português do Brasil 20
1.2 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA 41
2 METODOLOGIA 51
2.1 A AMOSTRA E OS INFORMANTES 51
2.2 COLETA DE DADOS 55
2.3 DEFINIÇÃO OPERACIONAL DAS VARIÁVEIS 57
2.3.1 Variável dependente 57
2.3.2 Variáveis independentes 58
2.3.2.1 Variáveis lingüísticas 58
2.3.2.2 Variáveis sociais 63
2.4 LEVANTAMENTO E CODIFICAÇÃO DO MATERIAL LINGÜÍSTICO 66
2.5 MÉTODO COMPUTACIONAL DE ANÁLISE 67
2.6 RODADAS EXPERIMENTAIS 70
3 AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO FALAR POPULAR DE FORTALEZA 75
3.1 PRETÔNICA RECUADA 76
3.1.1 Alteamento 76
3.1.2 Abaixamento 89
3.1.3 Manutenção 100
3.2 PRETÔNICA NÃO-RECUADA 109
3.2.1 Alteamento 109
3.2.2 Abaixamento 120
3.2.3. Manutenção 130
3.3. CONFRONTO ENTRE AS ANÁLISES DE /e/ E /o/ 138
CONSIDERAÇÕES FINAIS 143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 146
APÊNDICE A – Quadro de distribuição dos informantes por bairro e profissão 152
APÊNDICE B – Modelo de ficha de informante 153
ANEXO A – Diagrama das vogais cardeais 154

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O vocalismo átono do português, principalmente o da pauta pretônica, tem despertado várias discussões no âmbito da investigação lingüística pela multiplicidade de tipos existentes nas

diversas línguas do mundo e pela dificuldade de classificação em virtude de sua produção na região mediana da boca.

No português do Brasil, as vogais médias pretônicas têm sido objeto de inúmeros estudos, seja numa perspectiva mais propriamente fonológica, seja nos prismas da Dialetologia e da Sociolingüística Variacionista.

O foco de atenção desta investigação recai sobre a realização variável das médias pretônicas /e/ e /o/ no falar popular dos fortalezenses. A análise das pré-acentuadas restringe-se aos contextos interconsonânticos (C_.C), em sílaba inicial ou medial, porque esta estrutura silábica é a que ocorre com maior freqüência e, além disso, os outros tipos de sílaba apresentam estruturas que condicionam a aplicação categórica de uma ou outra variante.

O fenômeno em questão é abordado sob a perspectiva da Teoria Sociolingüística Quantitativa Laboviana, por este modelo privilegiar a análise da linguagem em uso e por possibilitar a sistematização das variações/mudanças lingüísticas.

Nesta investigação, utilizou-se uma amostra constituída por 72 informantes, provenientes do *corpus* Norma do Português Oral Popular de Fortaleza (NORPORFOR), com o objetivo precípuo de descrever e analisar a atuação de fatores lingüísticos e sociais nas regras de alteamento, abaixamento e preservação das pretônicas /e/ e /o/ no dialeto local.

Defendeu-se que a altura da vogal tônica à vogal candidata era o principal condicionador do processo de variação das médias pré-acentuadas. Supôs-se também que outros fatores poderiam estar atuando, de forma positiva ou negativa, sobre o processo em estudo, tais como, as consoantes circunvizinhas, a atonicidade, a escolaridade, a faixa etária entre outros.

Por várias razões, considera-se bastante justificável o interesse em estudar o comportamento variável das vogais médias pretônicas. A primeira seria para termos uma melhor compreensão do funcionamento do sistema sonoro do português, em específico o português do Brasil. A segunda está relacionada ao fato de que os resultados desta pesquisa podem ser vistos como uma contribuição para o ensino de língua materna, já que o conhecimento da diversidade lingüística brasileira é imprescindível em virtude das freqüentes situações de heterogeneidade lingüística com as quais, constantemente, professor e aluno se deparam em sala de aula; e para o ensino de língua estrangeira. A terceira seria uma contribuição aos estudos diacrônicos. A última justificativa diz respeito ao reconhecimento de voz humana pelo computador e, também, por sistemas de segurança.

A escolha por um aspecto fônico, como matéria de estudo, justifica-se, em primeiro lugar, por ser o nível fonético o que mais, imediatamente, denuncia as diferenças sociais e regionais; e, em segundo, por ser o comportamento das vogais médias pretônicas, um dos fatos lingüísticos que permitem reconhecer as diversas áreas dialetais do português falado no Brasil, além de diferenciar o português europeu do português brasileiro.

Embora estudiosos de várias partes do território brasileiro e de orientação diversa tenham se preocupado com as pretônicas, como se verá mais adiante, não se tem, até o presente momento, conhecimento de nenhum estudo variacionista sobre esse tema no dialeto cearense. Pretende-se, então, sanar esta lacuna com a presente investigação.

Neste trabalho, pretende-se revelar como se dá a variação das pré-acentuadas no falar dos fortalezenses, o que, conseqüentemente, amplia o conhecimento que se tem sobre o português falado no Brasil, conforme solicitação feita há quase um século por Amaral (1920, p. 43): "fala-se muito num dialeto brasileiro, entretanto até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialetação". Já se passou muito tempo desde que Amaral chamou a atenção para a necessidade de se descrever o português falado no Brasil, porém, apesar de muitos trabalhos já terem sido publicados, ainda não é possível dizer que são conhecidas todas as variedades lingüísticas faladas no Brasil.

Compreende-se esta pesquisa, no contexto dos falares cearenses, como um pequeno passo de uma longa jornada que só será completamente concluída quando forem registradas as variedades lingüísticas dessa região tão diversificada.

Esta tese é constituída pelas seguintes partes: esta parte introdutória; a fundamentação teórica, que abrange a revisão bibliográfica sobre as pretônicas e aborda os pressupostos teóricos da Teoria da Variação e da Mudança Lingüística; a metodologia, apresentando a constituição da amostra, a definição das variáveis, o método computacional de análise e as rodadas experimentais; a apresentação e interpretação dos resultados; uma síntese dos principais resultados obtidos nas análises realizadas para as pretônicas /e/ e /o/; as considerações finais; e, por fim, as referências bibliográficas utilizadas nesta investigação.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo está dividido em duas grandes partes: na primeira, faz-se, inicialmente, uma recensão bibliográfica sobre o objeto de estudo – as pretônicas –; e, na segunda, apresentam-se os pressupostos e conceitos básicos da Sociolingüística Laboviana, destacando aspectos que

possibilitam enquadrar o fenômeno em estudo na perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Lingüística.

1.1 AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS

Nesta seção, faz-se, inicialmente, uma breve alusão às prováveis origens da variação das vogais médias pretônicas em português, esclarecendo desde já que não se tem a pretensão de fazer, aqui, uma análise diacrônica sobre o fenômeno em pauta. Sendo assim, o que se quer, então, é buscar alguns indícios, no português antigo, que ajudem a explicar certas regularidades observadas no comportamento dessas vogais na atualidade.

Em seguida, abordam-se alguns estudos sobre as pretônicas na variedade do português brasileiro atual, embora não se tenha a ilusão de, com isso, esgotar a totalidade dos trabalhos já realizados sobre esse tema. Dá-se maior atenção, dentre estes estudos, aos resultados mais relevantes das pesquisas de cunho variacionista com o propósito de examinar, em cada um, as motivações estruturais e sociais que favorecem a aplicação das regras de alteamento, fechamento e abaixamento.

Foi com base nas informações colhidas tanto do ponto de vista diacrônico quanto sincrônico que se fez a formulação das questões e hipóteses que guiam esta investigação, bem como o levantamento das variáveis testadas na presente análise.

1.1.1 Breve percurso histórico

Os primeiros textos escritos em língua portuguesa dão notícia da variação das vogais médias pretônicas. Além disso, do século XVI ao começo do século XVIII, encontram-se, de forma assistemática, nas obras de gramáticos e ortógrafos portugueses da época[1], vestígios sobre a pronúncia variável das vogais médias pretônicas. Esses estudiosos apresentavam, quase sempre,

[1] Os gramáticos mencionados aqui são: Fernão de Oliveira, 1536; Abraham Mendola, 1785; Manoel Dias de Sousa, 1804; João de Barros, 1540; e os ortógrafos são: Duarte Nunes do Lião, 1576; Pe. Bento Pereyra, 1666; Joam de Franco Barreto, 1671; Francisco Felis Carneiro, 1783; Monte Carmelo, 1767; João de Moraes Madureira Feijó, 1739; João de Barros, 1540 (SILVA, 1989; BISOL, 1981).

uma preocupação normativa, quando se referiam às variantes de /e/ e /o/ em posição pré-acentuada, já que as informações obtidas sobre essas vogais eram, na maioria das vezes, extraídas de listas de "erros" e/ou de comentários críticos sobre os falares portugueses daquele período.

Conforme observação de Leite, Callou e Moraes (2003), o alteamento é um processo bastante antigo em português. Em 1536, Fernão de Oliveira, o primeiro gramático da língua portuguesa, documenta, como informa Nina (1991, p. 23), no dialeto padrão de Lisboa, o alteamento na série das recuadas, e exemplifica tal variação em "somir e sumir"; "dormir e durmir"; "bolir e bulir". A respeito da elevação de /e/, alguns estudiosos acreditam que sua origem esteja na segunda metade do século XVI, enquanto outros defendem que a alternância entre e :: i ocorre pouco antes da data fixada. Por outro lado, Bisol (1981, p. 240-41), ao consultar o *Appendix Probi*[2], em *Fontes do Latim Vulgar* de Serafim Silva Neto, detecta a alternância entre e ~ i *("festuca non fistuca") e o ~ u ("formica non furmica")* em sílabas pré-acentuadas. Por essa razão, a autora entende que o alçamento em português é uma herança do latim do século IV d.C.

Consultando as obras de gramáticos e ortógrafos do passado, Silva (1989) verifica que, embora haja discordância quanto à data de origem do alteamento, não restam dúvidas de que esse processo "tem permanecido estável por, pelo menos, quatro séculos, o que certamente explicará o caráter geral que o fenômeno tem no português moderno" (SILVA, 1989, p. 45).

Observando a grafia variável entre e :: i e o :: u em sílaba pré-acentuada no português antigo, constata-se, sem dificuldade, que, já naquela época, a altura da vogal tônica favorece a elevação. Como se verá na próxima seção, esse condicionamento ainda se mantém bastante atual nos dias de hoje.

Sobre a elevação de /e/, o filólogo Silva Neto (1986, p. 608) relata que Franco de Sá registra o testemunho do gramático D. Jerônimo Contador de Argote, segundo o qual, no início do século XVIII, as pessoas diziam, em certas partes do Algarve, "pidaço" e não "pedaço", assim como pronunciavam "dizer" em vez de "dezer". Ainda conforme Silva Neto (1986), para Franco de Sá, os lisboetas que "falavam bem" diziam "pedaço" e não "pidaço", preferindo, assim, manter a vogal média pretônica. Pode-se perceber, então, que, naqueles tempos, o alteamento parecia estar condicionado por fatores extralingüísticos, como a região e a classe social. Com relação à vogal /o/, Silva Neto (1986, p. 612) também informa que a pronúncia alçada [ʊ], que se

[2] Documento onde são registradas palavras latinas ortografadas, erroneamente, com suas respectivas correções, possibilitando, assim, deduzir a pronúncia da época.

prolifera no século XVIII, é considerada um "erro", como documentam as extensas listas dos gramáticos da época.

Quanto ao abaixamento, a hipótese mais propagada entre os estudiosos é a de que as pretônicas, nos primeiros séculos de existência da língua portuguesa, sempre eram médias. Já Silva (1989) acredita que as escassas referências ao abaixamento das vogais /e/ e /o/ pretônicas no português antigo deve-se à preocupação dos gramáticos e ortógrafos em registrar a pronúncia média dessas vogais, considerada a forma de prestígio, e não a realização baixa. Por essa razão, não mencionavam as variantes baixas em seus estudos, já que as consideravam um "erro". Mas, não se pode comprovar a veracidade desta tese, visto que, sobre as vogais do português antigo, principalmente, sobre as pretônicas, não há conclusões definitivas. A autora acrescenta ainda que as vogais baixas alternam com as médias nos séculos XVI e XVIII e, possivelmente, no século XVII também.

Sintetizando as informações deixadas pelos ortógrafos Monte Carmelo, Feijó e João de Barros, Silva (1989) verifica que o abaixamento das pretônicas é motivado pelos seguintes condicionamentos:

a) em contexto onde recai o acento secundário tanto em /e/ quanto em /o/ (*estópada* e *sótavento)*, admitindo que os acentos agudos aplicados às pretônicas assinalam a sua realização baixa;

b) precedendo grupos consonantais do tipo cç, ct, pç, pt, gm, gn (*sécção, colléctár, nóctiluz, adópção, percépçâm, adóptár, ségménto, régnânte*), que, ainda hoje, propiciam a realização das vogais com o traço [+ baixo] na variedade do português europeu;

c) antecedendo a consoante lateral –l, muitas ocorrências da pré-acentuada /e/ recebiam acento agudo (*béldáde, sélvática*), como ainda favorece nos dias atuais a abertura da não-recuada tanto no falar português quanto no falar brasileiro;

d) antecedendo R ou r (*mórdomo, córagem*), a vogal /o/ tendia a ser abaixada;

e) palavras derivadas que conservam a tônica primitiva em posição pretônica (*séttáda, sélvática*), como ainda ocorre, modernamente, no português brasileiro e europeu.

Em suas conclusões a respeito das vogais baixas, a autora identifica, no português do passado, dois tipos de condicionamento agindo sobre essas vogais: um de natureza morfológica e outro de caráter fonológico. O primeiro, referindo-se às informações colhidas por Teyssier sobre a grafia de João de Barros, evidencia que as palavras primitivas transferiam o timbre aberto de

suas tônicas às sílabas pretônicas; enquanto o segundo está relacionado à vizinhança de certas consoantes. Mais adiante, como será visto na seção seguinte, tais condicionamentos, ainda hoje, exercem um papel muito relevante sobre a variação das pretônicas.

1.1.2 As pretônicas no português do Brasil

No Brasil, desde quando Nascentes (1953) trata a realização variável das pretônicas como um marco fundamental na divisão de dialetos geográficos brasileiros, vários estudiosos passaram a dedicar atenção a essas vogais.

Em sua clássica divisão, o autor (1953, p. 25-28), baseando-se nas próprias impressões de viagem após percorrer todo o país, propõe que os falares brasileiros estão divididos em dois grandes grupos: os do Norte e os do Sul, sendo os primeiros caracterizados pela ocorrência de pretônicas abertas, e os últimos por sua realização fechada. O grupo do Norte é composto pelo *sub-falar amazônico*, que abrange os falares do Acre, do Amazonas, do Pará e de parte de Goiás, e pelo *sub-falar nordestino*, compreendendo os falares do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. O grupo do Sul é constituído por quatro sub-falares: o *baiano*, que o autor considera "intermediário entre os dois grupos", inclui os falares de Sergipe, Bahia, parte de Minas Gerais (norte, nordeste e noroeste) e uma parte dos de Goiás; o *fluminense* engloba os falares do Rio de Janeiro, Espírito Santo e parte dos de Minas Gerais (zona da mata e parte leste); o *mineiro* encerra os falares de Minas (parte do leste e da região centro-oeste) e o *sulista* é composto pelos falares de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, sul de Goiás, sul de Minas, Triângulo Mineiro e Mato Grosso.

Tentando reforçar a tese de que, dependendo da região, as pretônicas se realizam de forma diferente, Cardoso (1999), com base em trabalhos de natureza diversificada, esboça um quadro referente à distribuição do fenômeno em várias localidades do Brasil (Amazonas, Pará, Acre, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul). A autora nota que, com relação ao Ceará, "os dados disponíveis não especificam a realização predominante, razão pela qual se deixa de assinalá-la no quadro" (CARDOSO, 1999, p. 104).

Estudando o falar carioca, sob o ponto de vista estruturalista, Câmara Jr. (1997) mostra que, em posição tônica, há sete fonemas vocálicos (/a, ê, è, i, ô, ò, u/), mas, em sílaba pretônica, esse número é reduzido a cinco (/a, e, i, o, u /), porque, nesse contexto, ocorre o processo de neutralização, isto é, a perda de oposição, entre as médias /ê/ e /è/ ou entre /ô/ e /ò/, prevalecendo as variantes fechadas na variedade em estudo. Referindo-se ao contraste entre as médias e altas (/e/-/i/ e /o/-/u/) em posição pré-acentuada, o autor afirma que, no Brasil, essa oposição é "funcionalmente pobre, porque a vogal alta se substituiu à vogal média correspondente, na pronúncia usual, para a maior parte dos vocábulos que têm vogal alta na sílaba tônica" (CÂMARA JR., 1997, p. 24).

Embora Nascentes (1953) já afirmasse em 1922, na primeira edição de *O linguajar carioca*, que a realização das pretônicas constitui um elemento primordial para distinguir os falares do Norte dos do Sul, foi somente em 1979, com a dissertação de Jacyra Mota, que teve início o estudo sistemático dessas vogais, inaugurando, assim, a fase das pesquisas variacionistas. Desde então, a atenção dos estudiosos, antes focada nos contrastes e neutralizações das pretônicas, volta-se para a especificação mais detalhada dos fatores que favorecem ou não este fenômeno e para os valores percentuais e probabilísticos de aplicação da regra.

Alguns dos estudos variacionistas mais importantes sobre o comportamento das médias pretônicas serão apresentados a seguir. Estes trabalhos partem, em sua maioria, de amostras bastante representativas da variedade estudada e submetem seus dados a tratamento estatístico, excetuando-se o de Mota (1979) que não trabalha com dados estatísticos, mas nem por isso deixa de oferecer informações valiosas sobre o fenômeno em análise.

Mota (1979) estuda a variação das pretônicas, partindo de uma amostra constituída por 05 informantes analfabetos da zona rural de Ribeirópolis- Se.

A autora nota que os vocábulos com as formas -inho e -zinho apresentam comportamento distinto em relação à variação das pretônicas, ao passo que a maioria dos outros sufixos não exerce nenhum condicionamento especial sobre as formas sufixadas.

Analisando os fatores fonéticos, a pesquisadora nota que o alteamento e o abaixamento das pré-acentuadas são determinados, basicamente, pelo processo de harmonia vocálica, desencadeado pelo traço de altura da tônica, vizinha ou não. Apesar de Mota (1979) não ter considerado o fator vogal inacentuada contígua de mesma altura, observa-se em seus dados,

como demonstra a palavra n[ɪ]g[ʊ]cia[3], que esse contexto também beneficia a assimilação vocálica no dialeto estudado.

Quando não era possível explicar a elevação ou o abaixamento da pretônica por meio da interferência do traço de altura da vogal tônica, a autora atribuía a variação das pretônicas à influência das consoantes adjacentes. A variante [ɪ] é favorecida pelas consoantes precedentes [+ anterior] (pal[i]tó). A forma [ʊ] é beneficiada pelos segmentos [- anterior] (c[u]berta), assim como pelas consoantes precedentes [π, β, ɸ, ϖ, μ] (p[ʊ]leiro), que, devido à natureza labial de sua articulação, favorecem a variante alteada. As pretônicas [E, □] são privilegiadas por uma soante precedente /r/ (pr[□]cissão, pr[E]firo) e pela consoante contínua seguinte /x/ (v[E]rdura, b[□]rnal). Silva (1989, 1991), com base em 24 informantes, distribuídos uniformemente pelos dois sexos e por três faixas etárias (25 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante), trata, detalhadamente, das pretônicas no dialeto culto de Salvador em posição inicial, entre consoantes (CVC ou CV-C), nos ditongos e hiatos. No entanto, dedica maior atenção à posição interconsonantal por considerá-la mais freqüente. A autora, com o intuito de confirmar tendências observadas nos dados do NURC, usa duas amostras auxiliares, uma extraída do Atlas Prévio dos Falares Baianos e outra constituída por ocorrências provindas do estudo de Mota (1979), como já foi visto.

Analisando os dados, Silva observa que, entre os baianos, as variantes baixas predominam, maciçamente, sobre as altas e médias. Além disso, verifica que a variação das médias é, principalmente, regida por uma regra de harmonização vocálica, em que a pretônica assimila a altura da vogal seguinte, tônica ou não.

O comportamento das pretônicas é explicado pela autora, na variedade em estudo, por meio de três regras principais:

a) a regra categórica de timbre é característica do falar baiano e determina que, independentemente do padrão silábico, as pretônicas médias só aparecem diante de vogal de mesma altura (c[o]rreio e c[ɛ]rveja) e as variantes baixas ocorrem diante dos demais ambientes vocálicos [α E □ ʊ ɪ α)) □) o)) ɪ) ʊ)] (n[□]vela, n[E]cessário);

[3] Os exemplos citados no presente estudo apresentam a vogal pretônica transcrita conforme o relato dos autores dos trabalhos citados. Por exemplo, as pretônicas da palavra n[ɪ]g[ʊ]cia são apresentadas de acordo com a transcrição: [nigu∪sia], fornecida por Mota (1979, p. 125).

b) a regra variável de elevação em que o alteamento tende a atingir tanto /e/ quanto /o/ nos seguintes contextos: antes de sílaba que contenha vogal alta, oral ou nasal (p[ɪ]cúlio, pr[ɪ]sunto, br[ʊ]chura, c[ʊ]rtina); quando a palavra base apresentar vogal tônica alta (s[ɪ]rviço, s[ɪ]rvo, disc[ʊ]brir, disc[ʊ]bro); quando for antecedida por consoante labial (p[ʊ]rção, cab[ɪ]ceira); antes de consoante velar, a vogal posterior está propensa à elevação (g[ʊ]verno); antes do segmento dento-alveolar não-lateral, a vogal anterior tende a sofrer alçamento (t[ɪ]soureiro); e, por fim, em posição inicial e após consoante [ζ], a vogal anterior, precedendo sílaba que contenha vogal alta, tende a propiciar a elevação ([ɪ]xata);

c) a regra variável de timbre, que parece restrita ao dialeto baiano, age sobre as pretônicas /e/ e /o/, tornando-as médias, nos seguintes casos: quando, na sílaba seguinte, há vogais, primeiramente, altas e, secundariamente, nasais; quando as pretônicas pertencem a vocábulos de emprego não-popular.

Embora a autora descarte a possibilidade de inserir informação a respeito das variáveis sociais testadas em qualquer uma das regras em conseqüência da fragilidade dos resultados, Silva (1989) observa que:

a) quanto ao sexo, os homens usam mais a variante [ɪ] do que as mulheres, tal como ocorre com a variante [ʊ], embora os números fiquem em torno do ponto neutro;

b) com relação à procedência social, o alçamento tanto de /e/ quanto de /o/ ocorre mais entre os falantes cujos pais também são graduados;

c) no que tange à pretônica /o/, os mais idosos (56 anos em diante) são os que mais uso fazem da variante alteada, mas, no que se refere à vogal média /e/, os números estão muito próximos do ponto neutro, não permitindo nenhuma conclusão definitiva.

Para a autora, a preferência dada às variantes médias pelos grupos sociais analisados é decorrente de interferência da norma carioca, já que esta norma indica prestígio social.

Pereira (2000), utilizando, na íntegra, o *corpus* do Projeto de Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB), composto de 60 informantes, distribuídos, igualmente, de acordo com o sexo, a faixa etária e o grau de escolaridade, analisa a realização das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, em sílaba inicial de vocábulo, nos padrões silábicos CV e CVC.

Os dados obtidos demonstram que as variantes abertas predominam no falar pessoense e as formas elevadas são mais freqüentes do que as fechadas. Estes resultados coincidem com os obtidos por Silva (1989) na norma culta de Salvador, embora sejam divergentes no que tange à

proporção, pois, entre os soteropolitanos, as variantes baixas são superiores às altas e fechadas juntas, o que não acontece entre os pessoenses.

Avaliando a influência decisiva da variável vogal da sílaba seguinte no condicionamento do fenômeno em estudo, a autora detém-se apenas nos resultados estatísticos fornecidos para esta variável, constatando que a variação entre pretônicas altas, médias e baixas só ocorre diante das altas orais e, "nos outros contextos, as variantes se encontram em distribuição complementar: médias fechadas antes de vogais fechadas e médias abertas antes de vogais abertas" (PEREIRA, 2000, p. 108). Tais resultados são tão semelhantes aos de Silva (1989) que Pereira assinala ser possível aplicar ao dialeto pessoense as três regras básicas usadas para descrever o comportamento das pretônicas no dialeto baiano, alterando, levemente, apenas a regra variável de elevação, posto que, na variedade baiana, esta regra é aplicada diante de vogais altas, orais e nasais, já no dialeto de João Pessoa a regra só atinge as vogais altas e orais, mas não as nasais.

Em um outro trabalho, Pereira (1997), estudando o papel das variáveis sociais (sexo, faixa etária e escolaridade) sobre a realização das pretônicas no falar pessoense, constata que, embora os dados estatísticos não permitam grandes conclusões, estes fatores, isoladamente, não exercem grande influência sobre a variação das médias, só sendo possível chegar a conclusões pertinentes através do cruzamento entre as variáveis.

Cruzando-se o sexo e a faixa etária, notou-se uma discreta indicação de que as mulheres adultas (26-49 anos) tendem a beneficiar mais as formas inovadoras [ɛ, ɔ] e altas [ɪ, ʊ] e, conseqüentemente, a desfavorecer as variantes baixas [E] e [□].

Feito o cruzamento entre a escolaridade e a faixa etária, constatou-se que "os jovens e velhos menos escolarizados são os que apresentaram os níveis mais altos de elevação, enquanto aos universitários são atribuídos os valores mais baixos" (PEREIRA, 1997, p. 172). Independentemente da faixa etária, os universitários são os que mais empregam as variantes fechadas, principalmente no que se refere a /e/, e os que menos usam as altas [ɪ] e [ʊ].

Fazendo a correlação entre sexo e escolaridade, confirmou-se, na maioria dos níveis de escolaridade analisados, a tendência das mulheres usarem menos as variantes abertas do que os homens e aplicarem mais a regra de fechamento do que os homens.

Vieira (1990) investiga o alteamento das pretônicas /e/ e /o/ e da tônica /o/ no falar rural do médio-Amazonas paraense, partindo de uma amostra constituída por 102 informantes, distribuídos segundo o sexo, a idade (30 a 39 anos, 40 a 59 anos e 60 anos em diante), a

escolaridade (alfabetizados e não-alfabetizados) e a localização geográfica (Santarém, Alenquer, Óbidos e Oriximiná).

Em sua pesquisa, a autora observa, tanto para as pretônicas /e/ e /o/ quanto para a tônica /o/, a tendência ao emprego das formas alteadas e também verifica não haver ocorrência de variantes baixas nos falares analisados. A vogal posterior é mais elevada até quando se encontra em sílaba tônica. O fator lingüístico que mais favorece a elevação das pré-acentuadas de ambas as vogais é a presença de vogal alta na sílaba seguinte (p[ɪ]dir, c[ʊ]ruja). No caso da tônica posterior, o contexto lingüístico que mais favorece a aplicação dessa regra é o segmento palatal seguinte à vogal candidata à elevação ([ʊ]lho, c[ʊ]xo).

Dentre os condicionamentos sociais, a idade e a procedência geográfica foram considerados os mais relevantes no processo de alteamento das pretônicas /e/ e /o/. Quanto à faixa etária, observou-se que os mais velhos (60 anos em diante) são os que mais empregam [ɪ] e [ʊ]. Com relação à procedência geográfica dos informantes, a autora menciona que a elevação das pretônicas /e/ e /o/ "é um fenômeno resultante da falta de contato entre os falantes usuários de outra variedade de linguagem, pois, quanto maior é o isolamento em que vivem os falantes, tanto maior é a resistência lingüística" (VIEIRA, 1990, p. 124).

Nina (1991) analisa o comportamento das médias pretônicas /e/ e /o/ em contextos CVC, com base em uma amostra do falar de 30 informantes, residentes na área urbana de Belém e estratificados de acordo com a faixa etária (25 a 35 anos, 36 a 50 anos e 51 em diante), a escolaridade (primário, ginasial, colegial e universitário) e o sexo (masculino e feminino).

Os dados estatísticos indicam uma tendência à manutenção das médias e apontam também um maior emprego das variantes baixas sobre as altas. Também, observa-se que, nos falantes de Belém, a regra de elevação afeta mais /o/ do que /e/, como ocorre no médio-Amazonas paraense.

Examinando os fatores selecionados como relevantes neste estudo, a autora nota que a variação das médias é, principalmente, regida pela altura da vogal da sílaba vizinha, assim tem-se pretônicas altas diante de vogais altas e pretônicas baixas diante de vogais baixas.

Constatou-se também que o ponto de articulação e o modo de articulação interferem na realização das pretônicas. Quanto ao primeiro, os resultados demonstram que o alçamento da vogal /o/ é favorecido apenas pelas consoantes labial e velar precedentes (m[ʊ]chila, c[ʊ]ruja) e pela labial seguinte (c[ʊ]bertura); o alteamento de /e/ é propiciado pela velar e labial precedentes (qu[ɪ]rido, b[ɪ]bida) e palatalizada e velar seguintes (p[ɪ]di, p[ɪ]queno); o abaixamento da vogal

posterior é promovido pelas consoantes alveolares e palatais precedentes (n[□]vela, j[□]gador) e as velares, alveolares e labiais seguintes (pr[□]gresso, t[□]tal, n[□]vembro); o abaixamento da vogal anterior é favorecido pelos contextos labial e alveolar precedentes (pref[E]rência, d[E]zembro). Com relação ao modo de articulação, as consoantes oclusivas precedentes (g[ʊ]verno), bem como as africadas e fricativas seguintes (m[ʊ]tivo, ch[ʊ]vendo), beneficiam o alteamento de /o/; as nasais e fricativas precedentes (m[ɪ]dida, s[ɪ]guro) e seguintes (m[ɪ]nino, b[ɪ]xiga), juntamente com as africadas seguintes (m[ɪ]tida), são os contextos favorecedores da elevação de /e/; as vibrantes e as nasais precedentes (apr[□]vado, dem[□]cracia), assim como a lateral e a fricativa seguintes (c[□]lega, n[□]vela) propiciam o abaixamento de /o/; a lateral e vibrante precedentes (l[E]gal, r[E]dor), assim como a vibrante e a oclusiva seguintes (m[E]rcado, r[E]dor), favorecem o abaixamento de /e/.

Um ponto a ressaltar é que a investigação de Nina, diferentemente das demais, analisa a consoante seguinte e precedente não só sob o critério do ponto de articulação, mas também do modo. Os resultados estatísticos, entretanto, não permitem inferir, para o modo de articulação, um comportamento diferente do que se observou para o ponto de articulação.

Analisando as variáveis sociais, a autora observa que, no tocante à variável faixa etária, escolhida apenas para /e/, os indivíduos com mais de 35 anos são os que mais elevam a vogal anterior. Mesmo com dados não muito significativos para a variável sexo, selecionada apenas para /o/, os homens surgem como os que mais realizam o abaixamento desta vogal. Tanto os informantes com nível superior quanto os informantes com primeiro grau utilizam as regras de elevação e abaixamento, não constituindo, assim, nas palavras de Nina (1991, p. 164), num fenômeno de "estigma social".

A autora sugere ainda que um processo de restrição lexical pode estar atuando sobre o abaixamento e a elevação das médias, já que essas regras "não atingem todo o léxico, ou seja, atingem certos itens lexicais e não atingem outros potencialmente sujeitos ao afetamento, o que indica a possível existência de uma questão lexical envolvida" (NINA, 1991, p. 162).

Examinando as vogais médias pretônicas em estruturas silábicas CV e CVC de início e meio de palavra, Freitas (2003) seleciona uma amostra constituída de 32 informantes da zona urbana de Bragança, no Pará, distribuídos por sexo (masculino e feminino), faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 45 anos e mais de 45 anos), escolaridade (baixa- até a 4ª série, fundamental- de 5ª a 8ª

série e média- do 1º ao 3º ano do antigo segundo grau) e renda (baixa- até R$ 400,00 e média/alta- acima de R$ 400,00).

A variante que atingiu maior freqüência, tanto na série das anteriores como na das posteriores, foi a manutenção das médias, enquanto a que apresenta segunda maior freqüência é a variante abaixamento, também em ambas as séries. As menores freqüências pertencem às formas elevadas [ɪ] e [ʊ]. Estes dados, juntamente com os resultados de Nina (1991) a respeito do falar belenense e as considerações de Vieira (1983) sobre os falares do Médio Amazonas e do Tapajós, confirmam a hipótese de Silva (1989), segundo a qual, comparado a outros falares do norte, o Pará é uma ilha dialetal.

Tomando para análise as variáveis lingüísticas consideradas relevantes em sua pesquisa, Freitas (2003) conclui: a vogal tônica contígua favorece as variantes altas, médias e baixas sempre que a pretônica /e/ e /o/ apresentar a mesma altura da vogal acentuada vizinha; praticamente, a mesma tendência é verificada para a variável vogal átona contígua; no que diz respeito à consoante precedente, observou-se que os índices probabilísticos mais elevados, dentre as posteriores, pertenciam ao contexto labial (b[ʊ]lacha), maior favorecedor da variante [ʊ] e, dentre as anteriores, o contexto palatal (t[ɪ]atro) foi o que apresentou maior índice probabilístico, sendo também o que mais condicionou [ɪ]; os índices probabilísticos mais altos, atribuídos à variável efeito da consoante seguinte, pertencem à consoante glotal [ɳ], favorecendo as pretônicas baixas (r[E]vista, r[□]tação); e, por fim, o fator átona casual baixa privilegia o abaixamento (c[□]rtar, f[E]char), enquanto os fatores átona casual de altura variável (inclusive alta) (p[ʊ]ssível, p[ɪ]dido) e átona permanente (f[ɪ]liz, m[ʊ]leque) são os que mais beneficiam o alteamento de ambas as vogais.

Dos fatores sociais analisados, apenas a escolaridade foi selecionada como estatisticamente relevante. Para esta variável, constatou-se que maior escolaridade favorece a manutenção das médias, à medida que menos escolaridade promove a realização das variantes altas.

Callou, Leite e Coutinho (1991), também estudando as vogais pretônicas, tentam delimitar a ação da regra de harmonização vocálica na norma culta carioca. Com esse intento, ouviram 18 informantes, distribuídos, igualitariamente, de acordo com o sexo, a faixa etária (25-35, 36-50, 51 em diante) e a área de residência (Zona Norte, Zona Sul e Zona Suburbana).

No início do trabalho, as autoras abandonam o tratamento das pretônicas nasais, em função do baixo percentual de emprego da regra de elevação da nasal posterior, em relação à anterior, restringindo a análise aos casos de alteamento da vogal oral. Após analisarem os dados, notam que os contextos condicionadores da elevação da vogal média anterior são diferentes dos das posteriores, o que diferencia o comportamento de ambas as vogais. Dessa forma, pode-se dizer que, no caso das vogais anteriores, o timbre da vogal seguinte determina o da pretônica, configurando, assim, um caso de harmonização vocálica. Já, no caso das posteriores, o que, principalmente, rege o alçamento é o compartilhamento de traços do modo e do ponto de articulação da consoante anterior, constituindo-se a altura da vogal tônica, apenas, num fator secundário.

A regra de abaixamento é pouco produtiva e sua ocorrência está condicionada, principalmente, a dois casos: à presença de vocábulos derivados por sufixação que conservam a vogal tônica baixa da forma primitiva, como, por exemplo, em p[E]zinho, b[E]líssima, n[□]vamente, entre outros; e à regra de harmonização vocálica a uma vogal tônica baixa (P[E]lé). As autoras constatam, ainda, que o abaixamento ocorre também em contextos não especificados acima, como em d[E]rrubam, fev[E]reiro, H[E]lena, p[E]rcebeu.

Os fatores extralingüísticos, tanto no alçamento como no abaixamento, não se mostraram significativos. Entretanto, vale ressaltar que o alteamento é um pouco mais aplicado entre os informantes acima de 51 anos e que os homens tendem a elevar mais as pretônicas do que as mulheres. Os locutores da Zona Sul elevam mais do que os da Zona Suburbana e os da Zona Norte.

As autoras, analisando a baixa produtividade da regra de alteamento, frente à manutenção das médias, concluem que este é um processo estável. A inibição do alteamento ocorreria devido a tendências articulatório-acústicas das médias inacentuadas.

Ainda tratando do falar urbano culto do Rio de Janeiro, Leite, Callou e Moraes (2003) estudaram a atuação dos fatores sexo (masculino e feminino) e faixa etária (25 a 35 anos; 36 a 55 anos e 56 em diante) sobre o alteamento de /e/ e /o/ em sílabas do tipo CV, analisando esse fenômeno em tempo real e em tempo aparente, com a finalidade de caracterizá-lo como um caso de variação/mudança no indivíduo e na comunidade. Para tanto, foram analisados três conjuntos de dados. O primeiro foi coletado no começo da década de 70; o segundo, na década de 90, foi

obtido pelo recontacto de alguns informantes do *corpus* anterior, e o terceiro é constituído, também na década de 90, por uma nova amostra com novos locutores.

Segundo os autores, os resultados referentes à elevação de /e/ foram os seguintes:

1) Comparando o comportamento dos informantes entrevistados em 70 com aqueles que foram recontactados, observou-se que os mais jovens mantêm o mesmo comportamento ao passar de uma faixa para a outra, excetuando-se os mais idosos que aplicam mais a variante alteada ao passar da terceira para a quarta faixa;

2) Ao confrontar indivíduos diferentes, não se notam diferenças marcantes, o que favorece a interpretação de que a comunidade em estudo é estável, já que, praticamente, não há diferenciação por faixa etária, principalmente nos anos 90;

3) Quanto ao comportamento de comunidades distintas nas duas décadas, vê-se que, em tempo aparente, a curva de alteamento se apresenta como um caso de variação estável, sendo que os falantes de 36 a 55 anos, em 70, são os que mais aplicam a regra e, em 90, os que fazem menos uso dela.

No que tange à elevação de /o/ nas três amostras, constatou-se que o fenômeno tanto é estável no indivíduo quanto na comunidade estudada, não sendo encontradas diferenças de comportamento entre os falantes com relação ao sexo.

Encerrando o trabalho, os autores, referindo-se ao alteamento, mencionam que, "é digno de nota o fato de um processo tão produtivo no português europeu não tenha tido continuidade no português brasileiro, mantendo praticamente a mesma variação, referida por vários autores, à época da colonização no Brasil" (LEITE; CALLOU; MORAES, 2003, p. 15).

Baseando-se num *corpus* constituído por 18 informantes extraídos do Projeto NURC, selecionados de acordo com a zona de residência (norte, sul e suburbana), o sexo (masculino e feminino) e a faixa etária (25 a 35 anos, 36 a 50 anos e acima dos 50 anos), Yacovenco (1993)[4] também analisa o comportamento das médias pretônicas na norma culta dos cariocas.

A autora observa o predomínio das variantes médias sobre as altas no dialeto em estudo e também detecta a ocorrência de pretônicas abertas, embora pouco significativa, se comparada à das demais variantes [ɪ, ʊ, ɛ, ɔ]. Yacovenco encontra indícios de que um processo de harmonia

[4] Como a autora não inseriu exemplos em seu trabalho, decidiu-se não citar, no presente estudo, vocábulos que demonstrassem a realização da pretônica.

vocálica, assim como acontece com o alteamento, seria a explicação mais plausível para a ocorrência do abaixamento no falar culto carioca.

A autora verifica que os contextos lingüísticos agem de modo diferente sobre a vogal média anterior /e/ e sobre a vogal média posterior /o/, confirmando os resultados de Callou, Leite e Coutinho (1991).

Assim, em relação à não-recuada, nota-se que esta vogal está intrinsecamente relacionada à harmonização vocálica, pois as vogais tônicas, médias e baixas, constituem o ambiente lingüístico que mais favorece a manutenção, enquanto que as altas, [ɪ] e [ʊ], desfavorecem essa regra. Outras variáveis lingüísticas também mostraram exercer influência sobre a realização da pretônica. No que se refere às consoantes, os segmentos palatais, as vibrantes ou vogais, antecedendo a anterior oral, são seus aliados na manutenção da média. Com relação à atonicidade, a manutenção é beneficiada quando, no paradigma derivacional, a pretônica estiver relacionada à vogal tônica média de formas primitivas.

Quanto à posterior oral, excetuando-se a vogal tônica /i/, as outras vogais tônicas (baixas, médias e alta posterior) promovem a realização média da pré-acentuada. Os contextos mais favorecedores da regra de manutenção são os segmentos precedentes- os grupos consonânticos, as vibrantes, as vogais e ausência de segmentos à esquerda da posterior oral- e seguintes- as alveolares, as velares e os grupos consonânticos- à recuada. Além disso, os sufixos não-verbais propiciam a aplicação da regra de manutenção tanto sobre a posterior oral, como para a anterior.

No caso das vogais nasais, tanto /e/ quanto /o/, constatou-se que as consoantes alveolares e os grupos consonânticos seguintes às pretônicas são os contextos que mais possibilitam a realização média.

Portanto, a autora conclui que a manutenção da média posterior oral, assim como da anterior e posterior nasal, está mais vinculada às consoantes antecedentes e subseqüentes do que ao processo de harmonização vocálica.

Analisando as variáveis sociais, Yacovenco observa que a regra de manutenção é favorecida pelos mais jovens, pelos informantes do sexo feminino e pelos residentes da zona norte, ao passo que os indivíduos do sexo masculino, assim como os moradores da zona sul, atuam no sentido de coibir o emprego dessa regra.

Tomando uma amostra constituída por 16 informantes de ambos os sexos, organizados em função do grupo sócio-econômico (classe operária e classe média), do estilo de entrevista (formal

e informal) e da faixa etária (jovens- 16 a 23 anos e adultos- 35 a 50 anos), Viegas (1987) analisa a realização variável das vogais médias pretônicas no dialeto de Belo Horizonte.

Analisando os dados, a autora verifica que os contextos propícios ao alteamento de /e/ são: começo de palavra ([ɪ]ntão); vogal vizinha tônica alta (s[ɪ]rviço); DE ou DES em sílaba inicial (d[ɪ]mais, d[ɪ]sligado). No que tange à elevação de /o/, os contextos que favorecem o alteamento são apenas dois: vogal alta acentuada na sílaba contígua (b[ʊ]nito) e consoante nasal seguinte (b[ʊ]neca). Os demais ambientes atuam no sentido de inibir o alçamento de ambas as vogais.

Viegas propõe, assim como Bisol (1981), Callou, Leite e Coutinho (1991) e Yacovenco (1993), duas regras para explicar o alçamento de vogais médias pretônicas na variedade estudada. Uma apresenta o alteamento de /e/ relacionado à harmonização vocálica, enquanto a outra mostra o alteamento de /o/ mais susceptível às consoantes adjacentes do que à vogal seguinte.

A autora não faz qualquer menção à ocorrência de pretônicas baixas no falar de Belo Horizonte e constata a neutralidade de todas as variáveis sociais.

Considerando que nem todos os casos de alteamento resultam de condicionamento fonético, Viegas entende a elevação das pretônicas como um processo de difusão lexical, ou seja, a regra não atingiria todos os itens lexicais, mas somente alguns.

Sobre a variação das pretônicas no falar capixaba, o único trabalho de cunho variacionista, que se tem conhecimento, é o de Celia (2004) cuja amostra, constituída por 9 informantes do sexo feminino com nível superior, é proveniente da comunidade de Nova Venécia.

Na variedade veneciana, a autora constata que o abaixamento é tão freqüente quanto o alteamento. Com base nisso, Celia considera a possibilidade de retirar o falar capixaba do grupo do sul do Brasil, onde não se verifica a ocorrência de vogais abertas, como defende Nascentes (1953), e inseri-lo no grupo do norte, em que ocorrem as vogais abertas, estendendo a fronteira demarcada por Nascentes, da Bahia para o Espírito Santo. Porém, as coisas não são tão simples assim, já que o abaixamento no dialeto capixaba não é condicionado pelos mesmos fatores que determinam, por exemplo, o abaixamento na Bahia e, além disso, não ocorre com tanta freqüência como na variedade baiana, mas é mais freqüente do que na variedade carioca. Por isso, a autora afirma que o Espírito Santo, no que se refere às vogais médias pretônicas, parece ser uma região de transição entre os falares do norte e do sul.

O principal fator que determina a realização das pretônicas /e/ e /o/ como médias, altas e baixas é a altura da vogal vizinha seguinte, seja ela tônica ou não. Outros contextos também revelaram interferir na realização das pretônicas: as vogais nasais (apr[ɪ)]di) propiciam a elevação de /e/, enquanto as orais (g[ʊ]stava) favorecem mais o alteamento de /o/; as sílabas abertas (CV) (p[ɪ]dir, c[ʊ]mer), ao contrário das fechadas (CVC) (p[ɛ]rder, d[ɔ]rmir), beneficiam o alçamento de /e/ e /o/; as átonas permanentes promovem a elevação de /e/ (f[ɪ]licidade) e /o/ (p[ʊ]licial); a palatal e a bilabial precedentes (ch[ɪ]gar, m[ɪ]lhor), assim como a velar seguinte (al[ɪ]gria), são os contextos que mais impulsionam o alteamento de /e/, enquanto que a palatal e a velar precedentes (j[ʊ]rnal, c[ʊ]bertor), bem como a labiodental seguinte (n[ʊ]vidade), constituem os ambientes mais favoráveis à elevação de /o/; as vogais de atonicidade casual baixa (l[E]var, b[□]lada) são as maiores responsáveis pelo abaixamento de /e/ e /o/; a labiodental precedente (dif[E]rença), a alveolar e a bilabial seguintes (lat[E]ral, cer[E]bral) favorecem o abaixamento de /e/, já as consoantes que atuam no sentido de abaixar /o/ são a alveolar, a palatal e a labiodental seguintes (c[□]zinha, m[□]lhado, n[□]vela).

O único fator não-lingüístico a ser testado por Celia, a faixa etária, não se mostrou significativo.

Bisol (1981) foi quem primeiro estudou, no falar gaúcho, a atuação da regra de harmonização vocálica em pauta pretônica interna do tipo CVC. Para isso, contou com uma amostra, representativa do falar popular (nível primário) e do falar culto (nível superior), constituída por 44 informantes estratificados em função do sexo, situação (teste versus fala livre), idade (25-35 anos, 36-45, 46-55, 56 em diante) e etnia- monolíngües metropolitanos cujos antecessores são lusitanos (falar culto e falar popular); bilíngües de uma área de colonização italiana (falar popular); bilíngües de uma região de colonização alemã (falar popular) e os monolíngües de uma zona de fronteira com o Uruguai (falar popular).

Analisando esta amostra, a autora observa o predomínio das formas fechadas e o emprego moderado das variantes altas. A respeito das formas baixas, Bisol não registra nenhuma ocorrência no dialeto em questão.

A vogal alta da sílaba imediatamente seguinte, independente de sua tonicidade, é o principal fator responsável pelo processo de harmonização vocálica, que, por espraiamento da regra, pode abranger uma (ad[ʊ]rmeciria), algumas (ad[ʊ]rm[ɪ]ceria) ou todas (ad[ʊ]rm[ɪ]c[ɪ]ria) as médias de uma seqüência. Além deste, outros fatores, também de natureza lingüística, se

mostraram relevantes na elevação. A nasalidade atua, positivamente, na elevação da vogal anterior (ac[ɪ)]dido), mas inibe o alteamento de /o/ (c[ɔ)]tido). A consoante precedente revela que o alçamento da pretônica é favorecido pelas velares (qu[ɪ]rido, c[ʊ]stela), tanto para /e/ como para /o/, e as labiais (b[ʊ]lacha), somente para /o/. Em se tratando da consoante seguinte, os contextos velar (p[ɪ]queno, f[ʊ]gão) e palatal (m[ɪ]lhor, p[ʊ]dia) favorecem a elevação de /e/ e /o/ e as labiais (tomate) privilegiam apenas /o/. A átona permanente, isto é, a que mantém o caráter de atonicidade durante todo o processo derivativo, como em m[ɪ]nino < m[ɪ]ninice, é um forte condicionador da elevação. As átonas variáveis, ou seja, vogais que se realizam como altas, médias ou baixas, encontradas em verbos de 3ª conjugação (f[ɪ]rir > firo > f[ɪ]rirei) e em irregulares de 2ª (p[ʊ]der > p[□]de > p[ɔ]de > pude), também motivam o alçamento em razão da presença abundante de vogais altas em seus paradimas. Já as átonas casuais (f[E]rro > f[E]rrugem e c[ɔ]ro > c[ɔ]rista) inibem a regra de alteamento.

Com relação às variáveis sociais, a pesquisadora nota que, com base nos dados do fator etnia, os metropolitanos (falar popular), falantes monolíngües de português, constituem o grupo que faz mais uso do alçamento, o que oferece fortes indícios de que esta regra é um fenômeno característico do português. Por outro lado, o fator sexo não se mostrou relevante no processo em análise. Com relação à faixa etária, os idosos, ao contrário dos jovens, são os que mais favorecem o alteamento, caracterizando esta regra como um processo em vias de regressão. No tocante ao tipo de entrevista, verificou-se que a situação de fala espontânea (fala livre) favorece a elevação das pretônicas, enquanto que, em contexto de fala dirigido (teste), o uso desta regra tende a ser inibido.

Com base numa amostra, constituída de 35 falantes, representativa do falar popular e do falar culto, e estratificada em diferentes etnias, nos moldes da amostra de Bisol, tal como já foi visto, Battisti (1993), outra pesquisadora que também se preocupou com a harmonização vocálica na variedade riograndense, mas em posição inicial de vocábulo, verifica que as médias pretônicas tendem a ser preservadas neste contexto, o que já havia sido evidenciado em posições internas, conforme mostra Bisol (1981).

Analisando os dados, Battisti (1993) tece, levando em conta os altos índices de alteamento, duas importantes considerações: a vogal /e/, apresenta, diante de /S/ e /N/, um comportamento quase categórico; e /e/ e /o/, seguidas de vogal alta na sílaba seguinte, tornam-se, por um processo assimilatório, altas. Isso torna evidente, segundo a autora, que,

independentemente da posição, inicial ou interna, os princípios que regem a harmonização vocálica são os mesmos.

A pesquisadora, referindo-se às variáveis sociais, menciona que os descendentes de italianos e os metropolitanos de fala popular são os que mais elevam as pretônicas.

Schwindt (2002) também revisitou a regra de harmonização vocálica no falar gaúcho, tanto em contextos do tipo CVC como em início absoluto de palavra, servindo-se de uma amostra, extraída do Projeto VARSUL, constituída de 64 informantes, 16 de cada cidade do Rio Grande do Sul que compõe o *corpus*: Flores da Cunha (zona de colonização italiana), Panambi (alemães), São Borja (fronteiriços) e Porto Alegre (metropolitanos).

Os resultados deste estudo revelam o predomínio das variantes fechadas sobre o uso moderado das formas alteadas, assim como observaram Bisol (1981) e Battisti (1993) em seus trabalhos. Além disso, o autor não menciona qualquer ocorrência de variante baixa.

Analisando as variáveis lingüísticas consideradas relevantes em seu estudo, Schwindt (2002) nota que a vogal homorgânica alta, selecionada apenas para a vogal /e/, favorece a elevação dessa vogal (m[ɪ]nino); a nasalidade, selecionada apenas para /o/ (c[o)]quista), desfavorece a elevação dessa pretônica, ao contrário das orais; com relação ao contexto precedente, as consoantes com articulação alta: as velares, tanto para /e/ como para /o/ (qu[ɪ]ridas, c[ʊ]midas), e as palatais, para /o/ (melh[ʊ]ria), beneficiam o alçamento da pretônica e as demais atuam de modo inverso; em se tratando do contexto seguinte, pode-se dizer que a elevação de /e/ é favorecida apenas pelos contextos velar e sibilante (s[ɪ]guinte, v[ɪ]stidos) e os mesmos contextos, embora com índices probabilísticos menos expressivos, também se revelaram favorecedores na elevação de /o/ (l[ʊ]cutor, p[ʊ]sição); quanto à tonicidade, o ambiente tônico (pr[ɪ]guiça, m[ʊ]vimento), ao contrário do átono, favorece a regra de aplicação nas pretônicas /e/ e /o/, mas, em relação à vogal vizinha, seu papel é secundário, pois, de acordo com a ordem de seleção do programa, a contigüidade (r[ɪ]gistro, b[ʊ]nita) é mais determinante no alçamento das pretônicas /e/ e /o/ do que a tonicidade; e a variável localização morfológica revela que a raiz (p[ɪ]squisa, p[ʊ]lítica) e o sufixo verbal (s[ɪ)]tia, p[ʊ]deria) são os únicos favorecedores da regra de elevação de /e/ e /o/.

No tocante às variáveis sociais, os dados indicam que o sexo e a faixa etária, apesar de terem sido considerados fatores estatisticamente relevantes para a vogal /e/, não exercem influência, pela proximidade que os números têm do ponto neutro, sobre o comportamento da

regra. Já os resultados da variável escolaridade para /e/ e /o/, embora não sejam estatisticamente significativos, demonstram que os menos escolarizados privilegiam mais a elevação. A respeito da variável região, os números não permitem nenhum comentário sobre o seu papel na aplicação da regra.

Duas décadas após a realização da pesquisa de Bisol (1981), o autor observa que, embora a regra de harmonização vocálica tenha crescido no dialeto gaúcho, não é possível falar de mudança em virtude do seu uso bastante reduzido (percentuais inferiores a 50%) e da pálida atuação dos fatores sociais sobre o fenômeno, configurando, assim, um caso de variação estável.

Para Schwindt (2002), os principais condicionadores da harmonização vocálica, para /e/ e /o/, são de natureza lingüística, destacando-se o efeito da vogal alta vizinha. Acrescenta, também, que os fatores lingüísticos sinalizam para a existência de uma regra de natureza fonética, coexistindo com a regra fonológica que o autor tenta descrever. Tais conclusões revitalizam, assim, as de Bisol (1981).

Pontes (2002) focaliza, no falar rural das regiões norte e oeste-sudoeste do Paraná, o alçamento do [ɛ] pretônico nos dados registrados em cartas fonéticas do Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR) referentes a 18 (9 da região norte e 9 da região oeste-sudoeste) pontos lingüísticos.

O autor analisa o fenômeno em início de palavra, onde predomina a variante alta sobre a média, e em posição não-inicial, em que prevalece a forma [ɛ] sobre [ɪ]. Com relação à posição não-inicial, foram selecionados os seguintes fatores como determinantes do processo de alteamento: vogal da sílaba seguinte, consoante precedente e seguinte e escolaridade. Já no tocante à posição inicial, foram escolhidas as variáveis: pontos lingüísticos, consoante seguinte, idade e escolaridade. Pontes, levando em conta as limitações de tempo e espaço do seu trabalho, decide tratar apenas das variáveis vogal da sílaba seguinte e pontos lingüísticos, consideradas as mais relevantes, respectivamente, em posição não-inicial e contexto inicial.

Os dados relacionados à pretônica em posição não-inicial apontam que o alçamento é condicionado por uma vogal alta seguinte (m[ɪ]nino, qu[ɪ]ria, p[ɪ]ru), evidenciando, assim, um caso de harmonização vocálica. No entanto, em início de palavra, não ocorre harmonia vocálica, pois, nesse contexto, são as vogais não-altas, [ɑ)] e [ɛ)))], que favorecem o alteamento. Para Pontes, esses resultados comprovam a sua tese de que em ambiente onde uma variante é usada de forma quase absoluta, a relevância dos fatores estruturais é minimizada.

No que tange à variável diatópica, selecionada em primeiro lugar, quando a pretônica aparece em posição inicial, constatou-se que a região norte do Paraná favorece o uso predominante da forma [ɪ], enquanto a região oeste-sudoeste apresenta-se como forte aliada da manutenção da variante [ɛ].

Ainda sobre o falar rural paranaense, há o trabalho de Kailer (2006) em que a autora estuda a variação da pretônica /o/, tomando para análise a fala de 60 informantes. Todos os 30 homens e 30 mulheres, com idade entre 25 a 60 anos, apresentam diferentes níveis de escolaridade (alguns analfabetos, outros com MOBRAL, ensino primário completo e incompleto) e são provenientes de 30 localidades paranaenses.

Em decorrência das limitações de espaço do seu trabalho, Kailer apresenta somente os fatores que mais interferem no alteamento de /o/, a saber: o contexto precedente, o seguinte e a vogal da sílaba suseqüente.

Analisando os resultados, a autora nota que, com relação ao contexto fonético precedente, as consoantes que mais aplicam a regra de alçamento, mesmo em ambientes adversos, isto é, em contextos sem vogal alta e sem o contexto seguido de vogal, são as labiodentais (f[ʊ]guete*)* e, depois, as velares (c[ʊ]steleta). As bilabiais (b[ʊ]nito) se mostraram, inicialmente, desfavorecedoras do processo, mas, quando testadas em contextos adversos à regra, surgem como propiciadoras do alteamento. Referindo-se à palatal (enj[ʊ]ado, j[ʊ]elho), a autora tem dúvidas quanto ao fato deste contexto favorecer a elevação.

Quanto ao contexto seguinte, observou-se que as labiais beneficiam a aplicação da regra de alçamento, sendo que as bilabiais se apresentaram mais favoráveis ao processo do que as labiodentais, ao inverso do que ocorre em posição precedente. Para justificar tal fato, a autora explica que "a vogal alta [ʊ] apresenta mais labialidade do que a média posterior fechada [o], ou seja, é articulatoriamente mais fácil, com uma labial, usar a posterior alta do que a posterior média, mesmo que a labial não apresente traços altos" (KAILER, 2006, p. 598). Esta justificativa já havia sido dada por Mota (1979) e Bisol (1981). Kailer também nota que, nas ocorrências em que [o] pretônico forma hiato com a vogal seguinte, a elevação aumenta em formas permanentes (J[ʊ]ão, j[ʊ]elho, c[ʊ]ador), que, em sua maioria, apresentam a vogal [ɑ] constituindo hiato com a média, e, além disso, o [o] precedendo vogal tônica.

Referindo-se aos resultados da variável vogal da sílaba seguinte, a autora menciona que o contexto mais favorável à elevação de [o] é a vogal alta [ɪ], confirmando os resultados de

Schwindt (2002) e Bisol (1981). A homorgânica [ʊ] aparece como o segundo ambiente mais propício à regra de alçamento.

Os fatores sociais não se mostraram muito relevantes no alteamento de [o]. Embora este fenômeno não sofra estigma no dialeto estudado, constatou-se que o alteamento é mais utilizado por analfabetos de ambos os sexos, com os homens aplicando a regra um pouco mais do que as mulheres. Observou-se também que, no falar rural paranaense, o alçamento não é condicionado pelo fator região, contrariando, assim, o que diz Nascentes (1953) e os achados de Pontes (2002) para o [e] no começo de palavra nessa variedade.

Bortoni et al (1991)[5] examinam a elevação e o abaixamento de /e/ em duas amostras, uma de Alagoas e outra de Brasília. A primeira é constituída por 26 informantes adultos-18 mulheres e 06 homens-, dos quais 12 vivem em Alagoas, na zona urbana (Maceió) e na zona rural, e os outros 14 informantes são alagoanos, provenientes da zona rural e urbana, que, já adultos, foram residir no Distrito Federal. A segunda amostra é formada por 03 indivíduos- 02 mulheres 01 e um homem- que nasceram e foram criados em Brasília.

As autoras verificam que a elevação, assim como o abaixamento, é favorecida pela natureza da vogal seguinte. No dialeto brasiliense, as vogais altas, orais e nasais, e a média [ɛν] são as que mais motivam o alçamento. Entre os alagoanos, as vogais altas nasais e os segmentos [ɩ], [ɛ] e [o] constituem os únicos ambientes favoráveis ao alteamento. No falar brasiliense, uma palatal precedente e uma velar e labial posteriores são os contextos que mais beneficiam a elevação. Na variedade alagoana, nenhuma consoante anterior é relevante para o alçamento, mas, em posição posterior, o contexto velar favorece esse processo. Entre os alagoanos, as consoantes velares, labiais e palatais anteriores e o /R/ implosivo posterior são os segmentos que mais promovem o abaixamento. Na variedade alagoana, o [ɛ] pretônico mais susceptível de elevar-se é aquele que aparece nas formas verbais e nas sílabas permanentemente átonas. Entre os brasilienses, o [ɛ] pretônico que ocorre em sílabas átonas permanentes é o maior favorecedor da elevação da vogal não-recuada. No dialeto alagoano, o abaixamento da vogal anterior é mais favorecido pelas átonas casuais.

As autoras consideram que os resultados deste último fator, o efeito da tonicidade subjacente, juntamente com os do fator vogal seguinte, fornecem indícios de que, em Alagoas, as

[5] Bortoni et al (1991) não usam nenhum vocábulo para ilustrar a realização da pretônica, por isso não foi apresentado nenhum exemplo aqui.

regras de elevação e abaixamento, diferentemente do falar de Brasília, estão relacionadas, ou seja, os contextos que favorecem o alteamento são os mesmos que desfavorecem o abaixamento, configurando um caso de distribuição complementar, como mostrou Silva (1989) nos dados de Salvador. Quanto aos migrantes que foram viver em Brasília, observou-se que elevavam mais a pretônica e diminuíam o rebaixamento, embora não tenham assimilado completamente a variedade dos brasilienses.

Neste estudo, as autoras, em suas conclusões, constatam que nem todos os casos de elevação podiam ser explicados pelo processo de harmonização vocálica, admitindo, assim, que a mudança sonora é lexicalmente gradual, conforme defendem os difusionistas.

Marques (2006) toma a variação das médias pretônicas /e/ e /o/, em sílabas do tipo CV, como objeto de estudo, com o intuito de investigar como ocorre a acomodação dialetal na fala de migrantes paraibanos que foram viver no Rio de Janeiro, há, pelo menos, um ano, bem como acontece com os imigrantes brasileiros residentes em Lisboa, já que este tema é um dos pontos de divergência entre os dialetos brasileiros e entre o português brasileiro e europeu. Para tanto, foram constituídas duas amostras. Uma delas, referente ao falar paraibano, é composta por 21 informantes do sexo masculino. Todos eles chegaram ao Rio de Janeiro depois dos 15 anos e estão distribuídos de acordo com a faixa etária (15 a 25, 26 a 49 e 50 anos em diante), anos de escolarização (0 a 4, 5 a 8, 9 a 11 e 11 anos em diante) e tempo de residência no Rio de Janeiro (1 a 4, 5 a 10, mais de 10 anos). A outra amostra é formada por 10 brasileiros, residentes em Lisboa, que foram classificados, com exceção da faixa etária, da mesma maneira que os paraibanos.

Num período de dez anos, é possível perceber que o dialeto dos migrantes paraibanos sofre uma acomodação incompleta em direção ao dialeto carioca, pois, embora os paraibanos apresentem um aumento da manutenção das médias, em prejuízo da queda das variantes altas e baixas, não perdem os traços típicos de seu dialeto. Já, na fala dos brasileiros residentes em Lisboa, a autora verifica que esse intervalo de tempo não é suficiente para detectar marcas visíveis do português europeu no falar dos brasileiros residentes em Lisboa. Nota-se, então, que os migrantes paraibanos estão mais sujeitos às pressões sociais no território brasileiro do que os imigrantes brasileiros em Lisboa.

Marques defende neste estudo que um provável acelerador da acomodação do dialeto paraibano ao dialeto carioca é o fato do dialeto paraibano ser estigmatizado nas regiões Sul e

Sudeste, em razão deste falar ser originário da região Nordeste e por questões históricas que se cristalizaram no decorrer dos tempos.

A análise dos dados, segundo a autora, revela que a acomodação é regida, primordialmente, por fatores sociais.

Com relação à variável tempo de moradia, nota-se que o abaixamento da variante /e/ é mais aplicado pelos paraibanos nos primeiros cinco anos de residência no Rio de Janeiro e, a partir daí, o contato com o carioca provoca uma acentuada perda de aplicação desse processo.

A respeito do fator anos de escolarização, observou-se que as formas abertas, tanto /e/ quanto /o/, são mais freqüentes em falantes do ensino fundamental. Quanto mais escolarização, maior a sensibilidade ao processo de acomodação. Sobre o alçamento, a variante [ɪ] ocorre mais entre os menos escolarizados, já a aplicação de [ʊ] independe dessa variável.

Quanto ao fator faixa etária, constatou-se que os mais suscetíveis ao processo de acomodação são os mais jovens.

Considerando as informações até aqui arroladas, é possível chegar a algumas conclusões pertinentes a respeito da variação das médias pretônicas no território brasileiro:

O quadro delineado pelos resultados apresentados nos diversos estudos revela que o condicionamento das médias pré-acentuadas parece apresentar características particulares, isto é, dependendo da variedade estudada, há diferenças quanto à freqüência das variantes e, também, no que concerne à seleção dos fatores.

A regra de abaixamento das pretônicas, assim como a de fechamento, é influenciada, principalmente, pela harmonização vocálica, processo em que a vogal pré-acentuada copia a altura da vogal vizinha.

O fenômeno do alçamento parece ser, fortemente, determinado por duas regras distintas: uma de harmonização vocálica, atuando, principalmente, sobre as variantes das pretônicas não-recuadas, e outra de assimilação, regida pelos traços das consoantes circunvizinhas, que age nas formas recuadas.

O processo de harmonia vocálica está envolvido numa grande discussão que consiste em determinar se, na implementação da mudança sonora, há condicionamentos de ordem estrutural e social ou se ela é implementada lexicalmente. Dessa forma, tem-se, para explicar a implementação da mudança sonora, duas propostas teóricas: o modelo Neogramático e o modelo da Difusão Lexical. A perspectiva neogramática defende que toda mudança sonora é

foneticamente gradual e lexicalmente abrupta, enquanto que a proposta difusionista assume que toda mudança sonora é foneticamente abrupta e lexicalmente gradual.

A elevação das pretônicas no português brasileiro tem sido estudada tanto sob a ótica neogramática, como demonstram os trabalhos de Bisol (1981), Silva (1989), Callou, Leite e Coutinho (1991) e Schwindt (2002) entre outros, quanto sob o prisma da difusão lexical, como se vê em Viegas (1997), Nina (1991) e Bortoni et al (1991).

Se os textos dos gramáticos e ortógrafos antigos sugerem que a vogal tônica, as consoantes adjacentes e a atonicidade da vogal exercem algum papel sobre o comportamento variável das pretônicas, os estudos variacionistas comprovam, no português brasileiro atual, a relevância destes condicionamentos, seja qual for a variedade analisada, no processo em questão.

Os fatores sociais atuam de forma bastante discreta na variação das médias pré-acentuadas, considerando que, na maioria dos trabalhos examinados, essas variáveis não se mostraram relevantes no condicionamento do fenômeno em pauta. Por essa razão, considera-se não haver indícios de que as pretônicas /e/ e /o/ estejam em processo de mudança. Ao que tudo indica, esse processo se encontra em variação estável.

A variação das pretônicas se apresenta como um fenômeno sistêmico, ou seja, condicionado, basicamente, por fatores estruturais e não constitui, ao que tudo indica, um índice de diferenciação diastrática.

Como se viu até aqui, estudiosos de orientação diversa dedicaram-se a estudar as pretônicas no português do Brasil. Entre os variacionistas, há vários trabalhos que tentam descrever o comportamento dessas vogais em muitas localidades do território brasileiro. No entanto, não foi encontrado, até o momento, registro de nenhum estudo de orientação variacionista que tenha contemplado o comportamento das médias pretônicas no dialeto cearense e, muito menos, no falar dos fortalezenses.

1.2 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

Sabe-se que o estudo da linguagem em seu contexto social é um fato relativamente novo, já que Saussure (1973), em sua famosa dicotomia *langue x parole* (língua x fala), restringe o campo de investigação lingüística ao estudo da língua, entendida como um sistema de normas

abstratas, externas aos falantes e independentes do contexto de enunciação. Em função dessa delimitação, a língua é considerada um sistema de natureza homogênea e, portanto, não-variável. Já a fala, que se constitui na parte individual da linguagem, é circunstancial e variável, sendo, por isso, excluída de seus estudos.

Ao fazer a distinção entre *competence x performance*, Chomsky (1965) retoma a dicotomia saussureana *langue x parole*. Por conceber a competência, isto é, o conhecimento lingüístico interiorizado por um falante ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade de fala homogênea, como o objeto de estudo da lingüística, exclui a possibilidade de pensar sobre o funcionamento da linguagem na sociedade.

Os estruturalistas e gerativistas, considerando a língua um sistema homogêneo, abstraem a variação de seus estudos, porque entendem a diversidade lingüística apenas como um acidente e não como uma característica essencial do sistema lingüístico.

Na década de 60, quando Weinreich, Labov e Herzog (1968) propõem um modelo teórico que se preocupava, principalmente, em descrever as regras variáveis do sistema lingüístico, considerando os fatores lingüísticos e sociais, surge a Teoria da Variação e Mudança Lingüística.

Nesse modelo, também denominado de Sociolingüística Variacionista, não há espaço para se pensar em um sistema lingüístico abstraído do uso real que se faz da estrutura de uma dada língua, porque o sistema só existe enquanto uso, não sendo possível dissociá-lo do contexto em que se concretiza. Por isso, a explicação para o fenômeno da variação não se encontra apenas nos fatores lingüísticos, ou internos à língua, mas também nos fatores sociais, ou extralingüísticos.

De acordo com a proposta de Weinreich, Labov e Herzog (1968), a língua passa a ser vista como um sistema heterogêneo e organizado, o que significa dizer que a estrutura lingüística comporta variação sistematizada, pois, se não pudesse ser sistematizada, como seria possível explicar o fato da variação não interferir na comunicação dos membros de uma comunidade. Segundo os autores, por trás do mundo aparentemente caótico da variação, há regularidades passíveis de definição que possibilitam à língua manter sua sistematicidade.

Como Weinreich, Labov e Herzog (1968) entendem que todas as línguas são entidades heterogêneas, a variação é uma propriedade inerente aos sistemas lingüísticos. Por isso, segundo Alkimin (2001, p. 33), deve-se entender "a diversidade lingüística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno lingüístico".

Dessa maneira, Weinreich, Labov e Herzog (1968) rejeitam a associação obrigatória entre estrutura e homogeneidade, tão cara aos estruturalistas e gerativistas, em virtude de conceberem a língua como um sistema heterogêneo e organizado, sendo a variação intrínseca ao sistema. Assumindo-se que o sistema lingüístico é variável, mas essa variação pode ser descrita e analisada, compram-se, de antemão, alguns conceitos básicos, tais como: variantes, variável, fatores condicionadores, comunidade lingüística e vernáculo.

Segundo Tarallo (1986, p. 08), "as 'variantes lingüísticas' são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. "A um conjunto de variantes, dá-se o nome de 'variável lingüística' ". Em outras palavras, se uma determinada forma/estrutura *x* mantém, dentro de um mesmo contexto, o mesmo valor referencial, que outra *y*, diz-se que *x* e *y* são variantes que correspondem a mesma variável. Por exemplo, neste trabalho, a realização da vogal pretônica /e/ em português é uma variável lingüística que comporta três variantes: (a) alteamento (pr[ɪ]ciso); (b) manutenção (pr[ɛ]ciso) e (c) abaixamento (pr[E]ciso).

Labov (1972) afirma que como os falantes têm dificuldade para aceitar que formas distintas tenham o mesmo significado social são impulsionados a conferir-lhes valores sociais diferentes. Nesse sentido, Labov (1972) afirma que as variantes, embora permaneçam com os mesmos valores de referência, não apresentam o mesmo significado social e/ou estilístico. Assim, a pronúncia fechada da vogal pretônca /e/, como em (b), pode ser prestigiada por estar associada ao falar da região sul/sudeste ou, ao contrário, ser estigmatizada, se for pronunciada aberta, como em (c), por associação ao falar dos nordestinos. É importante notar que as variantes não guardam em si mesmas qualquer valor social, mas o obtêm, segundo Camacho (2001, p. 59), "em função do poder e da autoridade que os falantes detêm nas relações econômicas e culturais."

Embora seja sabido que, do ponto de vista científico, não existe uma variante melhor do que a outra, a variante de prestígio se impõe dentro da comunidade por ser valorizada positivamente em razão de estar associada ao grupo social de maior *status*, enquanto as variantes estigmatizadas são utilizadas por aqueles que, por pertencerem aos estratos sociais mais baixos da população, são discriminados.

Outra noção, metodologicamente, relevante para os variacionistas é a que diz respeito aos fatores condicionadores do emprego de uma dada variante. Nota-se que, quando uma pessoa utiliza no exemplo mencionado, as variantes (a), (b) ou (c), não existe aleatoriedade na sua

escolha, porque há fatores que condicionam o uso de uma ou outra variante. No caso da variação das pretônicas /e/ e /o/, consideram-se, dentre os possíveis condicionadores deste fenômeno, os seguintes fatores: o contexto fonético seguinte, a vogal contígua, a idade, o sexo e o grau de escolaridade. Os dois primeiros fazem parte do grupo dos fatores lingüísticos, enquanto os demais fazem parte do grupo dos fatores extralingüísticos.

Sabe-se que nenhum pesquisador sociolingüista poderá predizer o momento em que um falante dirá (a), (b) ou (c), mas terá condições de dizer que, dependendo de variáveis lingüísticas e/ou sociais, haverá maior probabilidade da variante (a) ocorrer do que (b) ou (c).

Assim, não há espaço, dentro da Sociolingüística Variacionista, para a teoria da variação livre, defendida pelos estruturalistas, pois, segundo Labov (1972) a escolha de uma dada variante é condicionada por fatores lingüísticos e/ou extralingüísticos, que acabam tornando sistemática e predizível a heterogeneidade.

Para Labov (1972), a língua é um fenômeno eminentemente social e, em decorrência disso, reluta em aceitar o termo sociolingüística, porque o autor não concebe uma lingüística que não seja sociolingüística. No entanto, aceita o uso desse termo para que se estabeleça a diferença entre os estudos baseados em dados intuitivos (lingüísticos) daqueles baseados em dados reais obtidos através da recolha de gravações de interações orais ou da coleta de textos escritos (sociolingüísticos).

O modelo proposto por Weinreich, Labov e Herzog (1968) postula que o domínio das regras variáveis por um falante nativo é parte da competência lingüística monolíngüe. Por isso, Cedergren e Sankoff (1974) sugerem que seja ampliado o conceito de competência lingüística do falante. Para Labov (1972), as regras variáveis abarcam os fatos lingüísticos que antes eram rotulados pelos gerativistas de regras optativas. Na perspectiva dos variacionistas, as regras variáveis gozam do mesmo *status* das regras categóricas, quando se pretende descrever o conhecimento lingüístico de um falante.

Monteiro (2000) afirma que o número de regras variáveis no sistema lingüístico é superior ao das regras categóricas ou invariantes e, sendo assim, estas é que deveriam ser explicadas, já que, conforme Weinreich, Labov e Herzog (1968), a ausência de heterogeneidade estruturada no sistema é que seria disfuncional.

No entanto, é importante salientar que, segundo Monteiro (2000, p. 58), "nem todos os fatos da língua estão sujeitos a variações", pois, além das regras variáveis, há também as regras

categóricas. Estas fazem parte de um núcleo de estruturas compartilhado por todos os falantes, conferindo à língua um aspecto de estabilidade e, ao contrário daquelas, quando violadas, o que só ocorre raramente, causam prejuízos à comunicação. Segundo o autor, o uso do artigo, no caso do português, que, obrigatoriamente, precede o nome e, no romeno, que aparece sempre posposto, constitui-se numa regra categórica, enquanto, como exemplo de regra variável, cita a realização da vogal pretônica /e/ como [ɪ], [ɛ] ou [E].

Considerando o fato de que, para Saussure, a língua é um sistema que existe virtualmente no cérebro de cada pessoa, Labov (1972) entende que, de acordo com esse pensamento, seria possível, baseando-se em apenas um falante, descrever a língua (aspecto social), mas a fala (aspecto individual) só poderia ser estudada através da interação de dois ou mais indivíduos. Labov (1972) denomina tal fato de *paradoxo saussuriano,* corrigindo-o, ao fazer a descrição da língua a partir de uma comunidade, e não a partir de um único falante.

Admitindo que a língua é, por si só, um fenômeno eminentemente social, estabelece-se o pressuposto de que uma mudança lingüística não pode ser estudada fora da comunidade em que ela ocorre, posto que a língua é um conjunto de forças internas e externas à estrutura em si. Figueroa (1994, p. 84) entende que "a comunidade de fala não é uma entidade fácil de definir de uma forma não trivial"[6]. Para Labov (1972, p. 158), "uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam as mesmas formas, mas como um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à linguagem"[7]. Adotando a mesma linha de raciocínio de Labov, Alkimin (2001, p.31) afirma que uma comunidade de fala é caracterizada "não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras".

Não aceitando a intuição como fonte dos dados lingüísticos e adotando o princípio de que a língua é heterogênea por natureza e variável na comunidade e no indivíduo, Labov (1972) defende a idéia de que a mesma deve ser analisada no contexto social, através do desempenho.

O sociolingüista, tendo como objeto de estudo a fala das pessoas que fazem parte de uma comunidade lingüística, precisa se envolver com a comunidade para observar o uso da língua. Para tanto, seleciona indivíduos, isto é, informantes, para representar o grupo a que pertencem

[6] [...] the speech community is not an easy entity to define in a non-trivial way (FIGUEROA, 1994, p. 84).
[7] [...] a speech community cannot be conceived as a group of speakers who all use the same forms; it is best defined as a group who share the same norms in regard to language (LABOV, 1972, p. 158).

segundo critérios etnográficos ou sociológicos. Tal procedimento tem como finalidade precípua coletar o vernáculo, ou seja, o falar natural que encontramos nas situações em que o falante não se preocupa com o modo como fala.

Os variacionistas, ao analisarem as amostras de fala de seus informantes, se preocupam mais em investigar as regularidades sobre a freqüência relativa de ocorrência de estruturas, do que apenas observar a existência ou gramaticalidade dessas estruturas (HORA, 1997, p. 169-170). Assim, é imprescindível o levantamento de todos os contextos relevantes para uma dada variável num determinado *corpus* e a sua conseqüente quantificação. Para tanto, fez-se necessário o estabelecimento de modelos matemáticos e sua implementação por meio de programas computacionais para a adequada atribuição de pesos relativos aos fatores das variáveis analisadas. Daí a importância do pacote VARBRUL, conjunto de programas, especialmente, desenvolvido para a análise de fenômenos variáveis, cujas aplicações e instruções podem ser encontradas em Pintzuk (1988) ou em Scherre (1993).

Para Tarallo (1986), este modelo de análise, por lidar com números e fornecer um tratamento estatístico aos dados coletados, é também chamado de Sociolingüística Quantitativa. Esse tratamento baseia-se na teoria da probabilidade aplicada aos dados com a finalidade de extrair as regularidades e tendências que regem a variação na comunidade.

Segundo Naro (2003, p. 25), "a metodologia da Teoria da Variação constitui uma ferramenta poderosa e segura que pode ser usada para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações lingüísticas." No entanto, como bem observa Monteiro (2000), deve-se esclarecer que a metodologia estatística, usada pelos variacionistas, por si só não confere sentido aos fenômenos, pois o sucesso na explicação dos fatos variáveis depende do pesquisador formular, coerentemente, suas hipóteses. Se o investigador, por exemplo, não selecionar, previamente, um fator que exerça forte atuação sobre o fenômeno, com certeza os resultados estatísticos, sejam quais forem, irão comprometer, seriamente, a sua interpretação dos dados.

As mudanças lingüísticas não ocorrem de modo abrupto, ao contrário são produzidas ao longo do tempo, e são sempre precedidas por uma etapa de variação em que as formas variantes entram em competição (MORALES, 1993). Nessa disputa, pode ocorrer das variantes continuarem coexistindo por muito tempo sem que haja predominância de uma sobre a(s) outra(s), configurando um caso de variação estável, ou pode ocorrer da variante inovadora ser

mais utilizada pelos mais jovens, diminuindo seu uso em relação à idade dos outros informantes, o que indica uma mudança em progresso (TARALLO, 1986). Dessa maneira, conforme Weinreich, Labov e Herzog (1968), toda mudança implica em variação, mas nem toda variação implica em mudança.

Para Labov (1994), pode-se depreender a mudança lingüística em progresso por meio da análise em tempo aparente (na sincronia em estudo) e em tempo real (numa sucessão de sincronias). No primeiro caso, o pesquisador faz um recorte transversal da amostra de fala de uma mesma comunidade num determinado momento da língua em função da faixa etária dos informantes; já, no segundo, comparam-se dados de outras épocas, para entender melhor o valor e a direção da variável na comunidade.

De acordo com Naro (2003), embora, na fase atual dos estudos da linguagem, não seja possível determinar, precisamente, até que ponto a língua falada pelo indivíduo está sujeita a sofrer mudança com o passar dos anos, há duas posições teóricas que tentam responder a esta questão. Uma delas, rotulada de hipótese clássica, defende que o processo de aquisição da linguagem termina no início da puberdade (por volta dos 15 anos) e, a partir daí, a língua do indivíduo se tornaria estável. Dessa forma, a fala de alguém com 50 anos hoje representa a língua de 35 anos atrás. De acordo com essa hipótese, baseada na distribuição da variável lingüística através de vários grupos etários num dado momento, tenta-se apreender o tempo real no tempo aparente.

A outra teoria, contrária à hipótese clássica, postula que o sistema lingüístico do falante muda, mas não o da comunidade. Sobre essas teorias, Naro (2003) esclarece que, embora não haja muitas respostas, os resultados alcançados até agora indicam uma outra possibilidade: a de que "o indivíduo muda com o correr do tempo, mas não atinge precisamente a mesma posição em que estão os falantes mais velhos hoje. Pelo contrário, a tendência é exceder esta marca, indo na direção da deriva e assim implementando a mudança lingüística" (NARO, 2003, p. 48).

Labov (1994) adverte que a dificuldade da observação em tempo aparente consiste em saber discernir se a relação entre as variáveis lingüísticas e a idade representa de fato uma mudança em progresso ou uma gradação etária, isto é, um padrão característico de determinada idade que se repete em cada geração. Nas palavras do autor: "se os indivíduos modificam seus

hábitos lingüísticos ao longo de suas vidas, mas a comunidade como um todo não muda, caracteriza-se então um padrão próprio de uma faixa etária" (LABOV, 1994, p. 84)[8].

Além disso, Labov (1994) chama atenção para o fato de que é preciso ter muita cautela ao se concluir por uma mudança lingüística devido à faixa etária, porque outras variáveis, como classe social e grau de escolaridade, podem interferir no processo. Por exemplo, ele constatou que os falantes mais jovens podem apresentar um nível de escolaridade e de profissão mais alto do que os mais idosos. Assim, a distinção de comportamento lingüístico entre jovens e idosos pode ser muito mais um reflexo da diferença de escolaridade e de profissão dos falantes do que uma diferença etária. Por isso, Oliveira e Silva e Paiva (1996) também advertem que as diferenças de idade, mesmo sendo uma condição necessária, não são suficientes no estudo das mudanças em progresso.

Paiva e Duarte (2003) asseveram que os estudos em tempo real permitem analisar aspectos que não são percebidos em tempo aparente e possibilitam diferenciar as mudanças que ocorrem gradativamente na comunidade das que são produzidas pelo comportamento lingüístico individual.

A análise da mudança em tempo real de longa duração, que requer um intervalo de séculos, conforme Labov (1994), apresenta obstáculos com relação à coleta de dados, principalmente, de épocas remotas, pois, não se podendo obter os registros orais, só se pode contar com os dados escritos que não são muito sistemáticos.

Segundo Labov (1994), na análise da mudança em tempo real de curta duração, que, geralmente, ocorre num intervalo de duas ou três décadas, o pesquisador conta com duas possibilidades: o estudo de tendência e o estudo de painel. O primeiro compara a fala de indivíduos diferentes de uma mesma comunidade em momentos distintos. O segundo confronta o comportamento lingüístico dos mesmos informantes em diferentes pontos do tempo.

No estudo de tendência, o pesquisador encontra dificuldades para levantar uma amostra tão representativa quanto a da primeira pesquisa, assim como também encontra dificuldades no estudo de painel em que é necessário localizar os mesmos informantes.

[8] If individuals change their linguistic behavior throughout their lifetimes, but the community as a whole does not change, the pattern can be characterized as one of agre-grading (Labov, 1994, p. 84).

Decidiu-se, neste estudo, trabalhar com o tempo aparente por se constituir num método de investigação simples e eficaz. Além disso, contar-se-á com o auxílio dos resultados das outras variáveis sociais para confirmar a tendência revelada pelos resultados da variável faixa etária.

Para Labov (1994), as forças que atuam no presente para produzir uma mudança lingüística são as mesmas que, no passado, devem ter produzido as mudanças. Dessa forma, ele percebeu que as mudanças ocorridas em distantes épocas podem ser compreendidas por meio das que estão sendo realizadas na atualidade, já que o mecanismo não muda. É o presente sendo usado para explicar o passado.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968), qualquer um que pretenda estudar/observar a mudança lingüística terá que lidar com cinco problemas: as restrições, a transição, o encaixamento, a avaliação e a implementação. Tais problemas são apresentados, resumidamente, a seguir:

O problema das restrições diz respeito aos fatores lingüísticos e extralingüísticos que determinam mudanças possíveis numa determinada direção, uma vez que o processo de mudança, raramente, altera o sistema inteiro, pois, em geral, a mudança é um movimento de um conjunto limitado de variáveis que, gradualmente, sofre alterações.

O problema da transição busca investigar como ocorre uma mudança lingüística, ou seja, como uma determinada forma muda de um estágio a outro. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968), há três fases principais durante a mudança: (i) os falantes aprendem uma forma alternativa; (ii) durante algum tempo, os falantes convivem com a forma inovadora e com a anterior a ela; (iii) apenas uma das formas é usada pelos falantes. Dessa maneira, a mudança é estudada como fazendo parte de um *continuum*.

O problema do encaixamento visa responder como uma mudança se encaixa na estrutura social e na estrutura lingüística da comunidade e quais os reflexos desta mudança no sistema lingüístico, pois, como a língua é um sistema, toda variação e/ou mudança não ocorre isoladamente de modo que uma mudança pode desencadear outra.

O problema da avaliação está relacionado à forma como os membros de uma comunidade de fala julgam a mudança e qual a conseqüência dessa avaliação sobre a mudança. Para os variacionistas, os falantes não percebem a mudança em sua fase inicial porque ela está abaixo do nível de consciência social. Nas fases mais adiantadas, segundo Labov (1982), surgem desvios estilísticos, assim como a estratificação social. Dessa maneira, o falante faz uma avaliação

positiva das formas com as quais se identifica no seu grupo social, ou das variantes de um grupo que ele considera de prestígio, embora possa produzir, inconscientemente, formas que avalia negativamente do ponto de vista social.

O problema da implementação pretende responder quais são os fatores responsáveis pela implementação da mudança e por que uma dada mudança ocorre em uma língua em um determinado momento e não em outro.

Por muito tempo, pensou-se que a mudança só ocorreria em dois sentidos: para cima e para baixo. Segundo Labov (1972), as primeiras referem-se às mudanças que são produzidas pela classe dominante, embora não sejam muito freqüentes, enquanto as últimas apareceriam nas camadas sociais mais baixas.

Entretanto, com base em estudos empíricos, Labov (1972) constata que o padrão da mudança em progresso, encontrado nos centros urbanos, revela que a camada social mais inovadora é a intermediária, contrariando as correntes anteriores, as quais defendiam que as mudanças eram provenientes das camadas sociais mais altas (mudanças vindas de cima) ou das camadas sociais mais baixas (mudanças vindas de baixo).

É sempre bom lembrar que a caracterização de um processo de variação estável ou de mudança em curso não depende dos resultados isolados de cada variável social, mas está relacionada, principalmente, à interpretação coerente que o sociolingüista faz do processo como um todo, baseando-se nas evidências empíricas obtidas pelos resultados de cada variável.

2 METODOLOGIA

Nesta parte do trabalho, são apresentados, detalhadamente, os procedimentos metodológicos empregados na realização desta pesquisa que segue a linha da sociolingüística quantitativa (Labov, 1972), largamente utilizada na análise de fenômenos variáveis.

2.1 A AMOSTRA E OS INFORMANTES

A amostra desta pesquisa, constituída por 72 inquéritos, foi extraída do acervo sonoro do Banco de Dados NORPORFOR, que é resultado do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza, cujos objetivos são armazenar e disponibilizar material lingüístico representativo do falar popular dos fortalezenses. Este *corpus*, composto por 149 inquéritos, foi estratificado de acordo com o sexo, a faixa etária, a escolaridade e o tipo de registro. O NORPORFOR foi organizado por mim e por outros quatro bolsistas[9] do Programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Ceará (UECE), sob a minha orientação, no período de agosto de 2003 a julho de 2006.

A opção de analisar amostras de fala do banco de dados do projeto NORPORFOR deve-se, primeiramente, ao fato deste projeto atender às exigências da pesquisa sociolingüística quantitativa no que concerne aos critérios de seleção dos informantes e de coleta de dados; em segundo, pelo significativo número de informantes (ao todo, são 181) que se encontra distribuído

[9] Além dos bolsistas Girlene Moreira da Silva (voluntária), Neyla Denize de Souza (voluntária), Francisco Cláudio Rodrigues (FUNCAP) e Maria de Fátima do Nascimento Silva (IC-UECE), o Projeto também contou com a valiosa colaboração do professor Kilpatrick Müller Campelo que, na época, era professor substituto da UECE.

de forma equilibrada conforme as variáveis sociais controladas; em terceiro, ao desejo pessoal de estudar o falar fortalezense na norma popular[10]; e, por último, ao fato de ter idealizado este projeto e participado da execução de todas as suas etapas.

O projeto NORPORFOR apresenta três tipos de registro: a entrevista entre informante e documentador (DID); a elocução formal (EF), isto é, pregações e palestras; e o diálogo entre dois informantes (D2). No entanto, decidiu-se trabalhar apenas com o primeiro, por dois motivos: um deles refere-se ao fato do objeto de estudo ser um fenômeno fonético, o que exigiria registros claros, onde o inconveniente da sobreposição de vozes não ocorresse constantemente, o que só seria possível com as duas primeiras modalidades de elocução; o outro, que elimina as elocuções formais, diz respeito ao interesse de estudar o comportamento das médias /e/ e /o/ em contextos onde o informante exercesse o mínimo controle consciente sobre o fenômeno, o que, excetuando-se o D2, só seria viável nas entrevistas.

A amostra selecionada é constituída por 72 informantes, escolhidos de acordo com os seguintes critérios pré-estabelecidos pelo projeto NORPORFOR:

- são pessoas nascidas em Fortaleza ou que vieram do interior do Ceará morar nesta cidade com, no máximo, cinco anos de idade;- são moradores das seis regionais que dividem a cidade de Fortaleza; -nunca se ausentaram da capital cearense por um período superior a dois anos consecutivos; - são filhos de pais cearenses. Estes critérios foram adotados com o objetivo de neutralizar a interferência dos falares de outras regiões, por considerar que a variação das pretônicas, como propõem vários estudiosos, entre eles Nascentes (1953), é um dos aspectos caracterizadores dos falares brasileiros. Foram aceitos informantes provenientes de outras localidades cearenses em decorrência da dificuldade de se encontrar pessoas a partir de 50 anos nascidas em Fortaleza, mas estabeleceu-se a idade limite de cinco anos, por entender que este tempo é insuficiente para que o informante sofra influência de outros falares.

- são de ambos os sexos;

- possuem níveis de escolaridade diferentes;

- têm idades que variam entre 15 a 75 anos;

A amostra analisada foi estratificada em função das variáveis:

- faixa etária (1- 15 a 25 anos, 2- 26 a 49 anos e 3- 50 anos em diante);

[10] A expressão norma popular é entendida aqui como um conjunto de "variedades lingüísticas relacionadas a falantes sem escolaridade superior completa, com pouca ou nenhuma escolarização, moradores da zona rural ou das periferias empobrecidas das grandes cidades", conforme afirma Bagno (2003. p. 59).

- escolaridade (A- nenhum a 4 anos, B- 5 a 8 anos e C- 9 a 11 anos) e

- sexo (M-masculino e F- feminino).

O quadro de distribuição dos informantes em função do sexo, da faixa etária e do grau de escolaridade, como será visualizado a seguir, apresenta as células resultantes da combinação destas variáveis, bem como apresenta a quantidade de informantes em cada uma.

QUADRO 1 - Distribuição dos informantes por sexo, faixa etária e níveis de escolaridade

		Anos de escolarização		
Sexo / **Idade**		0 a 4 anos (A)	5 a 8 anos (B)	9 a 11 anos (C)
Feminino (F)	15 a 25 anos (1)	4 (F1A)	4 (F1B)	4 (F1C)
	26 a 49 anos (2)	4 (F2A)	4 (F2B)	4 (F2C)
	50 em diante (3)	4 (F3A)	4 (F3B)	4 (F3C)
Masculino (M)	15 a 25 anos (1)	4 (M1A)	4 (M1B)	4 (M1C)
	26 a 49 anos (2)	4 (M2A)	4 (M2B)	4 (M2C)
	50 em diante (3)	4 (M3A)	4 (M3B)	4 (M3C)

Referindo-se à questão do tamanho da amostra, Braga e Naro (1994) fazem a seguinte declaração:

> É importante notar que o cálculo do número de falantes da amostra não leva em conta o número total de falantes do universo [...]. Portanto, a proporção de falantes incluídos na amostra é irrelevante. O que é relevante para o cálculo é o grau de variabilidade do fenômeno lingüístico. Repetindo, quanto menor o grau de variabilidade, tanto menor o tamanho da amostra e, quanto maior o grau de variabilidade do fenômeno a ser estudado, tanto maior deverá ser a amostra. Mas, mesmo nestes casos, os padrões regulares que condicionam a variação lingüística atenuam a necessidade de uma amostra demasiadamente grande (BRAGA; NARO, 1994, p. 65).

Considerando o fenômeno variável aqui estudado, acredita-se que, com base nas palavras de Braga e Naro (1994), a amostra tomada para análise nesta investigação seja, suficientemente, representativa do falar popular fortalezense.

No que diz respeito à faixa etária, os informantes foram agrupados em três recortes: 15 a 25 anos; 26 a 49 anos; e 50 anos em diante. A primeira faixa, que cobre um intervalo de 10 anos, é composta por adolescentes e jovens, economicamente, dependentes dos pais, ou que estão tentando ingressar no mercado de trabalho ou ingressaram há pouco tempo; a segunda, que

abrange um intervalo de 23 anos, é constituída por adultos exercendo ou em condições de exercer uma atividade profissional; e a terceira, que, não apresenta, teoricamente, um intervalo estabelecido, mas, na prática, não vai além de 25 anos, é formada por adultos atuando ou em condições de atuar profissionalmente ou aposentados.

Em relação aos níveis de escolaridade, os informantes foram organizados em três categorias: nenhum a 4 anos; 5 a 8 anos; e 9 a 11 anos. A primeira abrange tanto os informantes que nunca freqüentaram a escola quanto os que possuem o antigo primário completo ou incompleto; a segunda contempla os indivíduos que apresentam o primeiro grau completo ou incompleto; e a terceira refere-se aos informantes que têm o segundo grau completo ou incompleto.

Fez-se a opção pela nomenclatura do antigo currículo escolar por facilitar aos informantes saber em que nível de escolaridade se enquadravam, já que a maioria desconhecia a reformulação curricular.

No que concerne ao sexo, a amostra foi estratificada em 36 homens e 36 mulheres distribuídos igualitariamente segundo a faixa etária e a escolaridade.

Nesta pesquisa, considera-se que os informantes apresentam baixo nível sócio-econômico, tomando-se a sua profissão, a do cônjuge e a dos pais, o local de moradia e a quantidade de filhos, como indicadores da classe social nesta pesquisa.

Com relação à atividade profissional dos informantes, uma parte da amostra é constituída por: treze donas de casa, seis empregadas domésticas, cinco estudantes, duas costureiras, duas comerciantes, uma diarista, uma vendedora autônoma, uma cabeleireira, uma digitadora, uma artesã e três desempregadas; a outra parte é composta por: cinco estudantes, três prestadores de serviços gerais, quatro vigilantes, três vendedores, dois porteiros, dois pedreiros, dois motoristas, dois eletricistas, um garçom, um estofador, um aposentado, um auxiliar de soldador, dois desempregados, um vendedor autônomo, um mergulhador, um funcionário público municipal, um técnico em informática e dois seguranças (ver APÊNDICE A).

A seleção dos informantes, quanto ao local de residência, ocorreu em 33 bairros, distribuídos entre as seis regionais[11] que compõem o município de Fortaleza, possibilitando uma representação geográfica de toda a área da cidade (ver APÊNDICE A). A distribuição dos

[11] A distribuição dos bairros por regional foi feita conforme as informações divulgadas no site: http://www.sspds.ce.gov.br/downloads/Limites%20Oficiais%20dos%20Bairros%20de%20Fortaleza,%20PMF.doc.

informantes por bairros e regionais encontra-se da seguinte forma: Regional I (Barra do Ceará: 04; Cristo Redentor: 04; Farias Brito: 04; Jardim Guanabara: 01; Jardim Iracema: 01; Pirambu: 02; Monte Castelo: 01); Regional II (Aldeota: 02; Cidade 2000: 03; Dionísio Torres: 01; Praia do Futuro I: 02; Mucuripe: 01); Regional III (Antônio Bezerra: 04; Henrique Jorge: 04; Presidente Kennedy: 01; Rodolfo Teófilo: 02; Quintino Cunha: 01; Jóquei Clube: 02); Regional IV (Demócrito Rocha: 01; Parangaba: 01); Regional V (Bom Jardim: 02; Conjunto Ceará I: 09; Granja Portugal: 01; Maraponga: 03; Mondubim: 02; Parque Santa Rosa: 01; Vila Manoel Sátiro: 01; Prefeito José Walter: 2); Regional VI (Aerolândia: 02; Barroso: 01; Messejana: 04; Jangurussu: 01; e Paupina: 01).

A razão pela qual o bairro do Conjunto Ceará apresenta o maior número de informantes desta pesquisa é porque, nesta área, houve mais facilidade de encontrar moradores que se enquadrassem dentro do perfil estabelecido.

Segundo Matos e Neto (2003), com base em dados do Censo 2000 disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os bairros de Aldeota (R$ 3.336,30), Mucuripe (R$ 2.796,98), Dionísio Torres (R$ 3.264,66) e Praia do Futuro I (R$ 1.616,46) estão entre aqueles em que os chefes de família apresentam renda mais elevada, ao contrário do que ocorre nos bairros do Pirambu, Cristo Redentor, Barra do Ceará, Jardim Iracema, Jardim Guanabara, Quintino Cunha, Conjunto Ceará I, Granja Portugal, Bom Jardim, Parque Santa Rosa e Mondubim, onde os chefes de família possuem as mais baixas rendas, variando entre R$ 269,63 a R$373,87. No entanto, as autoras concluem que, em Fortaleza, os dados revelam uma "[...] coexistência espacial de ricos e pobres, em um mesmo bairro. Bairros considerados ricos, que aparentavam uma paisagem mais visível da riqueza, guardam uma miséria que os dados censitários fizeram emergir" (MATOS; NETO, 2003, p. 8).

2.2 COLETA DE DADOS

O contato com os informantes foi realizado de forma direta ou através de terceiros que tinham relações pessoais com um dos membros da equipe do Projeto NORPORFOR. No primeiro contato, eram feitas, informalmente, algumas perguntas para avaliar a adequação do falante ao

perfil pré-estabelecido. Constatando-se a adequação, o que nem sempre acontecia, era realizada, no segundo contato, a gravação no dia, horário e local determinados pelos entrevistados. Muitas vezes, atendendo ao pedido do próprio informante, a entrevista era feita no primeiro contato.

Antes de cada gravação, preenchia-se uma ficha (ver APÊNDICE B) descrevendo as características sócio-econômicas e culturais do entrevistado com o propósito de garantir que o informante atendia aos critérios exigidos, e, também, permitir que o entrevistador conhecesse um pouco sobre o informante, facilitando a entrevista.

Os informantes tinham conhecimento de que as entrevistas seriam gravadas, mas, de início, não sabiam que a sua fala seria objeto de estudo, já que isso poderia intimidá-los, ocasionando respostas curtas ou monossilábicas, ou fazer com que eles passassem a policiar o seu modo de falar, comprometendo a qualidade dos dados gravados. Esclarecia-se, apenas, que a pesquisa estava sendo realizada em toda a cidade de Fortaleza com finalidade histórica e cultural, daí o interesse em conhecer, de cada um, a experiência pessoal, as lembranças relacionadas a fatos pessoais e históricos, os anseios, as preocupações, costumes locais, entre outros.

Embora o grau de intimidade entre informante e pesquisador não fosse muito elevado, porque, na maioria das entrevistas, os participantes não se conheciam previamente, o entrevistador buscava conduzir a entrevista de forma descontraída e natural.

Nas entrevistas realizadas, a participação do pesquisador restringia-se à formulação de perguntas curtas e claras que eram feitas com o intuito de incentivar o entrevistado a falar o máximo possível. Estas perguntas não eram formuladas antecipadamente, mas, sim, durante a entrevista, a fim de que esta não se assemelhasse a um questionário. O entrevistador, raramente, interrompia o informante e também não disputava o turno de fala com o entrevistado.

Para que o falante se sentisse mais à vontade, ele tinha total liberdade para falar de qualquer assunto de seu interesse. Em geral, os informantes relatavam fatos ocorridos em sua vida, envolvendo-se emocionalmente com o conteúdo narrado, o que desviava a atenção da sua fala. Além disso, sempre que era percebida a preferência do entrevistado por um determinado assunto, procurava-se explorar este tema mais detidamente. Isso fazia com que o informante se entusiasmasse com o seu relato a ponto de esquecer que sua fala estava sendo gravada, como ele próprio confessava, ou lamentasse o término da entrevista. Assim, acredita-se que tenha sido neutralizado ou, pelo menos, minimizado o chamado paradoxo do observador, que, segundo Labov (1972), é a situação na qual o pesquisador sociolingüista tem que fazer a recolha do

vernáculo, isto é, o falar espontâneo, sem que a sua presença e a de seu gravador, imprescindíveis à entrevista, causem danos à naturalidade da conversação.

Alguns informantes preferiam realizar a entrevista em seu local de trabalho, já outros escolhiam a escola onde estudavam ou a casa de um amigo ou parente, mas a grande maioria optou por fazer a gravação na própria residência.

Apesar de o entrevistador, que era eu ou um dos membros da equipe, em algumas ocasiões, ter realizado a gravação sem o auxílio de um ajudante, na maioria das vezes, o pesquisador contava com um assistente que ficava responsável pelo controle de fatores que pudessem prejudicar a qualidade da gravação, como a intervenção de terceiros, os ruídos do ambiente, o manuseio do gravador e fitas cassetes, entre outros.

Em cada entrevista era utilizada uma fita cassete (tamanho normal) de 60 minutos e, quando não havia possibilidade de usar o eliminador de pilhas, usavam-se quatro pilhas alcalinas.

Todas as gravações utilizadas neste estudo foram digitalizadas por mim com o auxílio do programa computacional *Sound Forge 5.0*, que permitia eliminar ou reduzir eventuais ruídos físicos durante a gravação, e, em seguida, eram transportadas para um CD, com a ajuda de outro programa, o Nero, já que o CD, entre outras vantagens, é mais resistente à umidade e não apresenta o problema do acúmulo de bolor.

A duração máxima de cada entrevista era 60 minutos e, mínima, de 45 minutos. Para realizar o presente estudo, fez-se a audição de 20 minutos de cada entrevista, perfazendo, assim, um total de 24 horas de gravação.

Considerando que os minutos iniciais de uma gravação são sempre bastante tensos e que o informante ainda está muito preocupado com o seu modo de falar, decidiu-se, nesta pesquisa, desprezar os primeiros 20 minutos de gravação de cada uma das entrevistas.

Sempre que se concluía uma gravação, explicava-se ao informante o motivo real da investigação, isto é, uma pesquisa lingüística sobre o falar local, o que não dificultava a liberação do uso das fitas, contanto que as identidades dos falantes fossem mantidas em sigilo.

2.3 DEFINIÇÃO OPERACIONAL DAS VARIÁVEIS

2.3.1 Variável dependente

Como já foi dito, considera-se, nesta pesquisa, as vogais pretônicas /e/ e /o/, em contexto interconsonântico, tanto em sílaba inicial (colégio) quanto medial (imperatriz). Assim, serão analisadas as seguintes variantes:

a) na série das anteriores:

- a elevação [ɪ]. Ex: p[ɪ]ruça;
- o abaixamento [E]: am[E]ricano;
- o fechamento [ɛ]: p[ɛ]squisa.

b) na série das posteriores:

- elevação [ʊ]. Ex: b[ʊ]lacha;
- o abaixamento [□]. Ex: c[□]légio;
- o fechamento [o]. Ex: t[o]rture.

2.3.2 Variáveis independentes

Nesta pesquisa, foram controladas nove variáveis lingüísticas e três extralingüísticas. São variáveis lingüísticas: o tipo de vogal acentuada, a natureza da voga átona contígua, o tipo de consoante precedente, a natureza da consoante subseqüente, a distância em relação à tônica, o tipo de atonicidade, a nasalidade, a sufixação e a estrutura silábica. As variáveis extralingüísticas são a faixa etária, o sexo e os anos de escolaridade.

2.3.2.1 Variáveis lingüísticas

Partindo do pressuposto de que o comportamento das pretônicas é condicionado por variáveis lingüísticas, com base nas informações obtidas em trabalhos sobre a realização destas vogais em outras localidades do Brasil, foram selecionados os seguintes grupos de fatores:

a) Tipo de vogal acentuada

Em estudos anteriores, a vogal tônica aparece associada à contigüidade, mas, aqui, decidiu-se analisá-la independentemente, porque isso permitiria saber com maior precisão se a tônica, por si só, influenciaria a pretônica candidata à aplicação da regra de alteamento, abaixamento ou manutenção.

Fez-se o controle deste grupo de fatores com o intuito de verificar quais características da vogal tônica podem influenciar o fenômeno em estudo. Por isso, levantaram-se, considerando os traços de altura e nasalidade, os fatores abaixo:

- [ɪ]. Ex: fer[ɪ]do, pol[ɪ]tico;
- [E]. Ex: energ[E]tico, gov[E]rna;
- [ɛ]. Ex: desv[ɛ]lo, mod[ɛ]lo;
- [ʊ]. Ex: seg[ʊ]ro, not[ʊ]rno;
- [□]. Ex: dev[□]to, prop[□]sito;
- [o]. Ex: mot[o]r, gelatin[o]so;
- [ɑ]. Ex: devast[ɑ]da, costur[ɑ]r;
- [ɪ)]. Ex: amendo[ɪ)], tont[ɪ)]nha;
- [ɛ)]. Ex: sofr[ɛ)]do, cont[ɛ)]te;
- [ʊ)]. Ex: def[ʊ)]to, corc[ʊ)]da;
- [o)]. Ex: desc[o)]to, tromb[o)]ne;
- [□)]. Ex: acert[□)]do, vol[□)]te;
- Ditongo. Ex: apresentaç[□)ω)], carross[Eω].

Supõe-se que as vogais baixas [ɑ E □] e as não-altas nasais [□) ɛ) o)] favoreçam o abaixamento de /e/ e /o/ e que as médias [ɛ o] privilegiem o fechamento das respectivas pretônicas. Acredita-se que as vogais altas [ɪ ɪ) ʊ ʊ)] beneficiam o alteamento tanto de /e/ quanto de /o/. Quanto aos ditongos, espera-se que apresentem um comportamento neutro para ambas as vogais.

b) Tipo de vogal átona seguinte

É importante notar que nem sempre é a vogal tônica que influencia na realização da pretônica candidata à regra de alteamento, abaixamento ou manutenção, mas sim uma vogal imediatamente seguinte à pré-acentuada. Neste grupo, adotou-se a mesma subcategorização utilizada no grupo vogal tônica.

- [ɪ]. Ex: per[ɪ]goso, autor[ɪ]zar;
- [E]. Ex: acel[E]rado, soss[E]gada;
- [ɛ]. Ex: dev[ɛ]ria, prof[ɛ]ssor;
- [ʊ]. Ex: pet[ʊ]lância, cost[ʊ]reira;
- [□]. Ex: quer[□]sene, prov[□]cado;
- [o]. Ex: acess[o]ria, mot[o]rista;
- [ɑ]. Ex: fech[ɑ]dura, jog[ɑ]dor;
- [ɪ)]. Ex: pech[ɪ)]char, dom[ɪ)]nador;
- [ɛ)]. Ex: apres[ɛ)]tacão, apos[ɛ)]tado;
- [ʊ)]. Ex: sec[ʊ)]dário, vol[ʊ)]tário;
- [o)]. Ex: desc[o)]tar, col[o)]nial;
- [□)]. Ex: mel[□)]cólico, mor[□)]guinho;
- Ditongo. Ex: ref[ɛφ]cão, aprov[ɛφ]tar.

Presume-se que as mesmas hipóteses levantadas para a vogal tônica sejam válidas para a vogal átona contígua.

c) Nasalidade

Partindo do pressuposto de que a nasalidade pode modificar o comportamento das pretônicas /e/ e /o/, decidiu-se investigar os fatores:

- Nasal. Ex: ap[ɛ)]dicite, t[o)]tura;
- Oral. Ex: pr[E]stígio, m[ʊ]rdido.

Supõe-se que a nasalidade favoreça o alteamento de /e/, mas não ocorra o mesmo no caso da pretônica /o/.

d) Contexto fonológico precedente

Acredita-se que as vogais médias pretônicas, além de sofrerem influência dos segmentos vocálicos, também sejam influenciadas pelos segmentos consonânticos. Em razão disso, as consoantes que precedem as vogais pretônicas em estudo foram classificadas segundo o ponto de articulação:

- Alveolares [τ, ν, λ, δ, P, σ, ζ]. Ex: [τ]estamento, [σ]olar;
- Labiais [π, β, μ, ϕ, ϖ]. Ex: se[μ]elhança, [π]olítico;
- Palatais [Σ, Z, τϑ, δϑ, ʃ, ×]. Ex: ve[Z]etal, [Σ]ocolate;
- Velares [κ, γ]. Ex: [κ]erido, [γ]ostoso;
- Glotais [η, ʔ]. Ex: [η]efresco, co[ʔ]osão.

Defende-se a hipótese de que as velares e as palatais favoreçam a elevação de /e/ e /o/, mas as labiais só influenciam, positivamente, o alteamento de /o/. Espera-se, também, que as alveolares atuem de forma positiva sobre o abaixamento de /e/ e /o/ e de forma negativa sobre o alçamento destas vogais. A respeito das glotais, a expectativa é que desempenhem um papel neutro sobre o alteamento e o abaixamento de /e/ e /o/.

e) Contexto fonológico seguinte

As consoantes que sucedem as pretônicas /e/ e /o/ também foram classificadas de acordo com o ponto de articulação:

- Alveolares [τ, ν, λ, δ, P, σ, ζ]. Ex: de[τ]rito, co[P]ação;
- Labiais [π, β, μ, ϕ, ϖ]. Ex: de[μ]ora, fo[ϕ]ura;
- Palatais [Σ, Z, τϑ, δϑ, ʃ, ×]. Ex: me[Σ]endo, no[Z]ento;
- Velares [κ, γ]. Ex: pe[κ]eno, cho[κ]ado;
- Glotais [η, ʔ]. Ex: te[ʔ]ível, mo[ʔ]maço.

As mesmas hipóteses levantadas para o grupo de fatores contexto fonológico precedente são retomadas para esta variável.

f) Tipo de sílaba

Partindo da premissa de que esta variável influenciaria a variação das médias pretônicas, foram controlados os fatores abaixo:

- Livre. Ex: presidente, fotógrafo;
- Fechada. Ex: pe[σ]cador, co[Σ]tela.

Supõe-se que a existência de uma consoante à direita da pretônica, além da que existe no aclive da sílaba seguinte, numa estrutura CVC.CV, pode, se não impedir, dificultar que a pré-acentuada assimile o traço de altura da vogal cujo traço de altura seria assimilado.

g) Distância em relação à tônica

Esta variável diz respeito à distância da vogal tônica em relação à pretônica. Foram analisadas quatro distâncias:

- Distância 1. Ex: serpente, jogada;
- Distância 2. Ex: literatura, corajoso;
- Distância 3. Ex: interrogatório, modificado;
- Distância 4. Ex: regulamento, documentação.

Espera-se que quanto mais próxima da tônica, maior a possibilidade da pretônica harmonizar-se com a altura da vogal acentuada.

h) Tipo de atonicidade da pretônica

Com o intento de avaliar até que ponto a atonicidade da vogal poderia interferir na realização das pretônicas, foram analisados os seguintes fatores:

- Átona permanente é aquela que jamais se associa, paradigmaticamente, à vogal tônica em palavras cognatas. Ex: c[ʊ]rujice/c[ʊ]ruja;
- Átona casual é aquela que se associa à vogal acentuada em palavras cognatas. Ex: c[ɔ]brei/c[□]bra; n[E]rvosa/n[ɛ]rvo; br[□]tar/br[□]to/br[ɔ]to; c[ʊ]rri/c[ɔ]rro/c[□]rre.

A expectativa é que as átonas permanentes favoreçam o alteamento, ao passo que as átonas casuais beneficiem o abaixamento e a manutenção de /e/ e /o/.

i) Estrutura morfológica da palavra

Admitindo que a presença de sufixo na palavra age de forma inibidora ou favorecedora, dependendo do tipo de regra analisada, foram criados os fatores:

- Sem sufixo. Ex: pescoço, coruja;
- Com sufixo. Ex: operei, proteção, volumoso.

Imagina-se que a presença de sufixo favoreça o alçamento de /e/ e /o/, mas desfavoreça o abaixamento e a manutenção das duas pretônicas.

2.3.2.2 Variáveis sociais

Admitindo-se que as variáveis sociais, tais como: sexo, faixa etária e escolaridade, interferem na realização das vogais médias pretônicas no falar de Fortaleza, decidiu-se, então, controlá-las.

As variáveis sociais utilizadas na elaboração deste trabalho têm sido constantemente usadas por estudiosos que têm investigado a realização das vogais médias pré-acentuadas em outros falares do Brasil. Essa é uma oportunidade de verificar a relevância ou não dos mesmos condicionamentos sociais nesta amostra.

a) Sexo

Conforme Chambers e Trudgill (1980), na mudança, as mulheres tendem a assumir a liderança do processo em direção às formas socialmente prestigiadas, enquanto os homens tendem a liderá-la quando se trata de implementar na língua formas socialmente desprestigiadas.

No entanto, Paiva (2003, p. 41) menciona que “qualquer explicação das diferenças lingüísticas entre homens e mulheres deve ser relativizada em função do grupo social estudado.” Isto porque as mulheres apresentam maior propensão ao emprego de formas socialmente prestigiadas em sociedades onde elas exercem um papel na vida pública, ao contrário do que ocorre em sociedades onde a mulher tem reduzida participação na vida pública.

A hipótese, proposta por Trudgill (1974), para justificar as diferenças lingüísticas entre homens e mulheres é a de que a língua, sendo um fenômeno social, está inexoravelmente

vinculada às atitudes sociais. A sociedade, impondo papéis distintos a homens e mulheres, espera que estes adotem padrões de comportamento também distintos. Dessa forma, o que ocorre na linguagem é apenas reflexo deste fato social. Numa língua como o português, por exemplo, há vários indícios de discriminação contra as mulheres, o que refletiria o machismo desta cultura.

Paiva (2003) considera que o maior ou menor emprego de variantes padrão e não-padrão está relacionado à variável sexo e à definição social dos papéis masculino e feminino. A esse respeito, a autora assim se manifesta: "a maior consciência feminina ao status social das formas lingüísticas pode ser atribuída também ao maior formalismo associado aos papéis femininos e ao fato de a posição da mulher na sociedade estar menos assegurada do que a do homem." (PAIVA, 2003, p. 40).

Com base no que foi exposto acima, decidiu-se verificar neste estudo se as mulheres utilizam mais as formas prestigiadas da língua, no caso a manutenção das médias /e/ e /o/, do que os homens.

b) Faixa etária

O primeiro estudo que estabeleceu uma relação entre o comportamento lingüístico dos falantes e a faixa etária foi o realizado por Gauchat, em 1905, numa aldeia suíça (NARO, 2003). Esse estudo, que tratava da realização da lateral palatal /×/, mostra que os mais jovens preferem a variante inovadora /y/, enquanto os mais velhos têm predileção pela forma conservadora /×/. A faixa intermediária se utiliza de ambas as realizações sem que haja predominância de uma das formas.

Os estudos de Labov (1972) sobre a pronúncia retroflexa do /r/ pós-vocálico em Nova Iorque e em Matha's Vineyard, Massachussets, sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ revelam que os jovens assumem uma pronúncia inovadora, ao passo que os mais velhos empregam mais as formas conservadoras, confirmando a tendência verificada por Gauchat no início do século passado.

Através da comparação da linguagem de pessoas de diferentes faixas etárias, ou seja, num estudo em tempo aparente, é possível saber se um fenômeno lingüístico está apenas sofrendo variação, quando as variantes coexistem num mesmo momento sincrônico, ou se há uma situação de mudança em progresso, quando uma das variantes sai do sistema. Porém, é preciso cautela,

antes de se atribuir uma mudança lingüística a este fator, porque outras variáveis, como escolaridade e classe social, podem estar interferindo no processo.

Com base no que foi dito aqui, pretende-se examinar neste estudo se os jovens são mais inovadores do que os idosos, por isso decidiu-se trabalhar com três faixas etárias: 22 a 35 anos; 36 a 49 anos; a partir dos 50 anos em diante.

c) Escolaridade

De acordo com Labov (1966), os falantes com menor nível de escolaridade são os que mais usam as formas não-padrão, ao passo que os mais escolarizados utilizam mais as formas padrão. Esta é uma tendência confirmada em várias pesquisas variacionistas.

Para Oliveira e Silva e Paiva (1996), mesmo aqueles fenômenos que não são objeto de ensino escolar, como o que se propõe a estudar aqui, são tão condicionados pelo grau de escolaridade quanto os que são focalizados na programação escolar e/ou são alvos de correção por parte dos professores.

Não se pode desconsiderar o fato de que, na amostra analisada, a escolaridade está relacionada à classe social: quanto mais escolarizado é o informante, mais alta é a sua posição na escala social.

A fim de detectar se os informantes com baixa escolaridade aplicam menos as formas prestigiadas pela escola, ou seja, a manutenção das pretônicas /e/ e /o/, do que os de maior escolaridade, corroborando assim a tendência verificada na maioria dos trabalhos sociolingüísticos, decidiu-se controlar a variável escolaridade, constituída por três fatores: nenhum a 4 anos; 5 a 8 anos; 9 a 11 anos.

2.4 LEVANTAMENTO E CODIFICAÇÃO DO MATERIAL LINGÜÍSTICO

O levantamento dos dados lingüísticos foi realizado transcrevendo-se, foneticamente, os vocábulos contendo vogais pretônicas, que na escrita são representadas pelas letras **e** e **o**. Nessa transcrição, feita de oitiva, foram utilizados os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (SilDoulos IPA93).

Em seguida, cada subfator, que compõe os grupos de fatores, foi identificado por um símbolo existente no teclado do computador. Esses símbolos foram utilizados na codificação das ocorrências das vogais médias pretônicas.

Como exemplo de codificação, tomou-se a ocorrência da variante [ɪ], na palavra perigoso [pɪPɪ⌣goZY], que era codificada da seguinte forma: 2oIclTL7PNFjr. Fazia-se a leitura desta ocorrência da seguinte forma:

2 - corresponde à variante alteada (variável dependente);

o - corresponde à vogal tônica: [o];

I - corresponde à vogal átona contígua: [ɪ];

c- corresponde à vogal oral;

l - corresponde ao contexto labial precedente;

T - corresponde ao contexto alveolar seguinte;

L - corresponde à sílaba sem travamento;

7 - corresponde à distância da pretônica em relação à tônica: uma sílaba;

P - corresponde à atonicidade da pretônica: permanente;

N - corresponde à palavra com sufixo;

F - corresponde ao sexo do informante: feminino;

J - corresponde à faixa etária: 22 a 35 anos;

r - corresponde à escolaridade: 9 a 11 anos.

Obedecendo esta seqüência, o mesmo processo foi repetido com todas as outras ocorrências de vogais médias pretônicas.

Após a codificação, os dados foram digitados e armazenados em dois arquivos, um contendo as ocorrências da pretônica /e/ e outro contendo os dados da vogal /o/, ambos criados pelo programa *Edit*[12]. Em seguida, estes arquivos foram submetidos à análise estatística.

2.5 MÉTODO COMPUTACIONAL DE ANÁLISE

[12] Escolheu-se o *Edit* para criar os arquivos de dados desta pesquisa pelas razões enumeradas por Pinto (1992, p. 10): "1) Ele é mais rápido que os outros já mencionados [refere-se aos programas CARTA CERTA, WORDSTAR e POWRITE] (não é por acaso que o nome dele é *Quick Editor*); 2) Suporta arquivos de qualquer tamanho, o limite é a capacidade do seu computador; 3) Permite o acesso visual de até oito arquivos simultaneamente (janelas); 4) Ocupa pouco espaço em disco e em memória; 5) É de fácil utilização para pessoas que tenham pouco conhecimento sobre computadores."

A análise estatística dos dados foi feita com a utilização do pacote de programas computacionais conhecido pela sigla VARBRUL (PINTZUK, 1988) que, conforme Pinto e Fioreti (1992), foi criado para analisar fenômenos variáveis.

Segundo Scherre e Naro (2003, p. 161):

> Os programas da série VARBRUL geram como produto final resultados numéricos associados aos diversos fatores dos grupos de fatores, que medem o efeito relativo de cada fator no fenômeno variável sob análise. São valores projetados, denominados *pesos relativos*. Os programas apresentam também valores percentuais e medidas estatísticas diversas, que indicam se os grupos de fatores considerados pelo pesquisador são significativos do ponto de vista estatístico.

O pacote abrange um conjunto de 10 programas (CHECKTOK, READTOK, MAKECELL, IVARB, TVARB, MVARB, CROSSTAB, TSORT, TEXTSORT e COUNTUB) e segue uma ordem de execução específica. Para uma análise de regra variável, são necessários apenas o CHECKTOK, o READTOK, o MAKECELL (ou MAKE3000) e o IVARB (ou VARB2000) ou TVARB ou MVARB.

Antes de processar os dados no VARBRUL, é preciso criar um arquivo de especificação de fatores e um arquivo de condições. No primeiro, deve constar um código pré-estabelecido para cada variável com seus fatores correspondentes e, no último, são enumeradas todas as variáveis envolvidas.

Em seguida, dá-se início ao processamento dos dados através dos programas. O primeiro programa a ser rodado é o CHECKTOK que tem a função de detectar erros de digitação no arquivo de dados. Feitas as correções no arquivo de dados, deve ser executado o READTOK, responsável pela leitura de todos os dados corrigidos pelo programa anterior, gerando um arquivo de ocorrências que serve como entrada para o MAKECELL, mediante o arquivo de condições já criado. O MAKECELL conta o número de ocorrências e calcula as percentagens de aplicação de cada fator e cria, ainda, um arquivo de células para que o IVARB ou TVARB ou MVARB seja rodado. Qualquer um dos três últimos programas pode fazer a análise estatística e atribuir pesos relativos a cada um dos fatores levantados. O IVARB é usado quando há duas variantes na variável dependente, o TVARB, quando há três (no caso do fenômeno em estudo) e o MVARB, quando há quatro ou cinco.

Neste trabalho, foram feitas algumas rodadas ternárias para /e/ e /o/ com a ajuda do TVARB, mas, como os resultados destas análises não destoavam das que foram realizadas pelo IVARB, e considerando que, apenas, este último programa efetua, por ordem de importância, a seleção dos grupos de fatores condicionadores de um fenômeno variável, decidiu-se trabalhar apenas com o IVARB. Para isso, foi necessário, tratar as três variantes da série não-recuada [ɪ ɛ E] e as da série recuada [ʊ o □] como uma série de regras binárias, a exemplo do que fez Silva (1989), Nina (1991), entre outros. Assim, foram formuladas as seguintes regras:

no caso de /e/: a) [ɪ] x [ɛ] e [E]; b) [ɛ] x [ɪ] e [E]; c) [E] x [ɪ] e [ɛ];

no caso de /o/: d) [ʊ] x [o] e [□]; e) [o] x [ʊ] e [□]; f) [□] x [ʊ] e [o].

A regra a), por exemplo, representa a aplicação de [i] e a não-aplicação a qualquer outra variante concorrente ([ɛ] ou [E]). A regra b) diz respeito à realização de [ɛ] e à não-realização de outra variante baixa [E] ou alta [ɪ] e, assim, sucessivamente.

Além de identificar, do ponto de vista estatístico, os fatores que mais influenciam, por ordem de relevância, um determinado fenômeno variável, o pacote também permite ao usuário amalgamar dois ou mais fatores dentro de um só grupo de fatores, inserir novos fatores dentro de um grupo, criar novos grupos de fatores, detectar fatores categóricos, excluir fatores e grupos de fatores entre outros.

A respeito do conjunto de pesos relativos que deve ser analisado pelo pesquisador, Scherre (2003) afirma que:

> [...] o conjunto de pesos relativos estatisticamente significativo é aquele que contém, ao mesmo tempo, todas as variáveis selecionadas num mesmo nível de análise. É este conjunto de pesos relativos que deve ser usado para comporem-se as tabelas ou os gráficos de resultados e tecerem-se as considerações sobre a análise efetuada, com base nas hipóteses levantadas. Os demais pesos relativos podem e devem ser usados como indicadores, para conjecturas, sem, entretanto, haver nenhum valor estatisticamente significativo (SCHERRE, 2003. p. 166).

O cálculo de probabilidade quantifica, isoladamente, a influência de um determinado fator, mesmo que tal fator jamais apareça separado de outros nos dados. Quanto ao cálculo das freqüências, Naro (2003. p. 19) afirma que "as freqüências brutas, embora concretas e intuitivamente bastante 'reais', podem ser falaciosas, porque seu cálculo não leva em conta as inter-relações existentes entre as categorias que atuam numa regra variável". Em razão disso, tomam-se os pesos relativos, e não as freqüências, como os principais índices da análise estatística do fenômeno lingüístico, aqui, estudado.

A cada fator ou grupo de fatores são atribuídos valores probabilísticos situados entre 0 (zero) e 1 (um). Em uma rodada binária, os valores acima de. 50 são interpretados como favorecedores à aplicação da regra; abaixo de .50 inibidores e, em torno desse valor, são considerados neutros. No entanto, Scherre (2003, p. 162) assevera que:

> [...] os resultados numéricos obtidos pelos programas só têm valor estatístico. O seu valor lingüístico é atribuído e interpretado pelo lingüista. [...] Nunca é demais repetir que a estatística é apenas um instrumento valioso que pode nos auxiliar a entender um pouco mais o comportamento de fenômenos lingüísticos.

Na interpretação dos dados, também deve ser observado, no resultado da análise, o *input* que indica "a probabilidade de aplicação da regra quando o efeito de todos os fatores de todas as variáveis é neutro." (NARO; LEMLE, 1977, p. 26-7). À medida que o *input* se aproxime de 1, maior será a probabilidade de aplicação da regra.

O número de rodadas do pacote VARBRUL depende dos resultados estatísticos. Se o usuário considerar, na primeira análise, os resultados significativos do ponto de vista lingüístico, não será mais necessária nenhuma outra rodada. Caso contrário, poderá solicitar ao programa as análises que considerar necessárias. Também poderá requisitar outros programas do VARBRUL, como o TSORT, o TEXTSORT e o CROSSTAB, que poderão contribuir para a análise dos dados. O primeiro gera, a partir do arquivo de dados, um outro arquivo contendo todas as cadeias de codificação especificadas pelo usuário; o segundo, também com base no arquivo de dados, cria um outro arquivo apresentando as cadeias de texto indicadas pelo usuário; e o último trabalha com o arquivo de células gerado pelo MAKECELL ou MAKE3000, possibilitando o cruzamento dos dados entre dois grupos de fatores.

Ao ser rodado o programa MAKECELL, pode ocorrer *knockout*, o que significa dizer que um determinado fator não sofreu variação, configurando uma regra categórica. Como o IVARB ou VARB2000 só opera com dados em variação, deve-se excluir este fator ou amalgamá-lo a outro no arquivo de condições. A escolha por uma destas alternativas irá depender do que o pesquisador considerar mais adequado do ponto de vista lingüístico.

2.6 RODADAS EXPERIMENTAIS

Antes mesmo de concluir a codificação de todas as ocorrências, foram efetuadas as primeiras rodadas com 3.079 dados, dos quais 2.001 eram realizações de vogais anteriores e 1.078 eram ocorrências de vogais posteriores, mas, nas rodadas finais, esse número foi ampliado.

Nessa fase inicial, não foi possível realizar um detalhamento de todos os grupos de fatores, porque o VARB2000, que faz a seleção dos grupos de fatores relevantes para a aplicação das regras variáveis em estudo, opera com no máximo 60 fatores e, se esse detalhamento fosse feito logo de início, o excesso de fatores não permitiria que o programa fosse rodado. Optou-se, então, por detalhar apenas o tipo de vogal da sílaba tônica, o tipo de vogal átona contígua e a distância da pretônica em relação à tônica, porque partia-se da hipótese de que essas seriam as variáveis selecionadas pelo programa como as mais relevantes na aplicação do alteamento, do abaixamento e da manutenção das médias. Em conseqüência disso, algumas variáveis permaneceram muito amplas e pouco definidas. Assim, com a intenção de refinar a análise, foram feitas rodadas experimentais, a fim de verificar quais fatores poderiam ser excluídos e quais deveriam ser mais investigados, assim como saber se seria necessário eliminar dados de pouca relevância ou que pudessem comprometer os resultados finais.

Tentando realizar a primeira rodada dos dados para cada regra, constatou-se a necessidade de efetuar, em determinados grupos de fatores, algumas modificações, que serão relatadas a seguir:

- juntaram-se, no grupo tipo de vogal tônica, tanto para /e/ quanto para /o/, as nasais [α) ɛ) ɔ)] num único fator, porque, no contexto da vogal [α)], a quantidade de variantes altas e fechadas foi pouco expressiva; e, no caso da acentuada [ɔ)], só foram documentadas, para /e/, apenas ocorrências abertas, enquanto que, para /o/, não houve registro de nenhuma variante abaixada, fechada ou elevada.

- na variável tipo de vogal átona contígua, também reuniram-se as vogais [α) ɛ) ɔ)] em um só fator, para as duas pretônicas, pois, no caso de /e/, precedendo os contextos [ɛ)] e [α)], foram encontradas pouquíssimas variantes fechadas, e, quanto à vogal /o/, não houve registro de formas fechadas ou alteadas antes das átonas [α)] e [ɔ)].

- os ditongos nasais, em função do escasso número de dados, foram amalgamados aos ditongos orais, originando, para /e/ e /o/, um fator único, tanto no grupo natureza da vogal tônica quanto no grupo natureza da vogal átona contígua.

- no que tange à elevação de /o/, não foi registrada nenhuma variante elevada nos contextos de [ɔ] e [□], na variável tipo de vogal átona imediatamente vizinha, resultando no surgimento de dois fatores *nockouts*, que foram, por isso, excluídos.

- quanto ao abaixamento de /o/, foi preciso excluir o contexto [ɛ] do grupo tipo de vogal átona, porque, nesse ambiente, não houve ocorrência da variante baixa.

- com relação ao fechamento de /o/, as vogais tônicas [E] e [□] foram excluídas por provocarem a ocorrência de *nockouts*, porque atuaram de forma categórica no sentido de não permitir a aplicação de nenhuma variante fechada.

- na análise do abaixamento de /e/, surgiram *nockouts* na variável átona contígua devido à não ocorrência de pretônica aberta no contexto de [ɛ] e [ɔ] e pelo uso categórico da variante baixa diante de [□], acarretando a eliminação destes três fatores.

- a respeito da manutenção de /e/, no grupo da vogal átona imediatamente vizinha, apareceram *nockouts*, porque, diante de [ɛ] e [ɔ], só ocorreram pretônicas fechadas, e, antes de [□], não houve registro de nenhuma variante fechada, o que ocasionou a exclusão dessas três vogais.

- no tocante à elevação de /e/, ainda com relação à variável vogal átona contígua, os fatores [α) ɛ) ɔ)], [υ)], [□], [ɛ], [ɔ], [E], [□] e os ditongos foram excluídos, em virtude do surgimento de *nockouts*, que ocorreram porque estes contextos não permitiram a aplicação de nenhuma pretônica alteada.

Os amalgamamentos, feitos levando-se em conta a semelhança de comportamento lingüístico dos fatores, além de resolverem o problema dos *nockouts*, possibilitando que o arquivo de células do MAKE3000 servisse de *input* para o VARB2000, viabilizaram futuras rodadas com um maior grau de detalhamento de outros grupos de fatores.

Realizada a primeira rodada dos dados para as regras de alteamento, de abaixamento e de manutenção, tanto para a pretônica /e/ quanto para /o/, decidiu-se:

a) estudar apenas as pretônicas orais, pois, analisando a aplicação da regra de alteamento das nasais /ɛ)/ e /ɔ)/, constatou-se que, além de se mostrar uma regra pouco produtiva, o alçamento dessas vogais estava limitado a um pequeno número de itens lexicais que, em sua maioria, correspondiam a formas paradigmáticas de um mesmo verbo, como por exemplo: sentir, sentido, sentia, sentimento, mentir, mentiu, mentira, vender, vendido, vendia, vendeu, acontecer,

acontecia, acontecido, acontecimento, comprar, comprava, comprou, comprado, inventar, inventou, inventei, invenção entre outros.

b) reformular o grupo tipo de atonicidade, dividido, inicialmente, em dois fatores: vogal átona permanente, que é aquela que sempre se mantém átona em todo o processo derivacional, como em molecagem < moleque, e vogal átona casual, que se transforma em átona no paradigma morfológico, como em nervoso < nervo, pelo fato deste último fator se apresentar como um ambiente motivador das regras de abaixamento e fechamento das médias /o/ e /e/, optando-se por subdividi-lo em: vogais baixas, vogais médias, vogais mistas e vogais variáveis. As vogais átonas casuais baixas são aquelas que, no processo derivativo, se tornam átonas, mas, na forma primitiva da palavra, era tônica e baixa (alegria < alegre); as vogais átonas casuais médias apresentam uma vogal tônica média na palavra primitiva (fornalha < forno); as vogais átonas casuais mistas apresentam, dentro da família, uma vogal tônica média e baixa (movimenta < movo e move); e as vogais átonas variáveis apresentam no paradigma uma vogal tônica alta e média e/ou baixa (segui < segue e siga e em podia < pude, posso e pôde).

c) reorganizar o fator estrutura morfológica que, a princípio, foi dividido em dois itens: presença de sufixo e ausência de sufixo, mas, em decorrência do fator presença de sufixo (nominal e verbal) atuar como um forte aliado da regra de abertura de /e/ e das regras de alteamento e manutenção de /o/, notou-se a necessidade de subdividi-lo em sufixo nominal, compreendendo os sufixos nominais e adjetivais, e sufixo verbal.

d) reformular também o grupo tipo silábico, inicialmente, composto pelos fatores: sílaba livre e sílaba travada, já que este último fator se apresentou bastante favorável à regra de manutenção para as pretônicas /e/ e /o/ e abaixamento apenas de /o/, demonstrando ser necessário especificar melhor o tipo de travamento silábico e, por esta razão, foi feita a distinção entre as sílabas travadas por /R/ e por /S/.

e) excluir as pretônicas das palavras com sufixo -inho, -zinho, -mente, -ão por conservarem, invariavelmente, a altura da vogal primitiva átona final (lev[ɪ]mente, pest[ɪ]nha, caminh[ʊ]zinho) ou da primitiva tônica (v[E]lhinha, n[ɛ]grão, p[ɛ]razinha).

f) adiar o exame das pretônicas dos prefixos e dos radicais prefixados em virtude dessas vogais se realizarem pouquíssimas vezes, principalmente no caso de /o/, que ocorre em um número mais reduzido de prefixos da língua, já que o padrão silábico CV.C, contexto escolhido, aqui, para estudar as pré-acentuadas, elimina ocorrências, como ex-, em-; assim como a exclusão

das pretônicas nasais descarta as ocorrências contra- e con-. Também contribuiu para não incluir, nesta análise, as pretônicas prefixais o fato destas vogais apresentarem um comportamento distinto do das vogais do radical da palavra, pois, quando se desconhece a origem do prefixo, incorporando-o à palavra como um todo, a regra de harmonização vocálica é favorecida, como em r[ɛ]tiro ~ r[ɪ]tiro (subst.); no entanto, quando não se perde completamente a sua origem, não sendo possível incorporá-lo totalmente ao novo vocábulo, o ambiente é pouco propício à variação da pretônica (ex. pr[E]aquecer).

g) excluir as pretônicas do radical dez- (numeral) e da seqüência inicial des-, já que se realizam sempre como i (d[ɪ]safio, d[ɪ]zessete) por analogia formal à vogal do prefixo homônimo des- (d[ɪ]sconsiderar).

h) retirar do *corpus* os dados de um mesmo item lexical, com mais de vinte e cinco ocorrências, em que a pretônica não sofre variação, como t[E]l[E]vizão (82x), t[E]rreno (33x), d[ɪ]mais (44x), n[□]vela (27x), p[ɛ]ssoa (95x), v[o]cê (76x), m[ɪ]nino (52x), p[ɪ]rigo (38x), s[ɪ]gundo (24x), d[ɛ]pois (33x), para que os percentuais de certos fatores não fossem inflacionados, gerando pesos não condizentes com a realidade dos fatos. Pelo mesmo motivo, foram excluídos os ítens p[ʊ]rque (112x), p[o]rque (06x), pr[ʊ]fessor (36x) e pr[o]fessor (03x), pois, embora se realizem de modo variável, a tendência é que uma das variantes seja muito mais freqüente do que a outra.

i) por fim, eliminar os nomes próprios (F[□]rtaleza) e as siglas (D[ɛ]TRAN) por ocorrerem com baixíssima freqüência e também por se acreditar que, em função de sua natureza diversa, apresentam um comportamento distinto do dos outros itens da amostra.

Feitas as alterações descritas acima, serão apresentados, a seguir, os resultados das rodadas definitivas.

3 AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO FALAR POPULAR DE FORTALEZA

Este capítulo, que está dividido em duas seções, toma para estudo, com base em percentuais e probabilidades, a atuação dos fatores selecionados como relevantes pelo programa estatístico sobre as regras de alteamento, abaixamento e preservação das pré-acentuadas /e/ e /o/ no falar popular dos fortalezenses.

Como mostra a tabela 1, o número total de ocorrências que constitui a amostra analisada é de 5.848 dados, distribuídos segundo o tipo de pretônica. A tabela abaixo também revela que a vogal /e/ é mais freqüente do que /o/.

TABELA 1 - Distribuição das ocorrências pelo tipo de pretônica

Tipo de pretônica	Número de ocorrências
/e/	3.337
/o/	2.511
Total	5.848

A tabela 2 informa como foram distribuídas as ocorrências e a freqüência de uso das variantes das duas vogais pré-acentuadas:

TABELA 2 - Distribuição das variantes por número de ocorrências e percentuais

Variantes	Número de ocorrências	%
[ɪ]	347	10
[ɛ]	1066	32
[E]	1924	58
[ʊ]	359	12
[o]	585	24
[□]	1567	64

Com base nos valores da tabela 2, observa-se que, para as recuadas e as não-recuadas, as variantes mais freqüentes foram as baixas; as fechadas, na série das anteriores e das posteriores, apresentam a segunda maior freqüência; e, as altas aparecem, em ambas as séries, com as menores freqüências. Nota-se, assim, uma expressiva regularidade na distribuição das pretônicas /e/ e /o/ na amostra em estudo.

Comparando os percentuais da tabela 2 com os índices dos trabalhos realizados no Rio de Janeiro (YACOVENCO, 1993), Bahia (SILVA, 1989) e Paraíba (PEREIRA, 1997), observa-se que o alteamento é menos utilizado pelos fortalezenses do que pelos cariocas (32% de [ɪ] e 30% [ʊ]), soteropolitanos (20% de [ɪ] e 24% de [ʊ]) e pessoenses (34% [ɪ] e 35% [ʊ]). As elevadas freqüências de abaixamento registradas em Fortaleza ultrapassam as taxas encontradas em Salvador (60% [E] e 57% [□]), distanciando-se dos índices menos elevados obtidos em João Pessoa (44% [E] e 42% [□]) e, principalmente, dos do Rio de Janeiro (4% [E] e 4% [□]). Os percentuais de aplicação da regra de manutenção das médias, na capital cearense, assemelham-se aos valores registrados por Pereira (21% [ɛ] e 39% [o]), na Paraíba, porém diferem dos altos percentuais documentados por Yacovenco (64% [ɛ] e 66% [o]), no Rio de Janeiro.

3.1 PRETÔNICA RECUADA

3.1.1 Alteamento

Nesta rodada, o *input* geral de aplicação do alteamento de /o/ foi de 0.02. Isso significa que, nesta amostra, a variante [ʊ] é, dentre as posteriores, a que oferece menor probabilidade de ocorrência. Os fatores selecionados como favorecedores da elevação, por ordem de importância, foram:

a) natureza da vogal tônica;

b) atonicidade;

c) consoante subseqüente;

d) consoante precedente;

e) natureza da vogal átona contígua;

f) idade;

g) sufixação;

h) escolaridade.

A distância da vogal em relação à pretônica, a estrutura silábica e o sexo não foram considerados fatores relevantes.

A seguir, será analisada, primeiramente, a atuação dos contextos vocálicos e, depois, o efeito dos contextos consonânticos sobre o alçamento. Dessa forma, após a apresentação dos fatores lingüísticos, serão estudados os fatores sociais, sem levar em conta a ordem de seleção determinada pelo VARBRUL, mas somente o fato de terem sido eleitos por esse programa.

a) Natureza da vogal tônica

TABELA 3 – Atuação da natureza da vogal tônica sobre o alteamento de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
[ɪ]	150/270	56	.92	Dorm[ɪ]
[ɪ)]	33/50	66	.96	Dorm[ɪ)]do
[ʊ]	9/43	21	.57	Cost[ʊ]ra
[ʊ)]	13/25	52	.79	Cost[ʊ)]me

[ɛ]	6/94	6	.28	Escollh[ɛ]r
[ɔ]	4/184	2	.23	Moderniz[ɔ]
[E]	14/198	7	.27	Apodr[E]se
[□]	1/47	2	.09	Gordur[□]sa
[ɑ]	65/804	8	.45	Soseg[ɑ]da
[ɑ) ɛ) ɔ)]	29/347	8	.41	Movim[ɛ)]to
Ditongo	35/353	10	.51	Bot[□)ω)]

Observando a tabela 3, constata-se que os índices percentuais e probabilísticos mais elevados pertencem, em ordem decrescente, às vogais contextuais: [ι)], [ι], [υ)] e [υ]. Estes resultados mostram que a vogal alta tônica, principalmente a não-recuada, oral ou nasal, é o contexto mais propício à realização da posterior alta, confirmando, assim, na amostra analisada, a hipótese da harmonização vocálica.

No português brasileiro, o fenômeno da harmonização vocálica tem sido discutido por diversos estudiosos, dentre eles, Bisol (1981), Vieira (1983), Silva (1989), Callou, Leite e Coutinho (1991), Schwindt (2002) entre outros. Por harmonia vocálica, entende-se aqui um processo em que a vogal pretônica média assimila o traço de altura da vogal subseqüente, seja ela tônica ou não.

Como informa a ordem de seleção dos grupos de fatores determinada pelo VARBRUL, a natureza da vogal da sílaba tônica aparece em primeiro lugar, o que significa dizer que é a vogal tônica, e não a átona, o contexto preferencial do alteamento de /o/. Uma análise precipitada poderia apontar este resultado como uma confirmação da hipótese de Câmara Jr. (1997), segundo a qual é a vogal tônica, e não a átona, a responsável pela elevação. No entanto, os dados obtidos no grupo vogal átona seguinte, como será visto mais adiante, não permitem tal conclusão.

Apesar da variável contigüidade não ter sido selecionada pelo programa, decidiu-se avaliar a influência deste grupo de fatores conjuntamente com a variável tipo de vogal tônica, com a expectativa de que a vogal alta acentuada vizinha à pretônica em foco exercesse maior influência sobre o alçamento de /o/ do que a tônica alta não-contígua.

TABELA 4 – Cruzamento de contigüidade e natureza da vogal tônica

Contigüidade	Natureza da vogal tônica			
	[ɪ]	[ɪ)]	[ʊ]	[ʊ)]
Contígua	70%	80%	25%	52%
Não-contígua	9%	0%	0%	0%

Como as vogais com o traço [- alto] não favorecem a aplicação da variante alta, apresentam-se na tabela 4 apenas os resultados relativos aos contextos de vogais altas, já que estes foram os únicos favorecedores da aplicação da regra. Pela leitura da tabela 4, no ambiente de contigüidade à vogal candidata à elevação, as vogais anteriores acentuadas [ɪ] e [ɪ)] aumentam a freqüência de aplicação da variante alçada [ʊ], mas as tônicas posteriores [ʊ] e [ʊ)], principalmente a primeira, não exibem percentuais de aplicação tão expressivos quanto os encontrados para as anteriores. No contexto de tônica não contígua, os poucos casos de alteamento de /o/ só foram encontrados diante da vogal [ɪ]. Como, praticamente, não foram registrados dados de alteamento de tônica não-contígua, não se pode afirmar com segurança que a contigüidade exerça um papel relevante no processo em estudo.

Ao contrário do que foi verificado aqui, o estudo de Schwindt (2002), no falar gaúcho, aponta a variável contigüidade como um grupo de fatores mais importante do que a tonicidade no processo de alteamento de /o/ e /e/, confirmando o que já havia sido observado por Bisol (1981) e Silva (1989).

Os dados obtidos também evidenciam que a tônica não-homorgânica, isto é, a anterior alta, favorece mais a aplicação da regra do que a posterior alta. Por isso, é mais freqüente ouvir, no falar dos fortalezenses, d[ʊ]rmi[13], s[ʊ]fri, c[ʊ]rtina, ap[ʊ]zentaduria que k[ʊ]luna, c[ʊ]rcunda, t[ʊ]rtura.

Bisol (1981) já havia observado, no dialeto gaúcho, que a vogal subseqüente /i/ exerce maior influência sobre o alçamento das médias do que a vogal /u/. Utilizando-se do diagrama de Jones (1950, apud Bisol, 1981, p. 114) sobre as vogais cardinais, a autora explica tal fato da seguinte forma : “o espaço na cavidade bucal para a emissão das vogais anteriores é maior do que o espaço destinado à emissão das vogais posteriores. Conseqüentemente a vogal alta posterior é menos alta que a anterior”. Por isso, é compreensível que a recuada não desempenhe força

[13] Todos os vocábulos, usados para ilustrar a ocorrência de pretônicas, foram colhidos da amostra analisada.

atrativa sobre /e/, porque transformá-la em /i/ significaria produzir uma articulação mais alta que a própria (ver ANEXO A).

Em itens lexicais pertencentes ao mesmo paradigma, como mostram os exemplos: costume, costuma, acostuma, costumo, costura, costuro, parece que o alteamento tende a ser favorecido pela homorganicidade entre a vogal candidata à elevação e a vogal contextual alta.

A baixa freqüência (10%) e o peso relativo (.51) muito próximo do ponto neutro rendem aos ditongos uma atuação pouco relevante na elevação da vogal /o/. Os contextos de vogais [-altas] inibem a aplicação da regra, conforme sugerem os índices muito abaixo de .50. Os casos em que o alçamento foi aplicado em ambientes desfavoráveis não se devem à regra de harmonização vocálica, como revelam os exemplos: m[ʊ]lecagem, b[ʊ]tão, g[ʊ]verno, mas à interferência de uma consoante precedente labial ou velar. Assim, pode-se concluir que nem sempre o processo de harmonização vocálica pode explicar todos os casos de alteamento de /o/.

Outro ponto a destacar no processo de variação é que foram poucas as palavras a admitirem duas possibilidades de realização (por exemplo, el[ɔ]gia ~ el[ʊ]gia). As ocorrências, em sua maioria, são categóricas no sentido de aplicarem a variante alta, como se vê em p[ʊ]lítico (12x), n[ʊ]tícias (16x), p[ʊ]lícia (14x), m[ʊ]tivo (8x) entre outros. Tal fato não ocorre apenas no dialeto local, mas também em outras variedades lingüísticas.

b) Natureza da vogal átona contígua

Os valores expostos na tabela 5 mostram que o alteamento de /o/ também é favorecido por uma vogal alta àtona imediatamente vizinha à pretônica em foco, evidenciando mais uma vez a atuação do processo de harmonização vocálica.

TABELA 5 – Atuação da natureza da vogal átona contígua sobre o alteamento de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
[ɪ]	28/152	18	.80	Pos[ɪ]tivo
[ʊ]	8/78	10	.54	Cost[ʊ]rando
[ʊ)]	8/36	22	.71	Akost[ʊ)]mei
[ɛ]	5/72	7	.26	Sos[ɛ]guei

[E]	3/46	7	.52	Mol[E]kagem
[α]	1/107	1	.11	Bol[α]chada
[α) ε) o)]	1/19	5	.52	Com[ε)]tário

Partindo da informação de que esta variável foi selecionada em quinto lugar pelo programa, pode-se dizer que a pretônica /o/ tem maior probabilidade de ser alteada diante de vogal alta tônica e, secundariamente, diante de vogal alta átona. Nina (1991) também nota que, no falar belenense, a vogal átona contígua aparece como o segundo contexto mais favorecedor do alteamento de /o/, só perdendo a primeira posição para a vogal tônica contígua.

Apesar da vogal alta tônica apresentar-se como o contexto mais favorável à elevação da posterior, a tonicidade não é necessariamente o condicionador principal da regra de harmonização vocálica, uma vez que o alteamento também é aplicado no contexto de vogal átona contígua, como demonstram os exemplos: ac[ʊ]stumei, v[ʊ]mitado, s[ʊ]frimento, a[ʊ]turizar, arr[ʊ]deando. Então, é possível afirmar que o traço alto da vogal contextual é mais determinante na aplicação da regra do que a tonicidade, posto que o alteamento ocorre tanto em sílabas átonas quanto em sílabas tônicas. Isto parece comprovar o que já havia sido observado por Bisol (1981) no dialeto gaúcho.

A vogal anterior alta exerce maior influência sobre o alteamento do que a posterior alta, oral ou nasal, ratificando o que já tinha sido notado para a variável tipo de vogal tônica. Esse fenômeno também pode ser explicado por meio do diagrama das vogais cardeais.

Com relação à homorganicidade, a vogal não-homorgânica [ɪ] é a que mais promove o alçamento de /o/, como já havia sido verificado para a variável tipo de vogal tônica.

Os baixos índices percentuais e as probabilidades pouco expressivas mostram que os contextos de vogais [-altas], no caso de [ε] e [α], são inibidores da regra ou, então, apresentam uma fraca atuação sobre o alçamento de /o/, no caso dos fatores [ε) o) α)] e [E]. Atribui-se a ocorrência da variante [ʊ] no ambiente de vogal não alta à interferência da consoante labial precedente ou seguinte, como demonstram os exemplos: pr[ʊ]fessores, esp[ʊ]letada, esc[ʊ]rreguei, hom[ʊ]ssexual, m[ʊ]lecagem.

A aplicação do alteamento de /o/ nos contextos [ε) o) α)] e [E] deve-se aos vocábulos m[ʊ]lecagem (1x), c[ʊ]mentário (1x) e hom[ʊ]ssexual (2x). Como se vê, a quantidade de

ocorrência de alteamento de /o/ nesses ambientes é praticamente insignificante, mas o peso relativo destes fatores apresenta-se um pouco acima do ponto neutro. Acredita-se que essa desproporção entre os valores atribuídos aos dois contextos também seja resultado da influência das consoantes vizinhas.

Não foi registrada nenhuma ocorrência de vogal alta não-recuada nasal e de ditongo na amostra analisada. Além disso, diante das vogais contextuais [ɔ] e [□] não foi documentado nenhum caso de variante alteada, por isso decidiu-se pela exclusão dos dados destas duas vogais nesta rodada.

c) Consoante precedente

Com base nos índices apresentados na tabela 6, observa-se que, com relação à consoante pré-vocálica, a labial e a velar são os únicos contextos favorecedores da aplicação do alteamento de /o/. Vale notar que a labial exerce uma ação positiva maior sobre a variante [ʊ] do que a velar.

TABELA 6 – Atuação da consoante precedente sobre o alteamento de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Labial	154/826	19	.71	[π]olítico
Alveolar	112/901	12	.33	[δ]ormi
Palatal	1/104	1	.16	[Σ]ocalho
Velar	89/515	17	.59	[κ]ostume
Aspirada	3/69	4	.18	A[ ]odeando

Como já havia notado Bisol (1981), Nina (1991), Pereira (1997) e Yacovenco (1993), a atuação favorável da labial sobre o alteamento de /o/ está relacionada ao traço de labialidade comum a essa consoante e às vogais posteriores, principalmente [ʊ], que, numa escala crescente, seria mais arredondada que [□] e [ɔ]. Muitos casos em que ocorreu o alteamento de /o/ sem que houvesse ambiente para a assimilação vocálica (m[ʊ]derno, b[ʊ]rracha, esp[ʊ]letada, ap[ʊ]drese, b[ʊ]tava, b[ʊ]dega) podem ser explicados pela comunhão do traço da labialidade entre a labial e a variante alta. No entanto, não se deve considerar que a labial, por si só, condicione plenamente

a regra, uma vez que, analisando os dados desse fator, constatou-se que a maioria das ocorrências alteadas também sofre influência da vogal alta da sílaba seguinte, como revelam os exemplos: p[ʊ]lítico, v[ʊ]mitado, p[ʊ]dia, p[ʊ]lícia, m[ʊ]vimentada, p[ʊ]sitivo, m[ʊ]rrido, ab[ʊ]rricida, m[ʊ]chila, m[ʊ]tivo.

Atribui-se o comportamento favorecedor da consoante velar no alçamento de /o/ à força de sua articulação elevada, assim como o fazem Bisol (1981), Silva (1989), Nina (1991) e Yacovenco (1993). A exemplo do que aconteceu com a labial, não se pode afirmar que a velar exerça o papel de condicionador pleno da regra, porque o alteamento, nesse contexto, tem como fator coadjuvante a vogal alta da sílaba seguinte, como revelam os exemplos: c[ʊ]stura, c[ʊ]rria, c[ʊ]zinha, c[ʊ]stume, g[ʊ]rdura, c[ʊ]rrida, c[ʊ]chilada. Porém, em vários itens lexicais (c[ʊ]lera, c[ʊ]lher, esc[ʊ]lher), a única explicação para a elevação de /o/ no contexto de vogal não alta é a presença do traço articulatório [+ alto] da velar pré-vocálica.

A alveolar, por ser produzida com a língua razoavelmente plana, desfavorece a aplicação de [o] e a palatal demonstrou exercer um papel negativo no alteamento de /o/. Estes resultados coincidem com os de Bisol (1981), Silva (1989) e Nina (1991). Nessa amostra, a palavra ch[ʊ]calho representa a única ocorrência em que a realização da vogal [ʊ] ocorreu precedida por uma palatal. Já os três casos de aplicação da regra no contexto de uma aspirada precedente devem-se ao vocábulo arr[ʊ]deando.

d) Consoante subseqüente

TABELA 7 – Atuação da consoante subseqüente sobre o alteamento de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Labial	66/422	16	.66	Co[β]içava
Alveolar	150/1000	15	.50	Po[λ]ítico
Palatais	77/216	36	.75	Mo[Σ]ila
Velares	9/302	3	.29	Fo[γ]ão
Aspiradas	57/475	12	.38	Do[ ]mi

A tabela 7 mostra que tanto a palatal quanto a labial privilegiam a aplicação da regra, sendo que a primeira age mais fortemente no processo do que a segunda.

A atuação positiva da palatal seguinte à pretônica candidata à regra pode ser justificada em função de sua articulação alta, que favoreceria a variante [ʊ].

A respeito da palatal, Bisol (1981, p. 95) nota que, apesar de apresentar o traço [+ alto], essa consoante se comporta de forma distinta: "desfavorece a elevação da vogal notadamente /o/, como se estivesse desenvolvendo uma ação dissimiladora, quando a precede; favorece-a, quando segue essas vogais, ou pelo menos, não lhes oferece obstáculos". Os resultados apontados pela autora confirmam os que foram obtidos aqui.

Com exceção de quatro ocorrências (c[ʊ]stela, t[ʊ]stão, isc[ʊ]lher, m[ʊ]starda), todos os outros casos em que o alteamento de /o/ foi seguido por uma palatal, havia a presença de uma vogal alta na sílaba vizinha, que é o ambiente mais propício à realização de [ʊ]. Por isso, não se pode dizer com certeza se a palatal, na amostra estudada, favorece o alteamento.

Em virtude do traço de labialidade comum à labial e à vogal /o/, em contexto posvocálico, a labial favorece o alteamento de /o/, como já havia sido observado em posição pré-vocálica.

Deve-se atentar para o fato de que, quando a variante [ʊ] é seguida por labial, há sempre uma vogal alta na sílaba seguinte, excetuando-se três casos (apr[ʊ]veita, c[ʊ]berta, pr[ʊ]fessores). Assim, considerando pouco significativo o número de palavras em que a regra foi aplicada diante de contexto desfavorável, ou seja, antes de vogal [- alta], não se pode afirmar, categoricamente, que essa consoante favoreça o alteamento.

Como já se esperava, a alveolar e a aspirada não favorecem a elevação de /o/. A velar, na posição seguinte, aparece como inibidora do processo, ratificando os resultados de Bisol (1981) e Nina (1991). As poucas ocorrências de aplicação da regra documentadas no contexto de velar pertencem às palavras: f[ʊ]gão (6x), b[ʊ]cado (2x) e ch[ʊ]calho (1x).

e) Atonicidade

A atonicidade foi selecionada pelo VARBRUL como a segunda variável que mais atua sobre a elevação de /o/. Isso significa que a atonicidade age mais sobre a regra do que o contexto consonantal precedente ou subseqüente.

A variável atonicidade está relacionada ao fato da vogal média pretônica perder, por deslocamento do acento, a tonicidade, num processo derivativo ou flexional. A esse tipo de atonicidade, denomina-se casual, que se opõe à permanente, em que a vogal permanece sempre átona em todo o paradigma.

Na tabela 8, as vogais casuais variáveis ou vogais sem *status* definido, aquelas que apresentam dentro da família de palavras a que pertence o item lexical da ocorrência uma realização acentuada de altura variável, incluindo alta, como em pôde> pode> pude, apresentam os mais elevados índices percentuais e probabilísticos, conferindo-lhes o papel de principal contexto favorecedor da elevação de /o/.

Observando as ocorrências deste fator, constatou-se que as vogais casuais variáveis ocorrem, principalmente, nos paradigmas verbais dos verbos da 3ª conjugação e irregulares da 2ª e palavras derivadas dessas formas verbais. Tais verbos caracterizam-se pela presença abundante de vogal alta em seu paradigma: t[ʊ]ssi, eng[ʊ]li, disc[ʊ]bri, d[ʊ]rmi. Assim, explica-se porque essas vogais exercem um papel tão relevante na aplicação de [ʊ].

TABELA 8 – Atuação da atonicidade sobre o alteamento de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Permanente	189/1004	19	.74	Político
Variável	72/87	83	.93	Dormi
Média	11/100	11	.41	Apodrese
Mista	44/479	9	.30	Sofri
Baixa	43/745	6	.25	Botar

As vogais átonas permanentes, embora não tenham uma atuação tão positiva sobre a aplicação da regra quanto as átonas casuais variáveis, também constituem um fator de favorecimento do alteamento de /o/.

Para Bisol (1981, p. 101), "o falante guarda memória das regras subjacentes, por isso uma sílaba átona pode ser ouvida como forte em função de um acento maior que lhe foi atribuído nas primeiras etapas do processo derivacional." Isso reduziria a possibilidade de uma vogal pretônica átona casual se realizar como alta. Assim, justifica-se por que as átonas permanentes constituem um ambiente propício à aplicação da variante [ʊ].

Além disso, os resultados da tabela 8 evidenciam que as átonas aparentadas com as vogais tônicas [E ε o □] tendem a inibir a elevação de /o/, já que os valores probabilísticos das átonas médias, mistas e baixas se encontram abaixo de .50. Disso infere-se, conforme nota Bisol (1981, p. 103), que "a lembrança do acento subjacente pode exercer um papel negativo na aplicação da regra."

O efeito favorecedor das vogais átonas permanentes e das vogais sem *status* definido também ficou demonstrado nos estudos de Bisol (1981), Silva (1989) e Celia (2004).

f) Sufixação

De acordo com a tabela 9, os sufixos verbais representam o único contexto que favorece a aplicação do alteamento de /o/. Analisando as ocorrências selecionadas para este fator, acredita-se que o comportamento favorável dos sufixos verbais esteja relacionado à abundância de vogais altas no paradigma verbal, seja na vogal temática seja na terminação. Sendo assim, a seleção deste fator vem confirmar os resultados estatísticos obtidos para as vogais casuais átonas variáveis.

TABELA 9 – Atuação da sufixação sobre o alteamento de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Verbal	170/1051	16	.62	Cobriu
Nominal	73/708	10	.46	Sofrimento
Sem sufixo	116/656	18	.34	Notícia

Os sufixos nominais agem, na amostra analisada, no sentido de inibir a regra, o que parece indicar que a distinção de comportamento entre sufixos verbais e sufixos nominais reside na diferença entre flexão e derivação. Também Schwindt (2002), no falar gaúcho, nota a ação negativa dos sufixos nominais.

Sobre a ação dos sufixos nominais, Bisol (1981, p.73) considera que seus resultados "apontam para o comportamento dúbio dos sufixos correspondentes a nomes e adjetivos, não permitindo atribuir-lhes um papel definido."

A ausência de sufixo demonstrou ser um contexto desmotivador na aplicação do alteamento de /o/.

g) Escolaridade

Os valores expressos na tabela 10 revelam que os informantes menos escolarizados (nenhum a 4 anos) apresentam alta taxa de realização da variante [ʊ] (.57), ao passo que os mais escolarizados (5 a 8 anos e 9 a 11 anos) aplicam menos (.53 e .41).

Assim, tem-se uma correlação entre a variável escolaridade e o alteamento de /o/, pois à medida que aumenta o grau de escolaridade entre os informantes, diminui a aplicação da regra. No entanto, considera-se que a escolaridade, por ter sido selecionada em último lugar e por apresentar índices probabilísticos muito próximos da neutralidade, desempenha um papel pouco relevante na realização de [ʊ].

Esperava-se este resultado, porque acredita-se na influência da forma escrita sobre a maior ou menor aplicação do alteamento de /o/. Constata-se que este é um caso em que não é a prescritividade escolar que está atuando sobre a regra, mas, sim, o fato de que a forma escrita exerce uma pressão muito forte sobre a competência oral do falante que usa a escrita.

TABELA 10 – Atuação da escolaridade sobre o alteamento de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade
0 a 4 anos	138/761	18	.57
5 a 8 anos	130/821	16	.53
9 a 11 anos	91/833	11	.41

Apesar de haver uma diferença de comportamento lingüístico entre os informantes mais escolarizados e os menos escolarizados, não se pode dizer que essa diferença represente marca de diferenciação social, uma vez que os pesos relativos não se distanciam muito do ponto neutro e, além disso, a variante alçada está presente em todos os níveis de escolaridade.

No dialeto belenense (NINA, 1991), também foi observado que os informantes com maior escolaridade realizam menos a variante [ʊ] do que os com menor escolaridade, assim como

acontece em Bragança (FREITAS, 2003), no Pará, em João Pessoa (PEREIRA, 1997) e no falar rural paranaense (KAILER, 2006).

h) Idade

TABELA 11 – Atuação da idade sobre o alteamento de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade
15 a 25 anos	96/840	11	.38
26 a 49 anos	126/851	15	.51
50 anos em diante	137/724	19	.63

Os dados da tabela 11 mostram que os informantes mais jovens (15 a 25 anos) inibem o alteamento de /o/, ao passo que os indivíduos mais velhos (a partir dos 50 anos) favorecem nitidamente a aplicação da regra. Os falantes da faixa intermediária (26 a 49 anos) apresentam um comportamento neutro.

Este resultado permite afirmar que são os mais velhos os que tendem a empregar mais a regra de elevação com maior relevância, sendo os mais jovens os que tendem a usá-la menos, como também aconteceu com as pretônicas /e/ e /o/ no dialeto gaúcho (BISOL, 1981), no falar do médio-Amazonas paraense (VIEIRA, 1990) e na variedade fluminense (CALLOU; LEITE; COUTINHO, 1991; YACOVENCO, 1993). Na amostra de Salvador, Silva (1989, p. 190) observa que "a variante **u** tem probabilidade mais alta entre os mais velhos, ou seja, entre os maiores de 56 anos, mas isso não se repete para **i**, cuja probabilidade de ocorrer fica em torno de .50 qualquer que seja a idade do locutor."

Segundo Bisol (1981, p. 86), apesar da variável idade não ter tido um papel de destaque no alteamento de /e/ e /o/, a autora nota que os mais jovens tendem a usar menos as pretônicas alteadas e, por isso, considera que "a alteração da pretônica, no dialeto gaúcho, é uma regra em vias de um processo de regressão."

No entanto, não se acredita que, no falar fortalezense, este processo esteja em vias de regressão. Neste caso, defende-se que uma possível explicação para o uso menos freqüente da variante [ʊ] pelos jovens esteja relacionada ao fato de que o mercado de trabalho atual parece exigir mais deles quanto à aparência e escolarização do que em outras épocas. Some-se a isso à

provável interferência dos meios de comunicação de massa que atuam no sentido de difundir a norma-padrão. Assim, vê-se, na tabela 11, a configuração de um caso típico de gradação etária, ou seja, a representação de um padrão característico de determinada faixa etária que a cada geração se repete, considerando que a regra de alçamento já ocorria no latim desde o século IV d. C., conforme Bisol (1981).

Segundo Labov, para melhor entender a atuação da variável idade sobre um determinado fenômeno, é preciso relacionar os dados obtidos por esta variável a outras variáveis independentes. Por isso decidiu-se realizar o cruzamento dos fatores faixa etária e escolaridade, como mostra a tabela 12.

TABELA 12 - Cruzamento de faixa etária e escolaridade

		Faixa etária	
Escolaridade	I (15 a 25 anos)	II (26 a 49 anos)	III (50 em diante)
0 a 4 anos	14%	10%	23%
5 a 8 anos	9%	18%	21%
9 a 11 anos	12%	18%	12%

De acordo com os dados da tabela acima, embora não apresente valores polarizados, pode-se afirmar que, entre os informantes mais idosos, quanto maior o nível de escolaridade, menor a freqüência de uso do alteamento de /o/. Tal fato reforça a tese de que as pessoas, quando se afastam ou estão próximas de se afastarem das atividades profissionais, tornam-se menos sensíveis às formas privilegiadas pela escrita padrão.

3.1.2 Abaixamento

O *input* geral de aplicação do abaixamento de /o/ foi de .81 nesta rodada, que é um índice bastante elevado. Com base nesta informação, pode-se dizer que, dentre as posteriores, a variante [□] é a que oferece maior probabilidade de realização entre os informantes da amostra analisada.

Por ordem de relevância, foram selecionados, como favorecedores da elevação, os seguintes fatores:

a) natureza da vogal tônica;

b) natureza da vogal átona contígua;

c) atonicidade;

d) consoante precedente;

e) sufixação;

f) estrutura da sílaba;

g) consoante subseqüente.

A distância da vogal em relação à pretônica, o sexo, a faixa etária e a escolaridade foram considerados fatores irrelevantes. Dessa forma, nenhum fator social demonstrou atuar sobre o abaixamento de /o/.

Segue-se a análise de cada um dos fatores selecionados pelo VARBRUL, porém os fatores não serão apresentados por ordem de seleção. Decidiu-se priorizar aqui, primeiramente, os contextos vocálicos e, depois, os contextos consonânticos.

a) Natureza da vogal tônica

Conforme mostra a tabela 13, as vogais baixas [E □ α] e as vogais não-altas nasais [α)) ε) ɔ)] seguintes à pretônica são os únicos contextos que favorecem a realização de [□], caracterizando uma regra de harmonia vocálica. No ambiente dessas vogais, o percentual e a probabilidade de aplicação da regra são muito elevados, por isso, na amostra estudada, é tão comum os informantes pronunciarem: pr[□]jeto, m[□]derno, n[□]rdeste, c[□]l[□]car, l[□]c[□]move, nam[□]rava, j[□]gado, ign[□]rante, abs[□]rvente, imp[□]rtante, m[□]rando.

A vogal média-baixa homorgânica é a principal favorecedora do abaixamento da vogal média pretônica recuada, pois tanto o percentual quanto o peso relativo revelam que, nesse contexto, o emprego da variante baixa é, praticamente, categórico.

A variável tipo de vogal tônica foi selecionada pelo VARBRUL em primeiro lugar na aplicação da regra de abaixamento de /o/, demonstrando, assim, ser a vogal tônica um ambiente mais propício à aplicação de [□] do que a vogal átona que, por ordem de importância, aparece em segundo lugar.

TABELA 13 – Atuação da natureza da vogal tônica sobre o abaixamento de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
[ɪ]	48/237	17	.07	Jornal[ɪ]sta
[ɪ)]	9/49	18	.03	Evolu[ɪ)]do
[ʊ]	22/43	51	.35	Prod[ʊ]to
[ʊ)]	3/25	12	.05	Prof[ʊ)]da
[ɛ]	1/96	1	.00	Sorv[ɛ]te
[ɔ]	28/136	21	.03	Jogad[ɔ]r
[E]	184/198	93	.86	Proj[E]to
[□]	50/51	.98	.97	Forr[□]
[ɑ]	736/849	87	.83	Jog[ɑ]r
[ɑ)) ɛ) ɔ)]	291/348	84	.79	Cobr[□)]ça
Ditongo	195/359	54	.27	Mort[ɑω]

Mesmo sabendo que o grupo de fatores distância em relação à tônica não foi selecionado pelo programa, cruzou-se esta variável com o tipo de vogal tônica (apenas os contextos que se mostraram favoráveis à regra) com o intento de verificar se a vogal acentuada contígua favoreceria mais a aplicação do abaixamento da recuada do que a não-contígua.

Como se pode verificar na tabela 14, o abaixamento é mais freqüente quando a tônica aparece contígua à vogal candidata à regra, principalmente se a acentuada for a homorgânica [□], pelo fato desta vogal apresentar realização categórica. No entanto, a vogal não-contígua apresenta índices bastante elevados, excetuando-se apenas a vogal [E], já que não foi registrado nenhum caso da variante baixa recuada nesse ambiente. Por isso, o que se pode dizer com certeza é que a tônica com o traço [+ baixo] ou a nasal com o traço [- alto], contígua ou não à pretônica em foco, atua como o principal contexto favorecedor da realização da variante [□].

TABELA 14 – Cruzamento de contigüidade e natureza da vogal tônica

Contigüidade	Natureza da vogal tônica

	[α]	[E]	[□]	[α) ε) o)]
Contígua	92%	93%	100%	91%
Não-contígua	66%	0%	93%	61%

Na amostra analisada, as possibilidades de abaixamento de /o/ diante de vogais baixas são as mesmas verificadas para o abaixamento na amostra de João Pessoa, pois, conforme Pereira (2000, p. 102), "as variantes abertas são predominantes em contexto de mesma altura, e diante das não-altas nasais [α))], [ε)], [o)]."

Os resultados aqui obtidos também se assemelham aos que foram encontrados na amostra de Salvador. No falar dos soteropolitanos, a realização baixa das vogais médias pretônicas parece ser normal, já que ocorre em índices muito altos no contexto de vogal de mesma altura, como afirma Silva (1989, p. 112-13): "Em contexto de ó e é da sílaba subseqüente predominam as vogais da mesma altura (77, 3%) entre as recuadas e (89, 9%) entre as não-recuadas [...]. Se a vogal da sílaba seguinte é a, a vogal pretônica, é majoritariamente baixa (ó: 98,6%) e (é: 97,6%)."

Embora a regra de abaixamento se faça presente na variedade veneciana, observa-se que, além da freqüência de abaixamento de /e/ e /o/ ser muito menor do que a encontrada no falar fortalezense, os contextos que favorecem a regra são apenas as vogais baixas [α E □] e, fora desse ambiente, o abaixamento é quase inexistente, conforme mostra Celia (2004).

Segundo Nina (1991), no falar belenense, os índices de abaixamento são bastante elevados, mas, como a vogal a foi analisada, juntamente, com as demais vogais baixas, a autora acredita que, talvez, seja por isso que os índices de abaixamento de /o/ apareçam tão elevados. Assim, não se pode afirmar com segurança que os contextos que favorecem o abaixamento da recuada em Belém sejam os mesmos que promovem a aplicação da regra em Fortaleza.

Os contextos de vogais altas, vogais médias-fechadas e ditongos apresentam índices abaixo de .50, o que significa que esses fatores foram considerados irrelevantes. A explicação para a ocorrência do abaixamento diante de vogais com o traço [- baixa] deve ser atribuída a atuação de outros fatores. Assim, pode-se afirmar que esses ambientes inibem a regra de abaixamento, favorecendo o alteamento ou a manutenção da vogal média pretônica.

Analisando o peso relativo das vogais médias [ε] e [o], nota-se que esses contextos são os que oferecem menor probabilidade de aplicação da regra, porque, em geral, tendem a preservar a vogal média pretônica.

b) Natureza da vogal átona contígua

TABELA 15 – Atuação da natureza da vogal átona contígua sobre o abaixamento de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
[ɪ]	75/152	49	.16	Veloc[ɪ]dade
[ʊ]	48/78	62	.40	Pop[ʊ]lar
[ʊ)]	17/36	47	.05	Vol[ʊ]tário
[o]	1/42	2	.05	Col[o]car
[E]	42/46	91	.81	Prot[E]ção
[□]	53/54	98	.89	Col[□]car
[α]	101/107	94	.95	Cor[α]ção
[α) ɛ) o)]	15/19	79	.69	Pot[ɛ)]cial

Os dados apresentados na tabela 15 credencializam as vogais baixas [α], [E] e [□] a exercerem o papel de condicionadores mais relevantes no abaixamento de /o/. O contexto das nasais não-altas [α) ɛ) o)] também age positivamente na aplicação da regra. Estes ambientes já haviam sido apontados, na análise da variável tipo de vogal tônica, como os únicos a atuarem favoravelmente na realização da variante recuada baixa.

Infere-se pela seleção desta variável que a tonicidade da vogal não é um fator mais forte do que o traço de altura da vogal seguinte à pretônica, posto que o abaixamento ocorre predominantemente no contexto de vogal baixa, independente de ser esta vogal tônica ou átona.

Consultando os pesos relativos da tabela 15, observa-se que a regra de abaixamento da média recuada pretônica é mais favorecida diante da vogal contextual baixa não-homorgânica. Assim, é o traço de altura que entra em jogo e não o de timbre das vogais.

Diante de vogais altas e da média-fechada recuada, a aplicação do abaixamento de /o/ é desfavorecida. Acredita-se que, nesses contextos, a variante [□] é aplicada devido à interferência de outros fatores.

A vogal média [o] apresenta índices percentuais e probabilísticos baixíssimos, pois tende, na maioria das vezes, a privilegiar a preservação das médias pretônicas.

É bom esclarecer que a desproporção entre os valores atribuídos ao fator [ʊ] deve-se ao fato de que a grande maioria das ocorrências registradas para indicar o abaixamento de /o/ antes de [ʊ] pertencem aos vocábulos pr[□]cura e p[□]pular. Por isso, na medida em que elevam a freqüência diminui o peso relativo.

Não foi registrada nenhuma ocorrência de abaixamento de /o/ diante da vogal [ɪ)] e diante de ditongos. Como a vogal contextual [ɛ] se apresenta como favorecedora da preservação da média /o/, não foi encontrada, nesse contexto, nenhuma ocorrência da variante [□], por isso esse fator foi excluído dos dados.

c) Consoante precedente

Analisando os valores da tabela 16, observa-se que as probabilidades elevadas de abaixamento de /o/ pertencem aos contextos de alveolares, palatais e aspiradas. Isso significa que estas consoantes apresentam um comportamento favorecedor da aplicação da regra, ao contrário do que ocorre com as labiais e velares.

Assim como Nina (1991), defende-se que a atuação da alveolar sobre o abaixamento de /o/ deve-se ao fato da alveolar compartilhar o traço de altura [+ baixo] com a vogal assimiladora, favorecendo o processo de hamonização vocálica. No dialeto veneciano, Celia (2004) chega a mesma conclusão mencionada aqui tanto para a pretônica /e/ quanto para /o/.

Com relação à consoante palatal, não se esperava que esse contexto interferisse positivamente na regra de abaixamento, já que tem como característica articulatória o traço [+ alto]. É preciso observar que a realização da variante baixa precedida pela palatal ocorre apenas diante de ambiente favorecedor, isto é, no contexto de vogal baixa, como em j[□]gar, ch[□]rar, melh[□]rar, j[□]rnalista. Aliás, é bom salientar que todos os casos de aplicação da regra estão restritos a estas poucas palavras e a seus derivados. Em razão disso, não se pode dizer com absoluta segurança que as palatais exercem um papel relevante no processo em pauta.

TABELA 16 – Atuação da consoante precedente sobre o abaixamento de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Labiais	487/841	58	.31	Na[μ]orar

Alveolares	573/867	63	.64	[λ]otar
Palatais	87/105	83	.67	[Z]ornalista
Velares	367/568	65	.51	[κ]olonialismo
Aspiradas	55/72	76	.69	[η]odando

Quanto à consoante glotal, apesar deste fator apresentar os mais altos índices percentuais e probabilísticos, não é possível afirmar com certeza que este contexto favorece o abaixamento porque todas as ocorrências da variante [□], antecedidas por essa consoante, são realizadas mediante a presença de uma vogal baixa à direita da pretônica candidata à aplicação da regra, como em r[□]ddando, enr[□]lar, arr[□]gante, r[□]mance. A alta freqüência de emprego do abaixamento no contexto de glotal deve-se à elevada ocorrência da palavra r[□]bar (34x) que sempre aparece monotongada.

As labiais, assim como as alveolares, têm como característica articulatória o traço [- alto], e, sendo assim, deveriam favorecer o abaixamento de /o/. Todavia, não é o que acontece porque o traço da labialidade impossibilita o ajustamento fonético dessa consoante à pretônica baixa, já que, conforme foi visto na análise do alteamento de /o/, a labialidade vai em direção à vogal arredondada mais alta, favorecendo o processo de acomodação fonética pelo menor esforço articulatório.

No que tange às velares, considera-se neutra a atuação dessas consoantes que são produzidas com a língua em posição alta, o que não favorece o abaixamento. Por isso, o resultado aqui obtido não pode ser considerado uma surpresa.

As ocorrências de abaixamento de /o/ precedidas pelas labiais e velares podem estar sendo influenciadas pelos contextos de vogal baixa ou de vogal não-alta nasal, tônicos ou átonos vizinhos à pretônica em foco, como atestam os inúmeros exemplos: nam[□]rava, prom[□]ções, imp[□]rtante, op[□]rtunidade, m[□]mentos, contemp[□]râneo, c[□]légio, c[□]l[□]cado, c[□]ração, pic[□]lé, g[□]staria, c[□]brar.

d) Consoante subseqüente

TABELA 17 – Atuação da consoante subseqüente sobre o abaixamento de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Labiais	256/397	64	.46	Co[β]rar
Alveolares	676/1058	64	.54	Mo[P]ar
Palatais	97/218	44	.25	Pro[Z]eto
Velares	249/304	82	.69	Tro[κ]ar
Aspiradas	289/462	63	.44	Aco[ ]dar

A velar é a que mais favorece o abaixamento de /o/, sendo seguida pela alveolar, como demonstram os valores probabilísticos expressos na tabela 17. Este resultado confirma o que Nina (1991) observa no falar belenense.

Como a consoante velar se caracteriza por possuir o traço [+ alto], não se esperava que esse ambiente propiciasse o abaixamento de /o/ com índices tão elevados. Tal fato pode ser explicado em decorrência da forte atuação do ambiente vocálico favorecedor na aplicação da regra, uma vez que, seguida por velar, a realização da variante [□] praticamente só ocorre na presença de vogal baixa ou não-alta nasal.

Imaginava-se que a alveolar, por ser produzida com a língua em posição baixa, se apresentasse como um fator mais relevante na aplicação da regra do que a velar, mas a proximidade das alveolares com o ponto neutro não permite tal observação.

Assim como ocorreu com o contexto precedente, nota-se que a labial seguinte à pretônica candidata à regra age de forma a inibir a aplicação do abaixamento. As palatais e as aspiradas também se mostraram desfavorecedoras na realização de [□].

A maioria das ocorrências encontradas para o abaixamento de /o/ depois de labial se refere às palavras n[□]vela e pr[□]blema, o que eleva a freqüência de aplicação da regra, mas não o peso relativo. Deve-se ao vocábulo imp[□]rtante grande parte dos casos de realização da variante baixa no contexto de aspirada, daí a freqüência elevada deste fator.

e) Atonicidade

TABELA 18 - Atuação da atonicidade sobre o abaixamento de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo

Permanente	678/1035	66	.43	Coluna
Variável	2/82	2	.03	Possibilidade
Casual média	20/104	19	.12	Nojenta
Casual mista	284/470	60	.61	Correndo
Casual baixa	583/748	78	.69	Solar

Pode-se verificar na tabela 18 que as vogais átonas casuais baixas derivadas de uma vogal tônica subjacente baixa, como em c[□]rtava, m[□]rar, ad[□]rar, m[□]strar, dr[□]gada, t[□]car, v[□]tar, são as que atuam de forma mais significativa na regra de abaixamento de /o/. Com índices um pouco menores, as vogais átonas casuais mistas (média e baixa) também se mostraram favorecedoras na aplicação da variante baixa. Estes resultados também foram comprovados por Feitas (2003) no dialeto de Bragança - PA. Célia observa no falar veneciano que as átonas baixas promovem o abaixamento de /o/.

Os demais contextos, porém, se revelaram inibidores da realização de [□]. A ocorrência de abaixamento em contextos desfavorecedores pode ser justificada em função da interferência de uma vogal baixa ou não-alta nasal na sílaba seguinte, tônica ou átona, como em fed[□]rento, pr[□]stituição, p[□]ssibilidade, c[□]rrente, pr[□]curar.

Levando-se em conta a hipótese de Bisol (1981), segundo a qual o falante guarda em sua memória, inconscientemente, a tonicidade subjacente, é bastante compreensível que a átona baixa seja o contexto mais favorecedor do abaixamento.

O desequilíbrio verificado entre a freqüência e o peso relativo atribuídos à vogal átona permanente ocorre devido ao elevado número de ocorrências das palavras c[□]légio e pr[□]blema. Assim, à proporção que aumenta o percentual de aplicação da regra, diminui a probabilidade.

f) Sufixação

TABELA 19 – Atuação da sufixação sobre o abaixamento de /o/

Fatores	**Aplica/Total**	**%**	**Probabilidade**	**Exemplo**
Verbal	659/1082	61	.31	Cortava

Nominal	443/694	64	56	Portaria
Sem sufixo	465/663	70	.72	Momento

Observando os dados da tabela 19, nota-se que as palavras sem sufixo contribuem significativamente para a aplicação da regra de abaixamento de /o/. As palavras que possuem sufixo nominal apresentam valores que favorecem ligeiramente a regra mencionada, todavia estes valores não se afastam muito do ponto neutro.

Analisando as ocorrências de abaixamento nas palavras com sufixo nominal e nas palavras sem sufixo, fica patente a interferência da vogal baixa ou da vogal não-alta nasal seguinte sobre a variante baixa, como demonstram os inúmeros exemplos: c[□]caína, ign[□]rante, n[□]rmal, dr[□]gado, pr[□]dução, comp[□]rtamento, n[□]rdeste, c[□]brança, pr[□]jeto, pr[□]blema, c[□]lega.

Com base no peso relativo, pode-se dizer que os vocábulos com sufixo verbal tendem a inibir o abaixamento de /o/. Tal fato já era esperado, tendo em vista que o sufixo verbal, como foi visto anteriormente, favorece o alteamento. Os casos de aplicação da regra em contexto desfavorecedor podem ser justificados pela atuação do contexto vocálico favorecedor do abaixamento.

O elevado percentual de aplicação da variante [□] em palavras com sufixo verbal deve-se à presença recorrente das formas verbais: g[□]stava, nam[□]rar e m[□]rar, o que faz com que o percentual seja elevado, à medida que a probabilidade é reduzida.

g) Estrutura da sílaba

TABELA 20 – Atuação da estrutura da sílaba sobre o abaixamento de /o/

Fatores	**Aplica/Total**	**%**	**Probabilidade**	**Exemplo**
Travada por /R/	233/320	73	.76	Nordeste
Travada por /S/	71/126	56	.72	Mostrar
Livre	1263/1993	63	.44	Picolé

Conforme os resultados apresentados na tabela 20, as sílabas travadas atuam positivamente sobre o abaixamento de /o/, enquanto a sílaba livre age no sentido de inibir a aplicação desta regra. O mesmo resultado foi encontrado por Nina (1991) no falar belenense, já Celia (2004, p. 97) observa no dialeto veneciano que "o abaixamento embora apresente um índice probabilístico maior para CV, parece não ser afetado pela estrutura da sílaba."

As sílabas travadas por /R/ são as que mais privilegiam a realização de [□], sendo seguidas de perto pelas sílabas travadas por /S/. Não se pode descartar na análise desta variável a influência da vogal baixa ou da vogal não-alta nasal da sílaba seguinte, como revelam os exemplos: ac[□]rdar, esf[□]rçada, c[□]rtava, f[□]rçando, exp[□]rtar, imp[□]rtante, f[□]rmatura, n[□]rdeste, m[□]strasse, g[□]staria, ap[□]stando, enc[□]stado, pr[□]speridade.

No fator sílaba livre, a desproporção verificada entre a freqüência e o peso relativo está relacionada ao uso recorrente das palavras c[□]légio, m[□]rar e nam[□]rar. Assim, o percentual é elevado, mas não a probabilidade de aplicação da regra de abaixamento.

3.1.3 Manutenção

O *input* geral de aplicação da preservação de /o/ foi de .19 nesta rodada, que é um índice superior ao alteamento da pretônica recuada, mas, se comparado ao abaixamento, esse valor é baixíssimo. Disso, infere-se que, dentre as posteriores, a manutenção de /o/ é mais provável de ocorrer do que o alçamento, porém o abaixamento apresenta maior probabilidade de realização do que a preservação.

Foram selecionados, por ordem decrescente de importância, como favorecedores da elevação, os seguintes fatores:

a) natureza da vogal tônica;

b) natureza da vogal átona contígua;

c) atonicidade;

d) idade;

e) estrutura da sílaba;

f) sufixação;

g) consoante precedente;

h) consoante subseqüente.

Os fatores distância da vogal em relação à tônica, escolaridade e sexo foram excluídos. Apenas o fator faixa etária foi selecionado dentre as variáveis sociais.

A seguir, serão analisados, dentre os fatores selecionados pelo VARBRUL, primeiro os segmentos vocálicos e, em seguida, os segmentos consonânticos. Dessa forma, serão apresentados, de início, os fatores estruturais e, depois, será feita a análise da variável faixa etária.

a) Natureza da vogal tônica

TABELA 21 – Atuação da natureza da vogal tônica sobre a manutenção de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
[ɪ]	99/297	33	.54	Motor[ɪ]sta
[ɪ)]	8/50	16	.63	Bolet[ɪ)]
[ʊ]	12/43	28	.68	Mol[ʊ]scos
[ʊ)]	9/25	36	.56	Vol[ʊ)]me
[ɛ]	91/98	93	.99	Pobr[ɛ]za
[ɔ]	157/189	83	.98	Rigor[ɔ]so
[ɑ]	50/851	6	.14	Cachorr[ɑ]da
[ɑ) ɛ) ɔ)]	28/348	8	.24	Movim[ɛ)]to
Ditongo	131/361	36	.58	Ador[ɛφ]

Examinando a tabela 21, constata-se que a preservação de /o/, diante de vogais tônicas médias [ɛ] e [ɔ], é praticamente uma regra categórica, pois os valores percentuais e probabilísticos atribuídos a estes fatores são muito elevados. As vogais [ɪ)] e [ʊ] promovem a realização da variante [ɔ], mas não apresentam índices tão altos quanto os detectados no ambiente de vogais médias, já os contextos [ɪ] e [ʊ)] exercem apenas um leve favorecimento sobre a manutenção, porque o peso relativo não se distancia muito do ponto neutro. Deve-se considerar que, diante de vogais altas, o número de ocorrências de aplicação da regra, com

exceção de [ɪ], é baixíssimo. Os ditongos apresentam um discreto favorecimento na manutenção da pretônica posterior como indica a proximidade do peso relativo com o ponto neutro.

Assim como na análise do alteamento e do abaixamento, a variável tipo de vogal tônica foi selecionada em primeiro lugar na preservação da pretônica /o/. Isso significa que, de fato, a tonicidade é um contexto mais favorecedor do que o átono na realização da variante fechada.

Partindo do pressuposto de que a contigüidade teria um efeito mais relevante no processo em análise do que o contexto não-contíguo, decidiu-se, apesar desta variável não ter sido selecionada, cruzá-la com a natureza da vogal tônica, conforme mostra a tabela 22.

De acordo com os valores expostos na tabela 22, no contexto de vogais altas e de ditongos, os percentuais não são expressivos, mas diante dos ambientes favorecedores [ɛ] e [ɔ], verifica-se que a variante [o] ocorre com alta freqüência, independentemente do fato de estar ou não imediatamente vizinha à pretônica /o/.

TABELA 22 – Cruzamento de contigüidade e natureza da vogal tônica

	Natureza da vogal tônica						
Contig.	[ɪ]	[ʊ]	[ɪ)]	[ʊ)]	[ɛ]	[ɔ]	Ditongo
Contígua	27%	33%	17%	36%	92%	98%	42%
Não-con.	48%	0%	11%	0%	100%	66%	26%

Percebe-se pelos baixos índices percentuais e probabilísticos que os contextos [α] e [α) ɛ) ɔ)] são os que mais desfavorecem a variante [ɔ], ao contrário do que ocorre precedendo vogal da mesma altura. As vogais contextuais [E] e [□] precisaram ser excluídas porque apresentaram um comportamento categórico no sentido de inibir a realização fechada, posto que as vogais baixas são as maiores aliadas da regra de abaixamento. A ocorrência da variante fechada em contextos desfavorecedores pode ser explicada pela interferência de outros fatores.

b) Natureza da vogal átona contígua

Os resultados obtidos, como mostra a tabela 23, revelam que as vogais contextuais [ɛ] e [ɔ] são as que mais propiciam a manutenção de /o/, confirmando a atuação da regra de harmonia

vocálica. As vogais altas [ɪ], [ʊ] e [ʊ)] apresentam uma leve atuação na aplicação da regra, tendo em vista os valores probabilísticos não se afastarem muito do ponto neutro.

Diante de vogal contextual média homorgânica, a manutenção de /o/ é preservada de forma categórica, já que o único caso em que não foi registrada a realização da variante [o] no contexto de vogal posterior fechada deve-se à palavra c[□]l[o]car, cuja audibilidade não era muito nítida.

TABELA 23 – Atuação da natureza da vogal átona contígua sobre a manutenção de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
[ɪ]	49/150	33	.59	Hipocr[ɪ]sia
[ʊ]	22/77	29	.58	Cor[ʊ]jão
[ʊ)]	11/36	31	.53	Aprof[ʊ)]dar
[ɛ]	67/72	93	.89	Bol[ɛ]tim
[o]	41/42	98	.99	Dol[o]roso
[E]	1/46	2	.04	Prof[E]sar
[□]	1/50	2	.19	Prov[□]car
[ɑ]	5/101	5	.03	Jog[ɑ]dor
[ɑ) ɛ) o)]	3/17	18	.30	Apos[ɛ)]tado

A seleção desta variável em segundo lugar mostra que a altura da vogal é um traço mais relevante do que a tonicidade ou a sua contraparte átona, visto que a manutenção é sempre favorecida pelas vogais contextuais fechadas, sejam elas tônicas ou átonas.

Os percentuais e pesos relativos mais baixos pertencem às vogais com o traço [+ baixo] e às nasais não-altas, o que é bastante compreensível, uma vez que estes contextos são os que mais privilegiam o abaixamento de /e/ e /o/. Além disso, acrescente-se o fato do escasso número de ocorrências da realização da variante [o] na presença dos contextos mencionados, como mostram os exemplos: ap[o]sentado, s[o]branselha, p[o]rcentagem, ap[o]calipse, gl[o]balização, j[o]gador, inf[o]rmação e tes[o]raria.

Não foram registrados casos de preservação da média /o/ diante da vogal contextual [ɪ)] e diante de ditongos.

c) Consoante precedente

Pelos resultados apresentados na tabela 24, nota-se que a manutenção de /e/ não é tão favorecida pelas consoantes precedentes, pois as palatais, as alveolares e as aspiradas atuam de forma negativa sobre a vogal candidata. Apenas as labiais e as aspiradas mostraram-se ligeiramente relevantes, uma vez que o peso relativo destes segmentos aproxima-se muito de .50.

TABELA 24 – Atuação da consoante precedente sobre a manutenção de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Labial	211/812	26	.55	[μ]ocidade
Alveolar	231/836	28	.49	[δ]ocumento
Palatal	17/105	16	.48	[Σ]orei
Velar	112/437	26	.37	[κ]oluna
Aspirada	14/72	19	.51	[η]odízio

As velares e palatais, por sua articulação [+ alta], tendem a inibir mais fortemente o emprego da variante [o], que tem como característica o traço [- alto]. As alveolares são produzidas com a língua em posição razoavelmente plana e também não apresentam pontos de semelhança com a vogal assimiladora. Então, a baixa probabilidade de ocorrência da pretônica média /o/ diante destes contextos é explicada pela ausência de igualdade de traços entre estas consoantes e a vogal candidata.

O discreto favorecimento das labiais na aplicação da regra justifica-se em conseqüência dessas consoantes apresentarem em sua constituição o traço [+ labial] que é compartilhado pela pretônica média /o/. Considerando que a vogal [o] não é a mais arredondada de todas, mas sim a vogal [ʊ], entende-se porque o contexto labial esboça apenas um tímido favorecimento sobre a realização da variante fechada.

Há poucas ocorrências da preservação da pretônica /o/ tanto no contexto das aspiradas (enr[o]lou, r[o]dei, r[o]dou, r[o]bou, terr[o]rista), quanto no ambiente das palatais (ch[o]rei, j[o]guei, j[o]gador, melh[o]rou, cach[o]rrada).

No estudo de Yacovenco (1993), na norma culta carioca, a manutenção da pretônica média posterior oral é amplamente favorecida pela consoante palatal e, logo em seguida, pela vibrante. Freitas (2003) constata que as sibilantes e as glotais são os contextos que mais favorecem a realização fechada da pretônica /o/ no falar de Bragança, no Pará.

d) Consoante subseqüente

TABELA 25 – Atuação da consoante subseqüente sobre a manutenção de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Labial	114/384	30	.43	Po[π]ulação
Alveolar	251/932	27	.49	Flo[P]resta
Palatal	44/202	22	.48	Almo[Σ]arifado
Velar	46/296	16	.38	Pro[γ]rama
Aspirada	130/448	29	.56	Po[η]tuguês

A tabela 25 indica que o contexto consonântico seguinte é de pouca relevância para a manutenção de /o/, pois todos os contextos mostraram-se indiferentes ao fenômeno, excetuando-se as aspiradas que se apresentam ligeiramente favoráveis à vogal candidata, levando-se em conta a proximidade do peso relativo deste fator com o ponto neutro.

Nota-se que o número de casos de preservação da pretônica /o/ é muito escasso na presença das palatais e velares. Isso talvez se explique porque estas consoantes são produzidas com a língua elevada e esta articulação não é compartilhada com a pretônica média posterior.

Com relação aos resultados encontrados por Yacovenco (1993) no falar carioca, a autora nota que apenas as alveolares demonstraram um leve favorecimento sobre a manutenção da pretônica posterior, enquanto no dialeto de Bragança, no Pará, a variante [o] é favorecida apenas pelo contexto labial, conforme Freitas (2003).

e) Atonicidade

As vogais átonas casuais médias, como em terr[o]rista, val[o]rizar, cach[o]rrada, cal[o]rias, p[o]pulares, são as que mais favorecem a realização média da pretônica /o/, sendo que as átonas casuais mistas (média e baixa), como em gr[o]sseira, s[o]frer, ch[o]rei, m[o]vimentar, esc[o]lheram, também atingem um peso relativo expressivo na aplicação da regra, conforme é possível ver na tabela 26.

TABELA 26 – Atuação da atonicidade sobre a manutenção de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Permanente	222/852	26	.40	Motor
Variável	13/84	15	.22	Poder
Média	74/102	73	.92	Terrorista
Mista	152/479	32	.61	Correr
Baixa	124/745	17	.49	Pobreza

Os outros fatores atuam de forma negativa na realização da variante [o], principalmente as átonas variáveis que, como já foi verificado anteriormente, são altamente favorecedoras da regra de alteamento. Justifica-se a ocorrência da manutenção de /o/ nos contextos desfavorecedores devido à interferência de uma vogal média ou não-alta nasal, tônica ou contígua, como em c[o]roa, ec[o]logia, p[o]breza, p[o]rteiro, p[o]der.

De acordo com a hipótese de Bisol (1981), o falante retém em sua memória, inconscientemente, a tonicidade subjacente, por isso é fácil entender porque a átona média é o contexto mais propício à pretônica média /o/.

f) Sufixação

Analisando os resultados da tabela 27, verifica-se que apenas as palavras com sufixo verbal favorecem a realização da regra de manutenção da média /o/. Tanto as palavras que possuem sufixo nominal quanto as que não possuem nenhum tipo de sufixo atuam de forma negativa na regra mencionada, contrariamente ao que foi notado na regra de abaixamento dessa mesma pretônica.

Observando os casos de preservação de /o/ nas palavras com sufixo verbal, fica evidente a interferência da vogal média ou da vogal alta seguinte sobre a variante fechada, como demonstram os exemplos: s[o]frer, m[o]difica, p[o]deria, m[o]rreram, apr[o]xima.

TABELA 27 – Atuação da sufixação sobre a manutenção de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Verbal	266/1078	25	.61	Morei
Nominal	233/736	32	.43	Grosseira
Sem sufixo	86/448	19	.35	Coluna

As ocorrências de realização da variante média posterior em vocábulos com sufixo nominal e em palavras sem sufixo podem ser explicadas pela atuação do contexto vocálico favorecedor da regra mencionada.

Estudando o falar dos cariocas com formação universitária, Yacovenco (1993) verifica que, com relação à média /o/, o sufixo não-verbal é o único que colabora na aplicação da variante [o], enquanto o sufixo verbal e as formas sem sufixo desfavorecem-na, diferentemente do que foi observado na amostra de Fortaleza.

g) Estrutura da sílaba

TABELA 28 – Atuação da estrutura silábica sobre a manutenção de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Travada por /R/	50/317	16	.21	Oportunidade
Travada por /S/	21/124	17	.34	Vistoriando
Livre	514/1821	28	.57	Hipocrisia

A tabela 28 mostra um pequeno favorecimento da variável tipo de sílaba na aplicação da regra de preservação da pretônica posterior, uma vez que o contexto de sílaba não-travada é o único que apresenta um peso relativo acima de .50, mas não se distancia muito do ponto neutro;

já as sílabas travadas se revelaram inibidoras da regra mencionada. Este resultado, como foi visto mais acima, contraria o que se observou na regra de abaixamento de /o/.

Os poucos casos em que a regra é aplicada em contextos de sílabas travadas sofre, principalmente, a intervenção da vogal da sílaba seguinte, como deixam ver os exemplos: n[o]turno, p[o]rtuguês, t[o]rn[o], t[o]rn[ɛ]ra, sup[o]rt[o], ab[o]rt[o], ac[o]rd[o], c[o]rt[o], m[o]stero, g[o]st[o], enc[o]st[o], g[o]stei.

h) Idade

Observando a tabela 29, constata-se que os informantes que pertencem à faixa etária de 15 a 25 anos são os que mais preservam a média /o/, enquanto a faixa de 50 anos ou mais desfavorece a variante fechada. Já os falantes com 26 a 49 anos apresentam um comportamento lingüístico neutro. Esse resultado coincide com o que Yacovenco (1993) observa no falar fluminense.

TABELA 29 – Atuação da idade sobre a manutenção de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade
15 a 25 anos	242/787	31	.62
26 a 49 anos	195/792	25	.50
50 anos em diante	148/683	22	.36

Então, fica evidente que à proporção que os falantes atingem uma idade mais avançada diminui o índice de aplicação da regra de manutenção da vogal candidata, considerada, aqui, a variante de maior prestígio social. Isso se justifica por ser a faixa etária de 50 anos em diante a que está mais afastada das exigências do mercado de trabalho, já que a maioria de seus informantes está perto de se aposentar ou está aposentada, o que faz com que essas pessoas sintam-se livres para fazer uso da variante não-padrão. Além disso, uma explicação plausível para os mais jovens aplicarem mais a forma prestigiada é o fato de que estes estão mais preocupados em ingressar no mercado de trabalho ou em serem aprovados em concursos, como o vestibular, daí precisam estar mais atentos às formas lingüísticas valorizadas por sua comunidade.

Entende-se que o padrão lingüístico observado na tabela 29 esboça um quadro típico de gradação etária, conforme já havia sido mencionado anteriormente na análise do alteamento de /e/.

3.2 PRETÔNICA NÃO-RECUADA

3.2.1 Alteamento

O *input* geral de aplicação do alteamento de /e/, nesta rodada, foi de 0.04, que é um índice muito baixo. A partir desta informação, constata-se que a ocorrência da variante [ɪ] é muito pouco provável entre os informantes da amostra analisada e, além disso, pode-se dizer que há uma maior probabilidade de ocorrer o alteamento entre as pretônicas anteriores do que entre as posteriores.

Por ordem de relevância, foram selecionados os fatores abaixo como os mais importantes na regra de alteamento de /o/:

a) natureza da vogal tônica;

b) natureza da vogal contígua;

c) consoante subseqüente;

d) atonicidade;

e) consoante precedente;

f) idade;

g) sufixação;

h) escolaridade.

A distância da vogal em relação à pretônica, a estrutura silábica e o sexo foram considerados fatores irrelevantes. Assim, observa-se que foram descartados no alteamento de /e/ os mesmos fatores que foram eliminados na elevação de /o/.

Dentre os grupos de fatores selecionados acima, serão analisadas, inicialmente, as variáveis lingüísticas e, posteriormente, as variáveis sociais, desconsiderando a ordem de seleção do VARBRUL. Aqui também decidiu-se, na apresentação dos fatores lingüísticos, dar prioridade

aos contextos vocálicos e, depois, aos segmentos consonânticos que atuam sobre a regra em estudo.

a) Natureza da vogal tônica

TABELA 30 – Atuação da natureza da vogal tônica sobre o alteamento de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
[ɪ]	194/486	40	.93	Pares[ɪ]a
[ɪ)]	20/37	54	.96	Segu[ɪ)]te
[ʊ]	17/58	29	.78	Per[ʊ]ca
[ʊ)]	4/13	31	.76	Jej[ʊ)]
[ɛ]	7/227	3	.32	Agrades[ɛ]r
[o]	13/328	4	.32	Tez[o]ra
[E]	1/51	2	.27	Cemit[E]rio
[□]	3/94	3	.42	Preguiç[□]sa
[ɑ]	19/782	2	.22	Belisc[ɑ]va
[ɑ) E) o)]	17/428	4	.34	Sem[ɛ)]te
Ditongo	52/544	10	.53	Receb[ɛω]

Os valores percentuais e probabilísticos da tabela 30 revelam que o alteamento da pretônica média não-recuada é favorecido pelo traço [+ alto] da vogal tônica. As vogais contextuais [ɪ)] e [ɪ] promovem o alteamento de /e/ de forma quase categórica. Os contextos [ʊ] e [ʊ)] também se mostraram favorecedores do processo.

Assim como ocorreu na aplicação da variante [ʊ], a variável tipo de vogal tônica foi selecionada em primeiro lugar. Infere-se, então, que a tonicidade atua mais fortemente na regra de aplicação de [ɪ] do que o contexto átono.

Embora a variável contigüidade não tenha sido selecionada, decidiu-se cruzá-la com a variável tipo de vogal tônica, com a intenção de averigüar se a vogal tônica contígua beneficiaria mais a elevação de /e/ do que a vogal não contígua à pretônica candidata à aplicação da regra.

Apresentam-se, na tabela 31, os resultados referentes apenas aos contextos vocálicos altos, uma vez que as demais vogais não exercem um efeito positivo sobre o alçamento de /e/. Conforme os dados da tabela abaixo, a variante alta anterior ocorre com maior freqüência diante da vogal [ɪ)] contígua, sendo que, nos demais contextos de contigüidade, os índices percentuais de aplicação da regra foram inferiores a 50%. No ambiente de não-contigüidade, foram encontradas escassas ocorrências de alteamento diante da vogal contextual [ɪ]. Como praticamente não há casos de alteamento seguido por vogal acentuada não contígua, não é possível afirmar com certeza que a contigüidade beneficia mais a realização alta da anterior do que a não-contigüidade. Tal fato também já havia sido notado na aplicação da variante [ʊ].

TABELA 31 – Cruzamento de contigüidade e natureza da vogal tônica

Contigüidade	**Natureza da vogal tônica**			
	[ɪ]	[ɪ)]	[ʊ]	[ʊ)]
Contígua	43%	65%	33%	31%
Não-contígua	26%	0%	0%	0%

Analisando a influência da homorganicidade na aplicação de /i/, constata-se que a homorgânica alta favorece mais a aplicação da regra que a não-homorgânica, pois as vogais contextuais [ɪ] e [ɪ)] são praticamente categóricas no sentido de aplicar [ɪ], enquanto que os contextos [ʊ] e [ʊ)] destacam-se um pouco menos. A maior parte dos estudos sobre harmonização, como revela a revisão da literatura, comprova os resultados aqui obtidos.

A respeito do maior poder assimilatório de /i/ sobre as médias pretônicas, Guy e Bisol (1991, p. 130) assim se posicionam: “a vogal subseqüente /i/ mostra-se efetivamente mais forte que a vogal posterior /u/, pois levanta prodigamente vogais frontais e posteriores, enquanto /u/ tende a restringir sua ação à vogal anterior.”

Mais uma vez, os ditongos apresentaram valores muito próximos do ponto neutro, enquanto as vogais com o traço não-alto mostraram-se fortes inibidoras do alçamento. A ocorrência do alteamento da pretônica /e/ diante de vogal tônica não-alta, como demonstram os exemplos: c[ɪ]mitério, s[ɪ]mente, d[ɪ]funto, s[ɪ]gundos, r[ɪ]igistrador, t[ɪ]zora, c[ɪ]tim,

arr[ɪ]pindimento, d[ɪ]virtimento, s[ɪ]gura, significa que outros fatores também atuam neste processo, como a consoante circunvizinha da vogal em pauta.

b) Natureza da vogal átona contígua

Esta variável apresenta-se como a segunda mais relevante pela ordem de seleção do VARBRUL. Constata-se, então, que o contexto átono é, após o tônico, o que maior influência exerce sobre a aplicação de [ɪ].

A seleção deste grupo de fatores permite concluir que a tonicidade não é um fator tão determinante no alteamento de /e/ quanto a altura da vogal seguinte à pretônica em foco, já que o processo ocorre tanto em sílaba acentuada quanto em sílaba inacentuada. Uma extensa lista de vocábulos comprova que o alteamento ocorre mesmo diante da vogal átona alta, como em: p[ɪ]icisar, r[ɪ]cibi, d[ɪ]cidi, t[ɪ]st[ɪ]munho, r[ɪ]spirava, c[ɪ]mitério, fut[ɪ]bol, cons[ɪ]guir, p[ɪ]rigoso, r[ɪ]pitir, m[ɪ]dida, r[ɪ]gistrador, pr[ɪ]zidente, b[ɪ]liscava, r[ɪ]sidência, div[ɪ]rtimento, sab[ɪ]duria, r[ɪ]sultado.

Com base nos valores expressos na tabela 32, verifica-se que o alçamento de /e/ é altamente favorecido pela vogal anterior alta, principalmente a oral [ɪ]. Tais resultados mostram a atuação do processo de harmonização na aplicação da regra de /e/ que também foi verificado no alteamento dessa pretônica nos falares belo-horizontino (VIEGAS, 1987), soteropolitano (SILVA, 1989) e gaúcho (BISOL, 1981).

O alteamento das pretônicas médias /e/ e /o/ é visto por Bisol (1981, p. 259) como um caso "de assimilação regressiva, desencadeado pela vogal alta da sílaba imediatamente seguinte, independente de sua tonicidade, que pode atingir uma, algumas ou todas as vogais médias do contexto."

Com relação à homorganicidade, a tabela 32 revela que a vogal alta homorgânica constitui-se no único contexto favorecedor da elevação de /e/, já que a alta não-homorgânica, a exemplo do que ocorreu no alteamento de /o/, apresenta um peso relativo (.53) muito próximo do ponto neutro, revelando um papel, praticamente, inexpressivo neste processo. Para justificar este fato, recorre-se, mais uma vez a Bisol (1981) que, embasando sua argumentação no diagrama de Daniel Jones, defende que a vogal posterior, por ser menos alta que a frontal, não teria força para

promover a elevação de /i/, mas /i/, por ser mais alto que /u/, poderia atuar sobre as duas pretônicas.

TABELA 32 – Atuação da natureza da vogal átona contígua sobre o alteamento de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
[ɪ]	58/292	20	.86	Prec[ɪ]sei
[ɪ)]	3/69	4	.70	Ber[ɪ)]bau
[ʊ]	10/104	10	.53	Sabed[ʊ]ria
[α]	2/212	1	.06	Dev[α]gar

A distorção entre a porcentagem (4%) e a probabilidade (.70) verificada diante do contexto vocálico [i)] deve-se à interferência de outros fatores, como a consoante vizinha (arr[ɪ]pendimento) e a atonicidade (b[ɪ]rimbau).

O alteamento de /e/ tende a ser inibido diante de vogal baixa [a], como demonstram os baixíssimos índices percentuais e probabilísticos na tabela acima. Nesse contexto, as palavras d[ɪ]vagar e d[ɪ]zastrado representam os dois únicos casos de realização da variante alta, mas muitas outras precisaram ser excluídas da análise, porque a pretônica em foco só se realizava alteada, como se vê em d[ɪ]mais, d[ɪ]cide, d[ɪ]pois, em que a consoante precedente é sempre a palatalizada.

Nos contextos de vogais médias [ɔ ɛ], só foi registrada a variante [ɛ] (d[ɛ]rr[ɔ]tou, d[ɛ]rr[ɛ]ter), enquanto que, diante de vogais abertas [□ E], só houve ocorrência de [E] (s[E]l[E]ção). Antecedendo as nasais [α) ɛ)) ɔ)] (m[E]rc[□)]til), a vogal candidata se realiza, predominantemente, abaixada, mas nunca ocorre alteada. No contexto de ditongo (r[E]staurante) e da posterior alta [ʊ)] (p[E]rguntei), ocorrem formas abertas e fechadas, mas jamais formas elevadas. Como estes contextos apresentaram-se categóricos em não aplicar a regra de alteamento, foram excluídos da presente análise.

c) Consoante precedente

Conforme se pode ver na tabela 33, a consoante palatal pré-vocálica privilegia o alteamento de /e/ de forma quase categórica. A velar, assim como se observou na análise de /o/, também surge como um contexto favorecedor na aplicação de /e/. Estes dados coincidem com os obtidos por Schwindt (2002) na amostra rio-grandense.

Tais resultados são perfeitamente compreensíveis, posto que tanto a palatal quanto a velar caracterizam-se por apresentarem uma articulação alta, favorecendo o ajustamento da pretônica em foco à altura destas consoantes.

TABELA 33 – Atuação da consoante precedente sobre o alteamento de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Labial	124/1141	11	.50	[β]ebia
Alveolar	151/1291	10	.43	Con[σ]eguimos
Palatal	42/163	26	.96	[Z]ejum
Velar	10/81	12	.69	[κ]eria
Aspirada	20/221	9	.34	[η]ecebi

Como os poucos casos de alteamento de /e/ precedidos por velar ocorrem diante de vogal alta da sílaba seguinte: cons[ɪ]gui, conf[ɪ]ri, qu[ɪ]ria, p[ɪ]quinique e a maioria das ocorrências antecedidas por palatal também são influenciadas pela presença de uma vogal alta seguinte: d[ɪ]cidi, j[ɪ]jum, d[ɪ]sci, d[ɪ]funtu, d[ɪ]via, t[ɪ]sido, não se pode afirmar com total segurança que essas duas consoantes atuem plenamente sobre a regra.

Tal como ocorreu na análise do alteamento de /o/, a alveolar e a aspirada revelaram-se retentoras do processo, já que não apresentam o traço [+ alto]. A labial precedente, por sua vez, não demonstrou exercer nenhum papel na aplicação da regra, diferentemente do que se verificou na análise de /o/ nesta amostra.

Os resultados aqui obtidos para a labial precedente contrariam os de estudos anteriores, como o de Nina (1991), no falar belenense, e o de Celia (2004), no dialeto capixaba, mas vão de encontro às observações de Bisol (1981) no falar gaúcho.

d) Consoante subseqüente

TABELA 34 – Atuação da consoante subseqüente sobre o alteamento de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Labial	84/469	18	.69	De[ϖ]ia
Alveolar	116/1288	9	.51	Que[P]ia
Palatal	79/404	20	.67	Le[Z]ítimo
Velar	58/437	13	.72	Se[γ]ia
Aspirada	10/450	2	.08	Se[ ]viu

Os dados probabilísticos da tabela 34 apresentam a velar como o contexto mais propício à elevação de /e/. A labial e a palatal também demonstraram exercer um papel relevante na aplicação da regra.

Assim como na posição pré-vocálica, o comportamento favorecedor da palatal e da velar pós-vocálivas já era previsível em razão dessas duas consoantes possuírem uma articulação em que a língua se encontra numa posição elevada, o que favoreceria o alçamento de /e/.

Todavia, deve-se esclarecer que todas as ocorrências da variante [ɪ] seguidas por uma velar são sempre condicionadas pela presença de uma vogal [+ alta] na sílaba imediatamente vizinha: s[ɪ]guinte, s[ɪ]guro, pr[ɪ]guiça, al[ɪ]gria, p[ɪ]dindo, s[ɪ]guir, fr[ɪ]scura, cons[ɪ]gui. Essa consoante também teve um desempenho relevante em outros dialetos, como o de Porto Alegre (SCHWINDT, 2002; BISOL, 1981), o de Belém (NINA, 1991), o de Salvador (SILVA, 1989) e o de Nova Venécia (CELIA, 2004).

Quanto à palatal, nota-se que a pretônica em foco, quando seguida por [τσ] e [δζ], realiza-se de forma categórica na amostra estudada. Com exceção do item lexical m[ɪ]lhor (2x), todos os outros casos de alteamento se realizam diante de contexto vocálico favorecedor, isto é, diante de vogal alta.

A labial desponta como um dos contextos propulsores à realização da pretônica [ɪ], contrariamente ao que se esperava, posto que as anteriores não possuem o traço [+ labial]. Mais uma vez não se pode ignorar a interferência da vogal alta seguinte na aplicação da regra, pois as únicas palavras em que o alteamento, seguido por labial, ocorre diante de contexto não alto foram: fut[ɪ]bol (8x), s[ɪ]mente (3x), d[ɪ]b[α]xo (2x), d[ɪ]vagar (1x). Além disso, é válido notar

que a maioria das ocorrências registradas para este fator deve-se à elevada recorrência dos vocábulos servir, receber, beber e futebol. Nestas palavras, também não se pode descartar a atuação do fator atonicidade no processo. O favorecimento da labial subseqüente já havia sido observado por Bortoni et al (1991) na fala dos brasilienses.

Uma explicação bastante plausível para o comportamento neutro da alveolar talvez seja o fato dessa consoante não possuir em sua articulação o traço [+ alto], impossibilitando assim a elevação da pretônica candidata. O papel desfavorecedor da alveolar no alteamento também é verificado no dialeto gaúcho (BISOL, 1981), no falar baiano (SILVA, 1989), no falar mineiro (VIEGAS, 1987) e no dialeto paraense (NINA, 1991).

Novamente, a aspirada se revela uma forte inibidora da regra de elevação, assim como havia sido percebido no caso de /o/.

e) Atonicidade

Os índices da tabela 35 indicam que as vogais casuais variáveis são as que mais promovem o alteamento de /e/, seguidas pelas permanentes. Tais resultados coincidem totalmente com os apresentados na elevação da pretônica /o/.

O comportamento favorecedor das casuais variáveis è atribuído à elevada recorrência de vogal alta em certos verbos e derivados, como em: r[ɪ]p[ɪ]ti, cons[ɪ]guindo, s[ɪ]rviço, v[ɪ]stido, d[ɪ]v[ɪ]ria, div[ɪ]rti, pr[ɪ]f[ɪ]riu, f[ɪ]rir.

A atuação positiva das permanentes no alçamento, como já havia sido mencionado na regra de /e/, pode ser justificada, segundo Bisol (1981, p. 101), em conseqüência do fato de que "o falante quarda memória das regras subjacentes", dificultando, assim, as chances de uma vogal pretônica do tipo átona casual se realizar como alta.

TABELA 35 – Atuação da atonicidade sobre o alteamento de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Permanente	144/1295	11	.57	Precisa
Variável	68/188	36	.83	Ferida
Casual média	3/236	1	.03	Cabeludo

Casual mista	87/587	15	.49	Devia
Casual baixa	45/742	6	.42	Pediu

Pelos índices probabilísticos inferiores a 0.50, deduz-se que as vogais átonas casuais que podem se realizar como tônica [ε E o □] retêm a aplicação da regra, tal como ocorre com a aplicação do alteamento de /e/.

f) Sufixação

TABELA 36 – Atuação da sufixação sobre o alteamento de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Verbal	218/1555	14	.62	Queria
Nominal	63/873	7	.36	Perigoso
Sem sufixo	66/620	11	.41	Testemunho

Conforme os dados da tabela 36, apenas os sufixos verbais promovem o alteamento de /e/, da mesma forma como ocorreu no alçamento de /o/. Esta atuação dos sufixos verbais pode ser explicada em decorrência da abundância de vogais altas no paradigma verbal, como demonstram os exemplos: r[ɪ]c[ɪ]bi, pr[ɪ]cisaria, cons[ɪ]guimos, d[ɪ]cidiu, p[ɪ]dindo, acr[ɪ]dito, fal[ɪ]cida.

Assim como foi verificado na aplicação da regra de alteamento de /o/, os sufixos nominais bem como a ausência de sufixos mostraram-se fortes inibidores do processo.

g) Escolaridade

TABELA 37 – Atuação da escolaridade sobre o alteamento de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade
0 a 4 anos	126/903	14	.58
5 a 8 anos	123/1119	11	.53
9 a 11 anos	98/1026	10	.40

Com base nos dados da tabela 37, constata-se que a baixa escolaridade (nenhuma a 4 anos) (.58 e .53) favorece, discretamente, a aplicação de [ɪ], enquanto a escolaridade mais elevada (9 a 11 anos) (.40) tende a reter o processo. Tal resultado corrobora o estudo de Marques (2006) sobre o falar dos migrantes paraibanos residentes no Rio de Janeiro, como demonstram as palavras da autora (2006, p. 108): "a produção da variante [i] é típica de informantes com o mais baixo nível escolar observado, mas vai perdendo seu poder de aplicação à medida que os informantes aumentam seu grau de instrução."

Dessa forma, nota-se que quanto menor o nível de escolaridade, maior a probabilidade de ocorrência do alteamento de /e/, tal como ocorre na elevação de /o/.

Muitos estudos relacionam este resultado à interferência da ortografia sobre o maior ou menor emprego da variante [ɪ]. Então, quanto maior o tempo de exposição à modalidade escrita, maior a possibilidade do informante aproximá-la do registro oral. A esse respeito, Schwindt (2002, p. 178) declara que "essa constatação está muito presente na literatura da harmonização vocálica e de outros fenômenos fonológicos que não envolvem (ou que envolvem pouca) consciência por parte do falante."

Deve-se atentar para o fato de que os valores probabilísticos dos dois grupos de escolaridade que tendem a favorecer o alteamento não se afastam muito do ponto neutro. Por isso, não se pode falar que a regra de elevação de /e/ sofre estigma social.

A variável escolaridade foi selecionada em último lugar, o que significa que este grupo de fator é o que menos influência exerce sobre o fenômeno em estudo. Assim, considera-se que, embora a escolaridade interfira no processo de alteamento de /e/, esta variável não o determina.

h) Idade

Tal como aconteceu na análise do alteamento de /o/, a idade apresenta-se como a antepenúltima variável considerada relevante pelo programa estatístico.

TABELA 38 – Atuação da idade sobre o alteamento de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade
15 a 25 anos	103/1049	10	.40

26 a 49 anos	146/1306	11	.51
50 anos em diante	98/693	14	.63

Os valores probabilísticos da tabela 38 mostram que os mais idosos favorecem o alteamento de /e/, enquanto que os mais jovens inibem a aplicação da regra. A faixa etária intermediária se comporta de forma neutra. Este resultado é idêntico ao que se observou na aplicação de [ʊ].

É importante observar que a realização da variante alta não-recuada vai aumentando consideravelmente à proporção que muda a faixa etária do informante. Este resultado parece evidenciar que os mais jovens são mais sensíveis às influências do mercado de trabalho e, por isso, tendem a rejeitar as formas que não pertencem à escrita padrão, já os idosos, por se encontrarem, em sua maioria, aposentados e, portanto, livres das pressões do mercado de trabalho, são mais propensos a usarem as variantes menos prestigiadas.

Interpreta-se os resultados obtidos para esta variável como um caso de gradação etária, por se acreditar que cada faixa etária repete os padrões de comportamento lingüístico apresentados aqui ao longo dos tempos, como visto no estudo da regra de alteamento de /o/.

Os trabalhos de Yacovenco (1993), Pereira (1997) e Marques (2006) também observaram que os mais idosos (50 ou mais anos) são os que mais favorecem o alteamento de /e/.

Com o intuito de melhor esclarecer a relação entre as variáveis idade e escolaridade, foi realizada uma rodada com o cruzamento desses dois fatores. O resultado dessa análise, que se encontra na tabela 39, permite observar que, no caso dos informantes de mais idade, o alteamento tende a cair entre os mais escolarizados, conforme demonstrado na regra do alçamento de /o/.

TABELA 39 – Cruzamento de faixa etária e escolaridade

		Faixa etária	
Escolaridade	I (15 a 25 anos)	II (26 a 49 anos)	III (50 em diante)
0a 4 anos	9%	16%	16%
5 a 8 anos	9%	10%	15%
9 a 11 anos	11%	8%	9%

3.2.2 Abaixamento

Nesta rodada, o *input* geral de realização do abaixamento de /e/ foi de .93, que é um índice muito próximo da aplicação categórica. Com base nisso, é possível afirmar que, na amostra analisada, a ocorrência da variante não-recuada aberta é altamente provável. Além disso, pode-se dizer que há uma maior probabilidade de ocorrer o abaixamento entre as anteriores do que entre as posteriores.

Foram selecionados, por ordem de relevância, como favorecedores da abertura, os seguintes fatores:

a) natureza da vogal tônica;

b) natureza da vogal contígua;

c) atonicidade;

d) consoante subseqüente;

e) sufixação;

f) consoante precedente;

g) idade;

h) tipo de sílaba.

A distância da vogal em relação à pretônica, o sexo e a escolaridade foram considerados fatores irrelevantes. Na análise do abaixamento de /o/, estes fatores também não mostraram exercer nenhuma relevância na aplicação da variante recuada baixa. Nesta rodada, a faixa etária foi a única variável social considerada relevante.

A seguir, serão analisados os fatores lingüísticos selecionados e, em seguida, a variável idade será também estudada, independentemente da ordem de seleção apresentada pelo VARBRUL, levando-se em conta apenas o fato dos fatores terem sido apontados como relevantes na aplicação da regra em estudo. Das variáveis estruturais consideradas relevantes pelo programa, serão priorizados os contextos vocálicos e, depois, os contextos consonânticos.

a) Natureza da vogal tônica

TABELA 40 – Atuação da natureza da vogal tônica sobre o abaixamento de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
[ɪ]	135/515	26	.17	Pesqu[ɪ]sa
[ɪ)]	9/40	22	.16	Resum[ɪ)]do
[ʊ]	31/64	48	.17	Arquitet[ʊ]ra
[ʊ)]	8/13	62	.43	Perf[ʊ)]me
[ɛ]	33/244	14	.02	Mex[ɛ]r
[ɔ]	87/335	26	.12	Pregad[ɔ]r
[E]	50/53	94	.95	Mer[E]ce
[□]	80/97	82	.79	Neg[□]cio
[ɑ]	735/897	82	.87	Liberd[ɑ]de
[ɑ) ɛ) ɔ)]	420/479	88	.89	Pert[ɛ)]ce
Ditongo	336/600	56	.37	Quest[□)ω)]

Os dados da tabela 40 mostram que os únicos contextos favorecedores do abaixamento de /e/ são as tônicas baixas e as nasais não-altas. Os índices obtidos nesses ambientes são bastante elevados, sugerindo serem esses fatores muito fortes no condicionamento da regra. Este resultado já havia sido encontrado na análise da aplicação da variante baixa da pretônica /o/.

A seleção deste grupo de fatores em primeiro lugar significa que o contexto tônico exerce maior influência na realização de [E] do que o contexto átono, confirmando o que observa Nina (1991) no falar belenense.

A vogal homorgânica baixa não-arredondada apresenta índices muito próximos da aplicação categórica da regra, demonstrando constituir-se no contexto que oferece maior probabilidade de aplicar a variante [E].

Mesmo sabendo que o fator contigüidade não foi considerado relevante para o abaixamento de /e/, decidiu-se cruzá-lo juntamente com a variável tipo de vogal tônica com o intuito de verificar se a contigüidade favoreceria mais a aplicação da regra do que o contexto de não-contigüidade.

A tabela 41 apresenta os resultados desse cruzamento referentes aos contextos favorecedores da variante [E]. Os números indicam que o contexto tônico imediatamente seguinte à pretônica /e/, principalmente a homorgânica [E], apresenta freqüências mais elevadas do que o

ambiente não-contíguo. No entanto, deve-se observar que os índices percentuais de abaixamento diante de vogal não imediatamente vizinha à pretônica são bastante elevados. Sendo assim, o que se pode dizer com absoluta certeza é que, independentemente da tônica aparecer contígua ou não à vogal candidata, o a variante [E] é altamente favorecida pelos contextos de vogais baixas e nasais, excetuando-se as altas.

TABELA 41 – Cruzamento de contigüidade e natureza da vogal tônica

Contigüidade	Natureza da vogal tônica			
	[α]	[E]	[□]	[α) ε) o)]
Contígua	83%	96%	86%	93%
Não-contígua	81%	75%	68%	73%

As vogais altas e médias, assim como os ditongos, apresentam probabilidades abaixo do ponto médio, o que implica dizer que estes fatores são inibidores do abaixamento de /e/. O contexto de vogal média pretônica é o que mais desfavorece a regra, justamente por ser este o ambiente mais propício à preservação da média pretônica não-recuada. Credita-se a aplicação do abaixamento em contextos desfavorecedores à realização de [E] à interferência de outros fatores.

É bom notar que a alta taxa de freqüência do abaixamento de /e/ que ocorre diante da vogal contextual [υ] é calculada com base em apenas 8 realizações da variante baixa de um universo de 13 ocorrências registradas para a vogal /e/. Os poucos casos de aplicação da regra no ambiente de vogal alta recuada devem-se às palavras: p[E]rfumes (4x), p[E]rgunto (3x) e d[E]núncia (1x). Como, na avaliação dos dados, o peso relativo é mais importante do que o percentual, observa-se que este fator não favorece o processo em questão.

b) Natureza da vogal átona contígua

TABELA 42 – Atuação da natureza da vogal átona contígua sobre o abaixamento de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
[ι]	158/292	54	.05	Rel[ι]gioso
[ι)]	61/69	88	.23	Depr[ι)]mida

[ʊ]	61/104	59	.07	Derr[ʊ]bar
[ʊ)]	6/8	75	.28	Res[ʊ)]mindo
[E]	116/117	99	.85	Sel[E]ção
[ɑ]	209/212	99	.98	Libert[ɑ]ção
[ɑ) ɛ) ɔ)]	117/121	97	.95	Resp[ɔ)]der
Ditongo	15/43	35	.01	Rest[ɑɷ]rante

Os resultados da tabela 42 indicam que as vogais baixas [E] e [ɑ] e as nasais não-altas [ɑ) ɛ) ɔ)] são os contextos que mais promovem o abaixamento de /e/, tal como foi observado diante de vogal tônica.

A vogal não-homorgânica baixa não-arredondada destaca-se como o principal condicionador na aplicação da regra, da mesma forma como foi observado no abaixamento de /o/.

O fato desta variável ter sido selecionada em segundo lugar pelo programa significa que, após o contexto tônico, o ambiente átono é o que mais favorece o abaixamento. Além disso, nota-se também que, como a regra só é favorecida nos ambientes de vogal baixa independentemente desta ser tônica ou átona, a altura da vogal contextual é mais relevante do que a tonicidade.

Os contextos de vogais altas e os ditongos mostraram-se totalmente desfavorecedores da variante baixa [E]. Acredita-se que, nesses ambientes, a regra seja aplicada pela interferência de outros fatores.

Os fatores [ɛ] e [ɔ] foram excluídos desta rodada porque apresentaram um comportamento categórico no sentido de não aplicar o abaixamento de /e/, o que já era esperado, pois os contextos de vogais médias tendem a inibir a abertura das pretônicas. A vogal contextual [□] também foi excluída, já que esse ambiente só admite a realização abaixada da pretônica /e/.

Não se pode deixar de mencionar que a desproporção verificada entre os valores percentuais e probabilísticos dos fatores [ɪ], [ɪ)] e [ʊ] é resultado da elevada ocorrência das palavras necessidade, terminar e prejuízo. Por isso, à medida que aumenta a freqüência, diminui o peso relativo. Também com relação à falta de paralelismo entre os valores atribuídos à vogal contextual [ʊ)], deve-se levar em conta que o alto percentual atribuído a este fator tem como universo apenas 8 ocorrências.

c) Consoante precedente

TABELA 43 – Atuação da consoante precedente sobre o abaixamento de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Labiais	658/1190	55	.49	Li[β]erdade
Alveolares	960/1611	60	.52	In[τ]erior
Palatais	52/163	32	.22	Evan[Z]elização
Velares	53/81	65	.75	[κ]ebrar
Aspiradas	201/292	69	.55	[η]elação

De acordo com os dados da tabela 43, nota-se que o contexto velar é o que apresenta os maiores índices percentuais e probabilísticos. As aspiradas e as alveolares apresentam um leve favorecimento na aplicação do abaixamento de /e/, visto que os pesos relativos dessas consoantes estão muito próximos do ponto neutro.

A atuação da alveolar, mesmo não sendo muito forte, pode ser justificada por sua articulação baixa, possibilitando o abaixamento da pretônica por acomodação fonética. No entanto, esperava-se que essa consoante tivesse um desempenho mais expressivo na regra.

Além da aspirada apresentar um tímido comportamento em benefício da variante baixa, nota-se também que esse contexto pode estar sendo influenciado pelo ambiente favorecedor, pois todos os casos de abaixamento diante de palatal sempre ocorrem na presença de vogal baixa ou nasal não-alta, seja tônica ou átona, seguinte à pretônica candidata à regra.

No que se refere à velar, não se esperava que esse fator favorecesse a aplicação da variante baixa, uma vez que o traço alto que caracteriza essa consoante torna incompatível qualquer tipo de ajustamento fonético da vogal em foco com esse segmento. Esse fator também parece sofrer influência do contexto vocálico favorecedor, pois os casos de abaixamento de /e/ diante dessa consoante ocorrem no contexto de vogal baixa ou da não-alta nasal seguinte à pretônica candidata à regra.

As labiais, em virtude do traço da labialidade, e as palatais, por sua articulação alta, exercem um papel inibidor na realização de [E]. A maioria das ocorrências de abaixamento de /e/ diante desses dois contextos pode estar sendo influenciada pela vogal com o traço de altura [+ baixo] ou pela nasal não-alta seguinte à pretônica em foco.

As alveolares, velares e glotais, nesta ordem, mostraram-se favorecedoras da variante aberta no falar de Bragança, no Pará, conforme Freitas (2003). Nina (1991) observa que, no falar belenense, as velares também atuam positivamente sobre a regra de abaixamento de /e/ e as labiais, ao contrário do que se vê na tabela 43, agem favoravelmente à realização de [E]. Célia (2004) nota que as alveolares, no dialeto veneciano, constituem o contexto ideal para a aplicação da regra mencionada. Marques (2006), analisando uma amostra constituída por paraibanos residentes no Rio de Janeiro, constata que as velares e as labiais representam os segmentos que mais beneficiam o abaixamento de /e/.

d) Consoante subseqüente

De acordo com os dados da tabela 44, as aspiradas, as velares e as alveolares são as consoantes que, por ordem decrescente de importância, mais contribuem para o alteamento de /e/. Os mesmos contextos, precedendo a pretônica em foco, já tinham sido apontados como favorecedores da aplicação da regra.

A alveolar apresenta um peso relativo praticamente neutro, a exemplo do que se observou no contexto precedente. Este resultado contraria mais uma vez a expectativa de que esta consoante, por ser portadora do traço [+ baixo], deveria apresentar índices probabilísticos mais expressivos do que os obtidos aqui.

TABELA 44 – Atuação da consoante subseqüente sobre o abaixamento de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Labiais	658/1190	55	.43	Se[π]aração
Alveolares	960/1611	60	.52	Espe[P]ança
Palatais	52/163	32	.25	Ve[Σ]tibular
Velares	53/81	65	.56	Pe[γ]aram
Aspiradas	201/292	69	.67	Mate[ ]nal

Quanto às velares, o peso relativo atribuído a este fator não se distancia muito do ponto neutro. Isso acontece porque estas consoantes são caracterizadas pelo traço alto que impede o ajustamento fonético da pretônica /e/ aos respectivos segmentos.

Com relação às aspiradas, nota-se que esse contexto é o que mais promove o abaixamento de /e/, o que também foi observado por Freitas (2003) no falar de Bragança, no Pará. No entanto, deve-se esclarecer que em todos os casos que a variante baixa foi realizada havia uma vogal da mesma altura ou uma vogal não-alta nasal na sílaba seguinte. Assim, não se pode afirmar com certeza se este fator realmente exerce um papel relevante no condicionamento da regra em pauta, já que há interferência do contexto favorecedor do abaixamento.

As labiais, por apresentar o traço da labialidade, e as palatais, em função de sua articulação alta surgem como ambientes desfavorecedores do abaixamento, assim como foi observado no contexto precedente. As ocorrências da variante [E] nesses contextos podem ser explicadas devido à interferência do ambiente favorecedor da aplicação da regra, isto é, a presença da vogal baixa ou da vogal alta não-nasal seguinte à pretônica em estudo.

No estudo de Marques (2006), as alveolares surgem como favorecedoras da regra mencionada, embora o peso relativo deste fator não se afaste muito do ponto neutro.

e) Atonicidade

TABELA 45 – Atuação da atonicidade sobre o abaixamento de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Permanente	1051/1568	67	.54	Metade
Variável	60/196	31	.23	Diferente
Casual média	28/236	12	.08	Empresário
Casual mista	199/590	34	.36	Devendo
Casual baixa	586/747	78	.77	Pegar

Com base nos valores apresentados na tabela 45, nota-se que os índices percentuais e probabilísticos mais elevados pertencem às vogais casuais baixas, confirmando os achados de Freitas (2003) e Célia (2004). Isso significa que esse fator, assim como já havia sido observado com a pretônica /o/, é o mais relevante na aplicação do abaixamento de /e/.

Embora as vogais átonas permanentes exibam um peso relativo acima de .50, deve-se observar que o valor atribuído a esse fator não se afasta muito do ponto neutro. Assim, não se

pode considerar que as átonas permanentes sejam tão benéficas à aplicação de [E] quanto as átonas baixas.

Os outros contextos apresentaram um comportamento negativo no sentido de inibir a realização da variante aberta. Os casos em que foram registradas ocorrências do abaixamento de /e/ em ambientes desfavorecedores são explicados pela influência da vogal seguinte baixa ou não-alta nasal.

f) Sufixação

Como se pode notar na tabela 46, as palavras com sufixo nominal e aquelas que não têm sufixo, apresentando índices percentuais e probabilísticos praticamente iguais, propiciam a realização da variante [E]. Tal resultado já havia sido encontrado na análise do abaixamento da pretônica /o/.

TABELA 46 – Atuação da sufixação sobre o abaixamento de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Verbal	812/1657	49	.37	Queremos
Nominal	691/1018	68	.63	Medieval
Sem sufixo	421/662	64	.62	Vergonha

Observando os casos de abaixamento nas palavras com sufixo nominal e nas palavras sem sufixo, percebe-se que estes dois fatores sofrem interferência do tipo de vogal da sílaba seguinte, pois, na maioria das vezes em que ocorre a forma [E], está presente um contexto vocálico favorecedor da aplicação da referida regra, ou seja, uma vogal baixa ou uma vogal não-alta nasal à direita da vogal /e/, como demonstram os inúmeros exemplos: m[E]rcado, exp[E]riência, m[E]tade, r[E]cado, int[E]r[E]ssante, prot[E]stante, art[E]sanato, n[E]rvosa, sac[E]rdote, esp[E]rança, r[E]ligiosa, n[E]c[E]ssidade.

Nos vocábulos em que há presença de sufixos verbais, a forma abaixada anterior não é favorecida. Isso é fácil entender, já que o sufixo verbal, como já foi visto na análise da pretônica /e/, favorece o alteamento. Pode-se dizer que as ocorrências da variante abaixada em contexto

desfavorecedor podem ser explicadas pela interferência do contexto vocálico favorecedor da regra de abaixamento.

g) Estrutura silábica

Considerando os dados apresentados na tabela 47, constata-se que o travamento silábico é o único contexto favorecedor do abaixamento de /e/, sendo que as sílabas travadas por /R/ despontam como o fator mais atuante na aplicação da regra. Analisando as ocorrências de abaixamento tanto nas sílabas travadas por /R/ quanto por /S/, vê-se a influência da vogal baixa ou nasal não-alta da sílaba seguinte.

A sílaba livre apresenta os mais baixos índices percentuais e probabilísticos, por isso age negativamente na realização da variante [E]. Nesse contexto, os casos de abaixamento também sofrem a interferência do contexto vocálico favorecedor da regra em questão.

TABELA 47 – Atuação da estrutura silábica sobre o abaixamento de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Travada por /R/	311/435	71	.66	Termina
Travada por /S/	117/201	58	.59	Pesquisa
Livre	1496/2701	55	.47	Religiosa

h) Idade

De acordo com os valores da tabela 48, apenas os mais idosos apresentam índices positivos de probabilidade de aplicação do abaixamento de /e/, já que os mais jovens tendem a inibir a regra. Os falantes da faixa intermediária apresentam um comportamento neutro.

TABELA 48 – Atuação da idade sobre o abaixamento de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade
15 a 25 anos	618/1146	56	.41
26 a 49 anos	563/988	57	.51

50 anos em diante	719/1210	59	.61

Nota-se que à medida que aumenta a faixa etária, a possibilidade de ocorrer o abaixamento também aumenta. Entende-se que essa regularidade no comportamento lingüístico dos fortalezenses representa um caso de gradação etária, já que os mais jovens em decorrência das exigências do mercado de trabalho atual sempre são mais cobrados no que se refere a padrões de comportamento do que os mais velhos que não precisam mais se submeter às pressões da sociedade moderna.

Apesar de ter sido a única variável social selecionada, não se pode considerar determinante o efeito da faixa etária na aplicação da regra, uma vez que este grupo de fator foi selecionado em penúltimo lugar.

3.2.3. Manutenção

O *input* geral de realização da manutenção de /e/ foi de .04, que é um índice baixíssimo. Com base nisso, pode-se dizer que a ocorrência da variante não-recuada fechada na amostra analisada é tão pouco provável quanto a forma alteada. Além disso, pode-se dizer que há uma maior probabilidade de ocorrer a preservação da pretônica entre as posteriores do que entre as anteriores.

Foram selecionados, por ordem de relevância, como favorecedores da elevação, os seguintes fatores:

a) natureza da vogal tônica;

b) natureza da vogal átona contígua;

c) atonicidade;

d) idade;

e) consoante subseqüente;

f) consoante precedente;

g) escolaridade;

h) sufixação.

Os fatores distância da vogal em relação à pretônica, estrutura silábica e sexo foram considerados irrelevantes.

Abaixo, serão analisados, inicialmente, os fatores lingüísticos e, logo depois, proceder-se-á à análise dos fatores extralingüísticos, não importando a ordem em que foram selecionados pelo VARBRUL, mas apenas o fato de serem considerados relevantes por este programa. Dar-se-á destaque especial, dentre os fatores lingüísticos aos contextos vocálicos e, em seguida, aos contextos consonânticos.

a) Natureza da vogal tônica

Os resultados da tabela 49 revelam que os índices mais elevados de preservação da pretônica /e/ são atribuídos às vogais contextuais [ɛ] e [ɔ] que são, praticamente, categóricas no favorecimento da aplicação da média-fechada anterior. Os ditongos e a vogal [ɪ] também se mostraram contextos propiciadores da aplicação da regra, porém os valores giram em torno do ponto neutro, o que não credita muita relevância a estes fatores. Os demais ambientes não promovem a aplicação da variante [ɛ].

TABELA 49 – Atuação da natureza da vogal tônica sobre a manutenção de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
[ɪ]	186/515	36	.54	Pres[ɪ]dio
[ɪ)]	11/40	27	.45	Resum[ɪ)]do
[ʊ]	16/64	25	.50	Merg[ʊ]lho
[ʊ)]	1/13	8	.20	Pres[ʊ)]to
[ɛ]	204/244	84	.97	Segr[ɛ]do
[ɔ]	235/335	70	.92	Terr[ɔ]r
[E]	2/53	4	.06	Dez[E]rto
[□]	14/97	14	.23	Perig[□]sa
[ɑ]	143/897	16	.22	Fech[ɑ]do
[ɑ) ɛ) ɔ)]	42/479	9	.16	Presid[ɛ)]te
Ditongo	212/600	35	.57	Regi[□)ɷ)]

Com o intuito de averigüar se a contigüidade da pretônica em relação à tônica favoreceria mais a manutenção do que o contexto não-contíguo, foi feito o cruzamento da variável tipo de vogal tônica com o grupo contigüidade, apesar deste último não ter sido selecionado pelo programa, como mostra a tabela 50.

A vogal média homorgânica favorece mais a regra de manutenção de /e/ que a sua não-homorgânica [ɔ], tanto em termos de freqüência quanto em termos de probabilidade.

TABELA 50 – Cruzamento de contigüidade e natureza da vogal tônica

Contigüidade	**Natureza da vogal tônica**			
	[ɛ]	[ɔ]	[ɪ]	Ditongo
Contígua	96%	99%	43%	47%
Não-contígua	11%	13%	12%	15%

De acordo com os dados apresentados na tabela 50, pode-se concluir que os contextos contíguos à tônica, principalmente as vogais médias-fechadas [ɛ] e [ɔ], favorecem a aplicação da regra de forma praticamente categórica, enquanto a não-contigüidade apresenta valores percentuais pouco expressivos.

b) Natureza da vogal átona contígua

TABELA 51 – Atuação da natureza da vogal átona contígua sobre a manutenção de /e/

Fatores	**Aplica/Total**	**%**	**Probabilidade**	**Exemplo**
[ɪ]	76/292	26	.79	Pres[ɪ]dente
[ɪ)]	5/69	7	.63	Divert[ɪ)]mento
[ʊ]	33/104	32	.81	Seg[ʊ]rança
[ʊ)]	2/8	25	.78	Res[ʊ)]mindo
[E]	1/117	1	.22	Inter[E]ssante
[ɑ]	1/212	0	.03	Planej[ɑ]mento

[α) ε) o)]	4/121	3	.14	Corresp[o)]dência
Ditongo	28/43	65	.55	Resp[εφ]tar

As vogais altas, orais ou nasais, aparecem como os contextos que mais propiciam a regra de manutenção da pretônica /e/, conforme indica os índices probabilísticos da tabela 51. Observando a proximidade do peso relativo dos ditongos com o ponto neutro, nota-se que este fator apresenta um tímido favorecimento na regra de aplicação da preservação.

Foi necessário excluir as vogais contextuais médias fechadas [ε] e [o], porque, diante dessas vogais, sempre ocorria a preservação da pretônica /e/.

As vogais baixas [E] e [α] e as não-altas nasais apresentam os menores índices percentuais e probabilísticos de aplicação da regra. Tal fato já era esperado, pois estes ambientes são os que mais privilegiam o abaixamento. É bom notar que os casos de realização da variante [ε] diante de vogais baixas e de nasais não-altas são muito raros, posto que só foram encontradas apenas seis ocorrências: plan[ε]jamento (1x), int[ε]r[E]ssante (1x), d[ε]tonava (2x), corr[ε]spondência (2x).

Com relação aos ditongos, pode-se dizer que a aparente desproporção verificada entre o percentual e a probabilidade atribuídas a este fator pode ser justificada pela alta recorrência das palavras r[ε]speitar e pr[ε]feitura.

c) Consoante precedente

TABELA 52 – Atuação da consoante precedente sobre a manutenção de /e/

Fatores	**Aplica/Total**	**%**	**Probabilidade**	**Exemplo**
Labiais	408/1190	34	.51	[π]erder
Alveolares	500/1611	31	.52	P[P]esídio
Palatais	69/163	42	.35	In[Z]erir
Velares	18/81	22	.19	Ga[γ]ejando
Aspiradas	71/292	24	.53	[η]eligioso

Na tabela 52, os resultados exibidos revelam que a preservação de /e/, assim como ocorreu com a pretônica /o/, não é muito beneficiada pelas consoantes antecedentes, como demonstra a fraca atuação das labiais, alveolares e aspiradas, que é revelada pelo peso relativo muito próximo a .50; enquanto as palatais e velares atuam no sentido de inibir a aplicação da regra.

Vale destacar que o número de ocorrências da variante [ɛ] é bastante reduzido diante de velares. Essas consoantes se caracterizam por sua articulação mais alta, porém tal traço não é compartilhado com a vogal média fechada posterior, o que justifica o nítido desfavorecimento das velares na regra de preservação da vogal /e/.

d) Consoante subseqüente

A tabela 53, a exemplo do que ocorre no ambiente precedente, mostra o fraco efeito do contexto subseqüente na preservação de /e/, posto que, com exceção das palatais e alveolares, que apresentaram probabilidades em torno do ponto neutro, as demais consoantes se revelaram inibidoras da aplicação da regra.

TABELA 53 – Atuação da consoante subseqüente sobre a manutenção de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Labiais	141/519	27	.47	Pre[ɸ]iro
Alveolares	455/1457	31	.53	Fe[ʎ]iz
Palatais	202/410	49	.58	Prome[τϑ]iam
Velares	144/469	31	.41	Che[γ]ei
Aspiradas	124/487	25	.40	Pe[ ]doar

Não se pode deixar de registrar o fato de que a maioria dos casos em que a variante [ɛ] se realiza diante de palatais e alveolares ocorre a interferência do contexto vocálico favorecedor por excelência, que é a vogal média seguinte, como em v[ɛ]rmelho, m[ɛ]xer, p[ɛ]lejava, s[ɛ]melhante, d[ɛ]seja, dir[ɛ]toria.

e) Atonicidade

Analisando os resultados da tabela 54, as vogais átonas casuais médias (enfermera, pelejava) aparecem como o fator que mais beneficia a manutenção de /e/. Além disso, as vogais mistas (média e baixa), como em aconteceu, consertei, começou, crescendo, meter, exercer, beber também atuam de forma positiva na realização da variante média anterior. Estes mesmos resultados foram verificados por Freitas (2003), no falar de Bragança, no Pará.

TABELA 54 – Atuação da atonicidade sobre a manutenção de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Permanente	373/1568	24	.46	Período
Variável	68/196	35	.44	Servente
Casual média	205/236	87	.97	Chegava
Casual mista	304/590	52	.60	Bebeu
Casual baixa	116/747	16	.28	Conversando

De acordo com a hipótese de Bisol (1981), o falante retém em sua memória, inconscientemente, a tonicidade subjacente, por isso é fácil entender porque a átona média é o contexto mais propício à pretônica [ɛ].

Os demais fatores inibem a preservação da vogal candidata, principalmente as átonas baixas que, conforme já foi observado, constituem o contexto mais favorecedor da regra de abaixamento. A ocorrência da manutenção de /ɛ/ nos contextos desfavorecedores pode ser explicada pela interferência de uma vogal média ou não-alta nasal, tônica ou contígua, como em terror, interior, certeza, beleza, impressora, vendedor.

f) Sufixação

Pelos valores expostos na tabela 55, a variável sufixação não apresenta um papel muito relevante na regra de manutenção da média pretônica /e/, já que o único fator que manifesta um comportamento levemente favorecedor no processo, o sufixo verbal, apresenta um peso relativo muito próximo da neutralidade, enquanto o sufixo nominal e a ausência de sufixo exercem um

papel negativo na regra mencionada. Tal resultado é o oposto do que foi constatado na análise do abaixamento de /e/, mas se aproxima muito do que se observou na preservação da média /o/.

TABELA 55 – Atuação da sufixação sobre a manutenção de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade	Exemplo
Verbal	627/1657	38	.55	Elegeram
Nominal	264/1018	26	.45	Seguidores
Sem sufixo	175/662	26	.44	Pescoço

Observando as ocorrências da variante média anterior em contextos desfavorecedores, nos vocábulos com sufixo nominal e nas palavras sem sufixo, nota-se que estes fatores são influenciados pela natureza da vogal da sílaba seguinte, já que, quase sempre que ocorre a forma [ɛ], tem-se a presença de um contexto vocálico favorecedor da aplicação da regra, como atestam os seguintes exemplos: t[ɛ]rrorista, pr[ɛ]sídio, c[ɛ]rteza, r[ɛ]ligioso, v[ɛ]locidade, vend[ɛ]dora, dir[ɛ]tora, prot[ɛ]tor, s[ɛ]gredo, f[ɛ]liz, p[ɛ]rfeito, r[ɛ]ligião, pr[ɛ]cioso, v[ɛ]rmelho, c[ɛ]rveja.

Percebe-se que, nas palavras em que há presença de sufixos verbais, a pretônica média /e/ também sofre interferência do contexto favorecedor por excelência da regra de manutenção da vogal candidata, como demonstram os exemplos: inv[ɛ]stiu, p[ɛ]rder, d[ɛ]sejam, corr[ɛ]sponder, ex[ɛ]rcer, b[ɛ]ber, acont[ɛ]cer, d[ɛ]sert[o], m[ɛ]ter, d[ɛ]veriam, n[ɛ]cessitada, com[ɛ]ç[o].

Segundo Yacovenco (1993), na norma culta do Rio de Janeiro, o sufixo não-verbal favorece a regra de manutenção de /e/, ao passo que os sufixos verbais inibem a realização da variante [ɛ]. As palavras sem sufixo, isto é, as formas primitivas, revelaram-se praticamente neutras. Esses resultados destoam dos que foram encontrados nesta amostra.

g) Escolaridade

Como mostra a tabela 56, os mais escolarizados (9 a 11 anos) apresentam um leve favorecimento na aplicação da regra de manutenção de /e/ em oposição aos menos escolarizados (nenhuma 4 anos e 5 a 8 anos) que tendem a inibi-la.

TABELA 56 – Atuação da escolaridade sobre a manutenção de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade
0 a 4 anos	299/988	30	.46
5 a 8 anos	368/1210	30	.47
9 a 11 anos	399/1139	35	.57

Com relação ao grau de escolaridade e realização das médias pretônicas, Houaiss (apud Nina, 1991) menciona que as pessoas com maior tempo de exposição à escrita favorecem a preservação de /e/. Os dados aqui obtidos confirmam as palavras do autor.

Pereira (2000) nota que no falar pessoense os informantes com maior escolaridade dão preferência às variantes fechadas [ɛ] e [ɔ], assim como acontece, segundo Freitas (2003), no dialeto de Bragança – PA.

Por ter sido selecionada em penúltimo lugar, esta variável não exerce forte influência na preservação da média /e/. Por isso, apesar da escolaridade influenciar, este grupo de fatores não pode ser considerado determinante no processo em questão.

h) Idade

Os dados exibidos na tabela 57 demonstram que os mais jovens favorecem a aplicação da manutenção de /e/, ao passo que os mais idosos inibem o fenômeno. A faixa intermediária (26 a 49 anos) apresenta um comportamento neutro.

TABELA 57 – Atuação da idade sobre a manutenção de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade
15 a 25 anos	425/1146	37	.61
26 a 49 anos	444/1438	31	.50
50 anos em diante	197/753	26	.34

Observa-se que quanto maior a idade do informante, menor a utilização da variante fechada, considerada a forma inovadora e de prestígio no falar local, por ser predominante nos estados da região sul/sudeste. Tal fato pode ser explicado por serem os mais idosos os que menos

interferência sofrem do mercado de trabalho, por isso são menos inclinados do que os mais jovens a empregar a variante conservadora.

No dialeto culto carioca, Yacovenco (1993) também constata que os jovens são os que mais propiciam o emprego da vogal [ɛ].

Decidiu-se cruzar as variáveis faixa etária e escolaridade com o intuito de verificar se as diferenças de escolarização são mais nítidas entre os mais velhos do que entre os mais jovens, como sugere Kemp (1981, apud Oliveira e Silva e Paiva, 1996).

TABELA 58 - Cruzamento de faixa etária e escolaridade

		Faixa etária	
Escolaridade	I (15 a 25 anos)	II (26 a 49 anos)	III (50 em diante)
0 a 4 anos	37%	29%	25%
5 a 8 anos	37%	30%	23%
9 a 11 anos	37%	34%	34%

A leitura da tabela 58 permite afirmar que, apesar dos valores percentuais não serem muito extremados, os mais jovens, independentemente do nível de escolaridade, são os que mais favorecem a realização da variante fechada. Tal fato pode ser justificado em virtude dos jovens estarem mais sujeitos às pressões da instituição escolar e também por serem mais sensíveis à interferência da mídia, além da necessidade de se inserirem no mercado de trabalho. Os adultos (26 a 49 anos) e idosos (50 anos em diante) com maior escolaridade mostram-se mais conservadores, quando aplicam mais a variante [ɛ] do que os que possuem menor contato com a escola.

4.3 CONFRONTO ENTRE AS ANÁLISES DE /e/ E /o/

Confrontando as análises do alteamento, do abaixamento e da manutenção das pretônicas /e/ e /o/, já vistas nas seções anteriores a esta, observa-se que:

- ora os dados relacionados à regra de abaixamento se contrapõem aos que se vinculam à regra de alteamento, ora se opõem aos dados referentes à regra de manutenção;

- a variável tipo de vogal tônica surge como o grupo de fatores mais relevante na análise do alçamento, do abaixamento e da manutenção de ambas as vogais médias pretônicas;

- a variável tipo de vogal átona contígua aparece em segundo lugar em todas as análises, com exceção da análise de alteamento de /o/ em que o contexto átono ocupa a quinta posição na ordem de seleção do VARBRUL. Assim sendo, constata-se que a vogal tônica exerce maior influência na aplicação de qualquer uma das regras mencionadas do que a vogal átona.

- as vogais contextuais baixas [E □ α] e as não-altas nasais [α) ε) o)], sejam tônicas ou átonas, são os únicos segmentos que favorecem o abaixamento tanto de /e/ quanto de /o/, mas inibem a manutenção e a elevação de ambas as pretônicas;

- independentemente do fato de serem tônicas ou não, as vogais contextuais altas, orais ou nasais, beneficiam o alteamento de /e/ e /o/ de forma inequívoca e exercem um discreto favorecimento sobre a manutenção das duas pretônicas, porém agem negativamente sobre o abaixamento de /e/ e /o/;

- as vogais contextuais fechadas [ε o], em contexto tônico, privilegiam somente a preservação das médias /e/ e /o/, no entanto, em contexto átono, só favorecem a pretônica /o/, já que, nesse ambiente, a ocorrência da variante [ε] ocorre em 100% dos casos e, por essa razão, os dados referentes a esta vogal foram eliminados das análises subseqüentes;

- os ditongos, em sílaba tônica, atuam levemente de forma positiva sobre a regra de manutenção das pretônicas /e/ e /o/, mas inibem o abaixamento dessas duas vogais e apresentam um comportamento neutro no alteamento tanto de /e/ quanto de /o/; em sílaba átona, não foi encontrado, diante de ditongo, nenhum caso de alteamento, abaixamento ou manutenção de /o/, mas, com relação à vogal /e/, a manutenção é discretamente favorecida, o abaixamento é inibido e o alteamento, por ter ocorrido de forma categórica neste contexto, precisou ser excluído dos dados;

- o grupo de fatores tipo de consoante precedente foi selecionado em todas as análises realizadas para as regras de alteamento, abaixamento e manutenção de /e/ e /o/;

- a alveolar precedente favorece amplamente o abaixamento de /o/, mas apresenta um comportamento, praticamente, neutro em relação ao abaixamento de /e/;

- a labial é o segmento que mais favorece o alteamento de /o/, porém atua de forma neutra em se tratando do alçamento da vogal /e/;

- o abaixamento de /o/ e o alteamento de /e/ têm, em comum, a palatal como contexto favorecedor destas duas regras;

- a velar não só age positivamente sobre o alçamento de /e/ e /o/, como também atua como a maior favorecedora do abaixamento de /e/;

- a glotal é o contexto que mais beneficia o abaixamento de /o/ e, de forma discreta, também favorece a abertura de /e/;

- a alveolar, a labial e a glotal se revelaram neutras no condicionamento da manutenção de /e/ e /o/, enquanto as palatais e velares mostrarem-se desfavorecedoras da regra em questão;

- a variável tipo de consoante subseqüente é relevante nas análises de alteamento, abaixamento e preservação das pretônicas /e/ e /o/;

- a alveolar pós-vocálica é considerada um contexto neutro no que se refere à elevação, ao abaixamento e manutenção das médias /e/ e /o/;

- a labial favorece a regra de alteamento de /e/ e /o/, mas inibe o abaixamento e a preservação de ambas as vogais médias pretônicas;

- a palatal beneficia amplamente o alçamento de /e/ e /o/ e favorece, timidamente, a manutenção de /e/, porém desfavorece o abaixamento das duas pretônicas e a manutenção de /o/;

- a velar é o contexto que mais favorece o abaixamento de /o/ e o alteamento de /e/, mas apresenta apenas um leve favorecimento na abertura de /e/;

- a glotal beneficia apenas a abertura de /e/ e mostra-se levemente favorecedora da manutenção de /o/;

- após o contexto vocálico, a variável tipo de atonicidade é apontada como a variável mais relevante na regra de abaixamento e manutenção de /e/ e /o/, todavia, no alteamento de /e/, este grupo de fatores surge como menos relevante do que a consoante subseqüente, e, no alçamento de /o/, a atonicidade é selecionada em segundo lugar, perdendo o primeiro lugar apenas para o tipo de vogal tônica;

- o fator átona casual baixa favorece o abaixamento de /e/ e /o/, mas inibe o alteamento e a manutenção das respectivas pretônicas;

- a átona casual média beneficia a manutenção de /e/ e /o/, todavia desfavorece o alteamento e o abaixamento de ambas as pretônicas;

- a átona casual variável privilegia o alteamento de /e/ e /o/ em detrimento do abaixamento e da manutenção das duas pretônicas;

- a átona casual mista favorece a manutenção de /e/ e /o/ e o abaixamento de /o/, no entanto inibe o alteamento das médias /e/ e /o/ e o abaixamento de /e/;

- a átona permanente beneficia o alteamento de /o/, assim como também favorece, embora de forma discreta, o alteamento e o abaixamento de /e/;

- a variável sufixação é selecionada como relevante nas análises tanto de alteamento, quanto de abaixamento e de manutenção das médias pré-acentuadas /e/ e /o/;

- o sufixo nominal favorece o abaixamento de /e/ e /o/, mas deve-se atentar para o fato de que, no caso de /e/, este fator exerce apenas um leve favorecimento sobre a regra mencionada;

- o sufixo verbal privilegia tanto o alteamento quanto a manutenção de /e/ e /o/, sendo que a preservação de /e/ sofre apenas um leve favorecimento;

- a ausência de sufixo beneficia o abaixamento de /e/ e /o/, porém inibe o alteamento e a matuenção das respectivas pretônicas;

- o grupo de fatores tipo de sílaba foi selecionado apenas nas análises de abaixamento de /e/ e /o/ e na análise de manutenção de /o/;

- o travamento silábico, seja por /R/ ou seja por /S/, favorece o abaixamento de /e/ e /o/, mas inibe a preservação de /o/;

- a sílaba livre apresenta um leve favorecimento sobre a manutenção de /o/, todavia desfavorece o abaixamento de /e/ e /o/;

- excetuando-se a análise do abaixamento de /o/, a variável faixa etária mostrou-se relevante em todas as outras análises efetuadas para as vogais médias pretônicas /e/ e /o/.

- a faixa etária de 15 a 25 anos favorece a manutenção de /e/ e /o/, mas inibe a elevação de ambas as pretônicas, bem como desfavorece também o abaixamento de /e/;

- a faixa intermediária (26 a 49 anos) comporta-se de forma neutra tanto no alçamento, quanto na manutenção das pré-acentuadas /e/ e /o/ e na abertura de /e/;

- os informantes com idade a partir de 50 anos privilegiam não só o alteamento de /e/ e /o/, mas também beneficiam a abertura de /e/;

- a variável escolaridade foi considerada relevante apenas nas análises de alteamento das pretônicas /e/ e /o/ e de manutenção da pré-acentuada /e/;

- os informantes com escolaridade mais baixa (nenhuma a 4 anos) favorecem apenas o alteamento de /e/ e /o/;

- os informantes com escolaridade de 5 a 8 anos apresentam um comportamento quase neutro sobre o alteamento de /e/ e /o/;

- os informantes com escolaridade mais alta (9 a 11 anos) beneficiam, discretamente, a manutenção de /e/;

- o grupo de fatores contigüidade não foi selecionado em nenhuma das análises realizadas pelo programa computacional, o que significa que a distância da vogal seguinte em relação à pretônica é irrelevante na realização das variantes aqui analisadas;

- a variável sexo foi a única variável social que não foi considerada relevante em nenhuma das análises realizadas tanto para /e/ quanto para /o/.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou estudar o comportamento variável das vogais médias pretônicas, em contexto interconsonântico, no falar popular fortalezense.

Os resultados obtidos autorizam as seguintes conclusões:

- ocorre o predomínio das variantes baixas (c[□]rrente, g[E]lado), exceto em dois ambientes, diante de vogal média não-nasal (p[ɔ]rteiro, d[ɛ]scer) e diante de vogal alta (n[ʊ]tícia, r[ɪ]vista) em que, na maioria das vezes, ocorrem vogais de mesma altura. As pretônicas médias e baixas, excetuando-se alguns poucos casos, ocorrem em distribuição complementar: médias-fechadas antes de vogais fechadas e médias-abertas antes de vogais abertas. As variantes altas ocorrem predominantemente antes de vogal da mesma altura, mas também ocorrem antes de vogais médias e baixas.

- a variação das médias pretônicas é condicionada, principalmente, pela variável tipo de vogal tônica. No entanto, não se pode afirmar que a tonicidade por si só é suficiente para determinar qual variante será eleita, pois há inúmeros casos onde a pretônica, apesar de estar diante de uma vogal tônica de mesma altura, não assimila o traço de altura da vogal acentuada. Nestes casos, em geral, a pretônica harmoniza-se com a altura da vogal átona seguinte. Assim só se pode dizer sem hesitar que os processos de alteamento, abaixamento e manutenção das pretônicas, tanto da vogal /e/ quanto da vogal /o/, são regidos, primordialmente, pelo princípio de harmonização vocálica, em que a pré-acentuada copia o traço de altura da vogal adjacente, seja ela tônica ou átona.

- nem sempre é possível explicar o comportamento das pretônicas pelo princípio de harmonia vocálica, pois outros fatores, como o contexto consonântico precedente e/ou subseqüente atuam, de forma positiva ou negativa, sobre o alteamento, o abaixamento e a manutenção. Isso pode ser demonstrado com a ocorrência do vocábulo m[ʊ]starda, onde o contexto vocálico favorecedor por excelência, a vogal alta tônica, não está presente, mas mesmo assim o alçamento é aplicado em virtude da interferência benéfica da consoante labial precedente.

- a aplicação do alteamento e do abaixamento são mais freqüentes quando cada uma das regras resulta na ação conjugada de fatores, como por exemplo, no caso da palavra qu[ɪ]rido, a elevação tanto é favorecida pela vogal alta na sílaba seguinte, quanto pela consoante velar precedente. Mesmo em contextos que preenchem todas as condições de aplicabilidade, as regras mencionadas podem não funcionar, posto que a variação das pretônicas é, por natureza, um fenômeno probabilístico.

- a variável escolaridade condiciona o alteamento de /e/ e /o/. A baixa escolaridade favorece, discretamente, o emprego das formas [ɪ] e [ʊ], enquanto a escolaridade mais alta inibe a aplicação destas variantes. Já a escolaridade intermediária atua de forma quase neutra sobre a elevação de ambas as pretônicas. Além disso, a manutenção de /e/ também sofre interferência desta variável que apresenta os mais escolarizados como favorecedores da variante [ɛ], contrariamente ao que acontece com os menos escolarizados. Por isso, afirma-se que o alteamento não é uma regra estigmatizada na variedade em estudo, posto que o fenômeno ocorre tanto na fala dos mais escolarizados quanto na dos menos escolarizados, apesar de naquela ocorrer com menos freqüência, por influência da ortografia.

- a faixa etária é considerada uma variável relevante tanto no alteamento de /e/ e /o/ quanto no abaixamento das respectivas vogais. Os mais jovens inibem o alçamento de [ɪ] e [ʊ], mas favorecem as vogais fechadas [ɛ] e [ɔ], ao passo que os informantes mais velhos atuam positivamente sobre a elevação de /e/ e /o/ e agem negativamente sobre a preservação de ambas as pretônicas. O abaixamento de /e/, ao contrário do que ocorre com a vogal /o/, é influenciado por este grupo de fatores que evidencia um comportamento inibidor por parte dos mais jovens, contrapondo-se à atuação favorecedora dos mais idosos. Admitindo-se que as variantes altas representam as formas inovadoras e as variantes fechadas são consideradas as formas prestigiadas, poder-se-ia imaginar que o alteamento estaria em vias de regressão, como afirmou Bisol (1981), analisando uma amostra do dialeto gaúcho. Porém, não seria sensato dizer que o alteamento no falar dos fortalezenses é uma regra em vias de regressão, posto que somente uma análise em tempo real poderia atestar tal falto. Sendo assim, defende-se que, no falar fortalezense, o que ocorre é um caso de gradação etária, em que o comportamento de cada faixa etária funciona como um padrão que sempre se repete. A favor deste argumento tem-se o fato da regra de alçamento coexistir com a manutenção das médias desde os primórdios da língua portuguesa. O mesmo raciocínio aplica-se à regra de abaixamento de /e/.

- as vogais pretônicas, em alguns itens lexicais, realizam-se, categoricamente, alteadas, abaixadas ou preservadas, respectivamente, e, em outros, atuam variavelmente, tanto em contextos favorecedores quanto desfavorecedores das regras de alteamento, abaixamento e manutenção, revelando que tais regras não atingem todo o léxico, isto é, atingem certos itens lexicais, mas não atingem outros que apresentam as mesmas condições de atuação de uma das regras mencionadas. Isso significa que uma questão lexical pode estar envolvida no processo de

variação das vogais médias pretônicas no falar dos fortalezenses da amostra analisada e que as regras de alteamento, abaixamento e manutenção sofreriam restrições do léxico. Um outro estudo poderia esclarecer melhor tal fato, já que isso não foi propósito da presente investigação.

Espera-se que os resultados aqui expressos, aliados a outros já realizados, possam contribuir com os estudos sociolingüísticos, no sentido de se esboçar um perfil lingüístico do falante cearense, bem como enriquecer os estudos relacionados ao português falado no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCKMIM, Tânia Maria. Sociolingüística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (orgs.). **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. 2. ed. São Paulo: Cortez, p. 21-47, 2001.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Editora Anhembi Ltda, 1920.

BATTISTI, Elisa. **Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha**. 1993. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BISOL, Leda. **Harmonização vocálica**: uma regra variável. 1981. Tese (Doutorado em Lingüística e filologia) - Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta**: língua & poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRAGA, Maria Luiza; NARO, Anthony Julius A questão do tamanho da amostra. TEMPO BRASILEIRO, v. 117, p. 61-66, 1994.

BORTONI, Stella Maris *et al*. Um estudo preliminar do /e/ pretônico. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 20, p.75-90, jan./jun. 1991.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; COUTINHO, Lilian. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. **Organon**. Revista do Instituto de Letras e Artes da UFRGS. Porto Alegre, v. 5, n.18, p.71-78, UFRS, 1991.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolingüística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (orgs.). **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. 2. ed. São Paulo: Cortez, p. 49-75, 2001.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Problemas de lingüística descritiva**. 16. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. As vogais médias pretônicas no Brasil: uma visão diatópica. In: Aguilera, Vanderci de Andrade. (org.). **Português no Brasil**: estudos fonético-fonológicos. Londrina: Ed. UEL, p. 93-108, 1999.

CEDERGREN, Henriqueta J. ; SANKOFF, David. Variables rules: performance as a stastistical refletion of competence. **Language**, v. 50, n. 2, p. 332-335, 1974.

CELIA, Gianni Fontis. **Variação das vogais médias pretônicas no português de Nova Venécia- ES**. 2004. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

Disponível em <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000316849>. Acesso em 07 dezembro 2006.

CHAMBERS, Jack K. ; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax. Cambridge**: MIT Press Massachussets, 1965.

FIGUEROA, Esther. **Sociolinguistic metatheory**. New York: Pergamon, 1994.

FREITAS, Simone. As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ num falar do norte do Brasil. In: RAZKKY, Abdelhak (org.). Estudos geo-sociolingüísticos do estado do Pará. Belém: **MOARA**, p. 113-126, 2003.

GUY, Gregory R.; BISOL, Leda. Teoria Fonológica e a Variação. **Organon** – A variação do português do Brasil, Porto Alegre: UFRGS, v. 18, p. 126-136, 1991.

HORA, Dermeval da. **Diversidade lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, p. 159-172, 1997.

KAILER, Dircel Aparecida. A variação da pretônica /o/ no falar rural paranaense. Estudos Lingüísticos, São Carlos-SP, v. XXXV, p. 595-604, 2006. Disponível em <<http://gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/660.pdf>> Acesso em 07 dezembro 2006.

LABOV, William. **The Social stratification of English in new York**. Washington, D. C.: Center of Appied de Linguistique, 1966.

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
_____. Building on Empirical Foundations. In: Lehmann, W.; Malkiel, Y. (orgs.). **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1982.

_____. **Principles of linguistic change**. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

LEITE, Yonne Freitas; CALLOU, Dinah; MORAES, João Antônio de. **Processos de mudança no português do Brasil**: variáveis sociais. In: CASTRO, Ivo & DUARTE, Inês. (Org.). Razões e emoções: miscelânea em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. 1. ed. Lisboa: Imprensa

Nacional - Casa da Moeda, 2003, v. 1, p. 87-114. Disponível em < http://www.fl.ul.pt/dlgr/arquivo/mateus/31.ps. > Acesso em 07 dezembro 2006.

MACEDO, Alzira Tavares de. Linguagem e contexto. In: MOLLICA, Cecília & BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). **Introdução à sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, p.59-66, 2003.

MAIA, Vera Lúcia M. Vogais pretônicas médias na fala de Natal. In: **Estudos lingüísticos e literários** (5) Salvador: UFBA, p.209-235, 1986.

MARQUES, Sandra. **As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal**. 2006. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em << http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/MarquesSMO.pdf. >> Acesso em 07 dezembro 2006.

MATOS, A. M.; NETO, A. Opulência e Miséria nos Bairros de Fortaleza. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales.** Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2003, vol. VII, núm. 146(030). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(030).htm>> Acesso em 22 de agosto de 2007.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORALES, Humberto López. **Sociolingüística**. 2. ed. Madrid: Gredos, 1993.

MOTA, Jacyra. **Vogais antes de acento em Ribeirópolis – SE**. 1979. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). **Introdução à sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, p.15-25, 2003.

_____. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). **Introdução à sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, p.43-50, 2003.

_____; Miriam, LEMLE. **Competências básicas do português**. Rio de Janeiro: Sedec/Mobral, 1977.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2 ed. Rio de Janeiro, Simões, 1953.

NINA, Terezinha de Jesus de Carvalho. **Aspectos da variação fonético-fonológica na fala de Belém**. 1991. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de; PAIVA, Maria da Conceição. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de; SCHERRE, Maria Martha Pereira (orgs.). **Padrões sociolingüísticos –** Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 336-78, 1996.

PAIVA, Maria Conceição. Sexo. In: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). **Introdução à sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, p.33-42, 2003.

_____ ; DUARTE, Maria Eugênia L. Introdução: a mudança lingüística em curso. In: _____. **A mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: FAPERJ, p. 13-29, 2003.

PEREIRA, Regina Celia Mendes. As variáveis sociais no condicionamento das vogais médias pretônicas no dialeto pessoense. In: HORA, Dermeval (org.). Simpósio Nacional de Estudos Lingüísticos (SNEL) I. **Anais**, v.1. João Pessoa: Idéia, p. 165-174, 1997.

_____. **A harmonização vocálica e a variação das médias pretônicas**. *MOARA*: Belém, n.13, p. 93-111, jan/jun. 2000.

PINTO, Ivone Isidoro; FIORETI, Maria Thereza G. **Tutorial para o programa VARBRUL**. 1992. Inédito.

PINTZUK, Susan. **VARBRUL programs**. Tradução de Ivone Isidoro Pinto, revisão de Maria Thereza Gomes Fioreti e Maria Marta Pereira Scherre (coord.) Original inglês. Inédito. 1988.

PONTES, Ismael. Alçamento do [e] pretônico no falar rural das regiões norte e oeste-sudoeste do Paraná. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v. 31, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 5. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein, São Paulo: Cultrix, 1973.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores**. Brasília: UNB, 1993. mimeo.

_____ ; NARO, Julius Anthony. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do VARBRUL. In: MOLLICA, Cecília & BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). **Introdução à sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, p.147-178, 2003.

SCHWINDT, Luiz Carlos. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, Leda & BRESCANCINI, Cláudia (orgs.). **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 161-182, 2002.

SILVA, Myrian Barbosa da. **As pretônicas na fala baiana**: a variedade culta de Salvador. 1989. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. Um traço regional na fala culta de Salvador. In: **ORGANON**. v.5.n.18, p.79-89, UFRS,1991.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro, Presença/Pró-Memória/Instituto Nac. do Livro, 1986. (Coleção Linguagem 11).

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics**. Middlesex: Penguin Books ltd, 1974.

VIEGAS, Maria do Carmo. **Alçamento das vogais pretônicas**: uma abordagem sociolingüística. 1987. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

VIEIRA, Maria de Nazaré da Cruz. **Aspectos do falar paraense**: fonética, fonologia e semântica. Belém: UFPA, 1983.

_____. **Alteamento dos segmentos /e/ e /o/ pretônicos e do segmento /o/ tônico no falar do Médio-Amazonas Paraense**. 1990. Tese (Doutorado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

YACOVENCO, Lílian Coutinho. **As vogais médias pretônicas no falar culto carioca**. 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language change. In: Lehmann, W.; Malkiel, Y. **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, p. 97-98, 1968.

APÊNDICE A - Quadro de distribuição dos informantes por bairro e profissão

	Anos de escolarização		
	0 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos
Sexo F. etária	Bairro/Profissão	Bairro/Profissão	Bairro/Profissão

Masculino	15 a 25 anos	Monte Castelo/vigilante Maraponga/serv. gerais Farias Brito/estudante Paupina/garçom	G. Portugal/aux. de sold. Pirambu/pedreiro Conj. Ceará I/serv. gerais Maraponga/estudante	Praia do Futuro I/estudante Aldeota/estudante Aldeota/estudante Quintino Cunha/ vendedor
	26 a 49 anos	H. Jorge/porteiro Conj. Ceará I/estofador Messejana/serv. gerais Rodolfo Teófilo/pedreiro	J. Iracema/desempregado Conj. Ceará I/segurança Farias Brito/autônomo P. do Fut. I/mergulhador	P. Kennedy /téc. informát. Cristo Redentor/segurança Antônio Bezerra/vigilante Conj. Ceará I/eletricista
	50 em diante	Messejana/vigilante Pirambu/aposentado J. Guanabara/porteiro Dionísio Torres/vendedor	Cidade 2000/fun. público H. Jorge/motorista Conj. Ceará I/vigilante Conj. Ceará I/vendedor	Barra do Ceará/autônomo Conj. Ceará I/eletricista Aerolândia/motorista Mucuripe/desempregado
Feminino	15 a 25 anos	Messejana/estudante Barra do Ceará/diarista José Walter/dona de casa Jangurussu/desempregada	Barroso/autônoma Aerolândia/estudante C. Redentor/dona de casa Ant. Bezerra/dona de casa	Jóquei Clube/desempregada H. Jorge/estudante H. Jorge/estudante Farias Brito/estudante
	26 a 49 anos	Bom Jardim/doméstica Conj. Ceará I/dona de casa V. Mel. Sátiro/dona de casa José Walter/doméstica	Mondubim/doméstica Conj. Ceará I/cabeleireira Mondubim/doméstica R. Teófilo/comerciante	Bom Jardim/doméstica C. Redentor/desempregada Barra do Ceará/digitadora Farias Brito/costureira
	50 em diante	C. Redentor/dona de casa Ant. Bezerra/dona de casa Jóquei Clube/dona de casa Maraponga/costureira	Ant. Bezerra/dona de casa Messejana/dona de casa Sta. Rosa/doméstica Barra do Ceará/dona de casa	Cidade 2000/comerciante Cidade 2000/dona de casa Demócrito Rocha/artesã Parangaba/dona de casa

APÊNDICE B - Modelo de ficha de informante

FICHA DO INFORMANTE

DADOS DA ENTREVISTA

1.1. DADOS DO INQUÉRITO

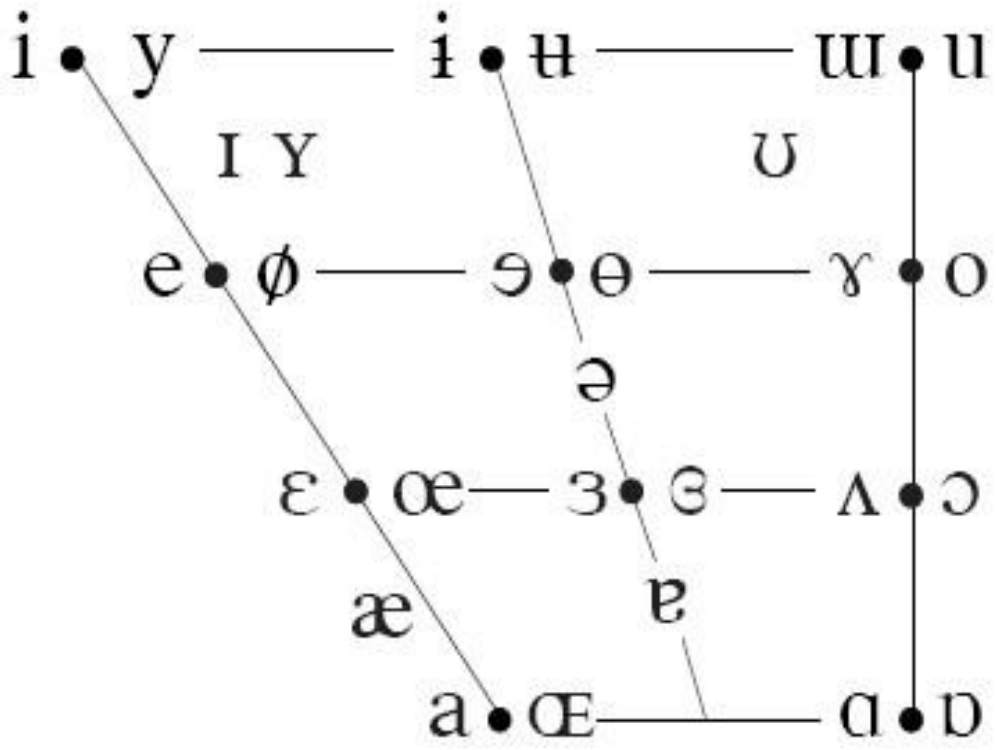
A) DATA _____ / _____ / _____
B) TIPO ( ) EF ( ) D2 ( ) DID
C) DOCUMENTADOR(ES): _____
D) TEMA: _____
E) LOCAL: _____
F) DURAÇÃO: _____
G) GRAU DE INTIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES: Grande ( ) Médio ( ) Escasso ( ) Nulo ( )
H) GRAU DE INTIMIDADE ENTRE LOCUTORES E DOCUMENTADORES: Grande ( ) Médio ( ) Escasso ( ) Nulo ( )

1.2. DADOS DOS INFORMANTES

A) NOME COMPLETO: _____
B) SEXO: M ( ) F ( )
C) NATURALIDADE: ( ) Fortalezense ( ) Cearense – veio para Fortaleza com menos de cinco anos.
D) IDADE: _____
E) ENDEREÇO: Rua_____Nº_____ Bairro: _____
F) TELEFONE: _____ E-MAIL: _____
G) VIAGENS (PARA ONDE E POR QUANTO TEMPO): _____
H) ESCOLARIDADE: ( ) 0 – 4 anos ( ) 5 – 8 anos ( ) 9 – 12 anos
I) CONHECIMENTO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: _____
J) GRAU DE UTILIZAÇÃO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: _____
K) PROFISSÃO: _____
L) OUTRAS ATIVIDADES: _____
M) ESTADO CIVIL: ( ) Solteiro ( ) Casado ( ) Divorciado ( ) Relação estável ( ) Outros
N) NATURALIDADE DOS PAIS: Pai _____ - Ce/ Mãe _____-Ce
O) OCUPAÇÃO DOS PAIS:_____/_____
P) NATURALIDADE DO CÔNJUGE: _____
Q) OCUPAÇÃO DO CÔNJUGE: _____
R) FILHOS (sexo, idade): _____

ANEXO A – Diagrama das vogais cardeais[14]

[14] Fonte: IPA International Phonetic Association (http://www2.arts.gla.ac.uk/IPA/index.htm)


i y ɨ ʉ ɯ u
ɪ ʏ ʊ
e ø ɘ ɵ ɤ o
ə
ɛ œ ɜ ɞ ʌ ɔ
æ ɐ
a ɶ ɑ ɒ

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo